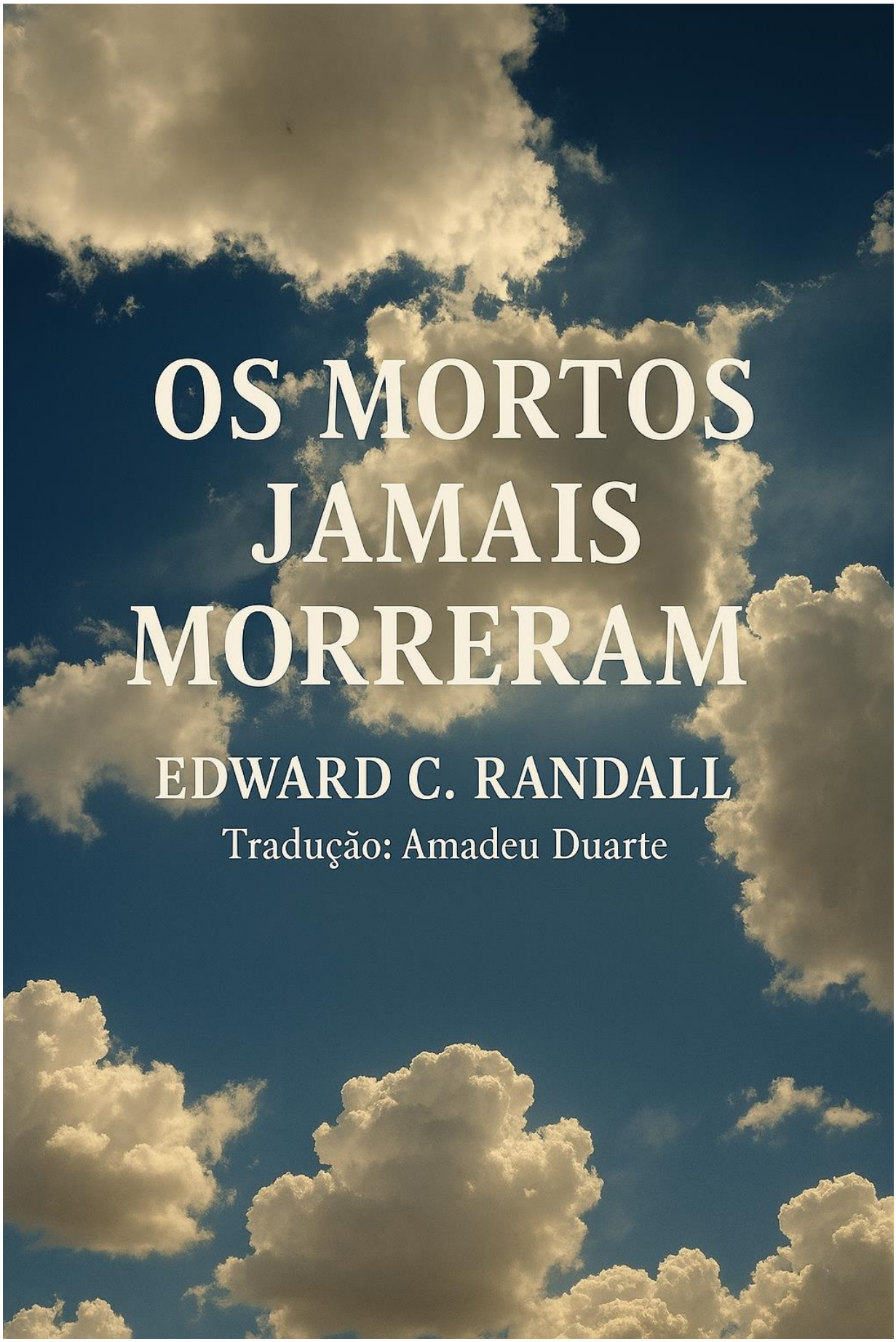
OS MORTOS JAMAIS MORRERAM
EDWARD C. RANDALL
Tradução: Amadeu Duarte

DIREITOS DE AUTOR, 1917, POR ALFRED A. KNOPF

PREFÁCIO

Tive experiências invulgares nas minhas investigações psíquicas ao longo dos últimos vinte anos. Recusando-me a ser limitado pelas leis aceites, dediquei o meu pensamento às condições que prevalecem para além do que normalmente se designa como o mundo material e, ao combinar e fundir as forças mentais e vitais com as forças tangíveis ou físicas, consegui comunicar com aqueles que há muito se pensam mortos. Como resultado, descobri um país desconhecido à volta e para além desta Terra, e não gostaria de deixar este mundo dos homens sem deixar um registo do que aprendi. Somos apenas guardiões do conhecimento, como o somos da riqueza, e é dever de cada um transmitir aos outros aquilo que adquiriu, sempre que isso possa contribuir para a felicidade humana.

Há pessoas que nascem com o que se conhece como força "psíquica" que, quando desenvolvida cientificamente, se tornam instrumentos através dos quais se estabelece a comunicação entre os dois mundos. Tal era o caso de Emily S. French. Era uma mulher com mais de 80 anos à data da sua morte. Com uma inteligência acima da média, dedicou a sua vida a ajudar os outros e, como consequência, o seu carácter espiritualizou-se e refinou-se de tal forma que apenas o bem podia existir no seu ambiente. Fui verdadeiramente afortunado na minha relação com ela. No entanto, mesmo com tal auxílio, foram necessários muitos anos de trabalho e experimentação para se obterem as condições exatas que permitissem uma comunicação satisfatória com os habitantes desse país desconhecido e, deles, obter informações diretas sobre as condições que ali prevalecem. Em certa medida, consegui-o.

Que a vida continua para além da morte foi provado, sem margem para dúvida, por Lombroso, Richet, Sir William Crookes, T. W. Stanford, William T. Stead, Sir Oliver Lodge — todos Cientistas Psíquicos — e mais recentemente por Sir Conan Doyle. Os meus esforços centraram-se na descoberta da lei pela qual a sobrevivência se torna possível; em aprender algo sobre a mudança da morte, o carácter da vida individual que continua e as condições que prevalecem para além do plano terrestre. Se a informação que obtive é fidedigna, e se as minhas deduções estão corretas, então foi feita uma descoberta que retira do coração humano o terrível medo da morte. Nenhum tema no mundo é tão importante como este, e nenhum é menos compreendido.

Nesse mundo para além do nosso existem homens e mulheres tal como aqui. Os seus corpos, de natureza etérica, são compostos por matéria; por isso, têm forma, feições e expressão, nem mais nem menos individualizadas do que quando viviam a vida terrestre. Têm casas tão tangíveis para eles como as nossas são para nós, compostas de matéria etérica tal como as nossas são feitas de substâncias físicas, e nessas casas a relação familiar continua eventualmente. Trabalham para aumentar o seu conhecimento e, sob a grande lei que ali vigora, enriquecem-se ajudando os outros.

Estas proposições, que vão muito além das experiências humanas, não são apenas difíceis de explicar, como também de compreender. Nos capítulos que se

seguem, tentei apresentar os factos de forma tão clara que todos os possam entender. Descrevi fielmente algumas das minhas experiências e apresentei, em substância, os dados que me foram transmitidos. Serão justificadas as minhas conclusões?

Esta investigação foi para mim fonte de grande prazer e proveito. No início, via a mudança da morte com horror. Lembro-me do caixão com os restos mortais da minha mãe a ser descido para a sepultura num triste dia de Abril, com a chuva impiedosa, o vento cortante e as nuvens carregadas. Depois da terra gelada ter caído sobre o túmulo aberto, eu, ainda rapaz, caminhei sozinho e ali mesmo decidi que nunca descansaria enquanto não resolvesse o problema ali colocado e viesse a saber — se ao homem fosse dado saber — algo sobre essa grande mudança. Se tive sucesso ou não, cabe-lhe a si julgar. Creio que demonstrei que nada na Natureza está escondido do homem; não há problema que não possa ser resolvido, nem condição que não possa ser compreendida, desde que trabalhemos longa e diligentemente pelo objetivo desejado.

Mais uma palavra para os que choram. Não há morte; não há mortos. Aqueles que amamos e que nos amaram, em obediência à grande lei da evolução, simplesmente progrediram para um novo plano de existência. Os nossos olhos já não os veem, as nossas mãos e lábios já não os tocam, mas os seus olhos vêem-nos e as suas mãos tocam-nos, embora não os sintamos. Caminham connosco, conhecem as nossas dificuldades, ajudam-nos com sugestões mentais e confortam-nos com pensamentos ternos e amorosos. Aqueles que vivem no Plano Etérico ou Mental não são menos reais para mim do que aqueles com quem caminho todos os dias.

Submeti este manuscrito a um grande número de pensadores avançados tanto na América como na Europa, e a crítica geral foi que está tão à frente da experiência, tão diferente dos antigos ensinamentos e crenças, que poucos compreenderão ou aceitarão as novas proposições aqui apresentadas. Isto é, sem dúvida, verdade, mas os factos tal como os recolhi não podem ser alterados; a verdade é infinita.

Muitos volumes foram escritos pelos maiores autores do mundo para provar a possibilidade de comunicação entre este plano e o seguinte, embora poucos tenham tido o privilégio de gozar de comunicação direta e independente na medida em que eu tive. Aqueles que lerem as páginas que escrevi devem assumir que a comunicação é possível e que tive as experiências que relato. Não pretendo entrar no campo elementar; outros já o exploraram. Tentei transmitir factos conforme me foram apresentados e espero que muitos os aceitem, pois estão de acordo com a lei da natureza e apelam à razão.

É um grande privilégio emergir da massa da vida, alcançar a individualidade com todas as suas possibilidades — não por milagre, mas através de uma lei positiva. Mas esse privilégio traz responsabilidades, entre elas a necessidade de viver uma vida limpa, desenvolver o carácter ao máximo, fazer algo para tornar os outros felizes e deixar o mundo um pouco melhor apenas porque vivemos um dia dentro dos seus limites. Estas coisas não são difíceis de alcançar se formos altruístas. Cada um pode contribuir com algo para o novo pensamento, para o progresso do mundo.

Grandes verdades nascem do obscuro. A noite faz surgir as estrelas.
— Edward C. Randall

ÍNDICE

Capítulo 1 — Vozes dos Mortos-Vivos
Capítulo 2 — Uma Dissolução Consciente
Capítulo 3 — Falar com os Mortos
Capítulo 4 — Relatado na Vida Após a Morte
Capítulo 5 — A Massa da Vida
Capítulo 6 — A Continuidade da Vida
Capítulo 7 — Um Universo de Matéria
Capítulo 8 — O Registo de uma Noite
Capítulo 9 — Vida Atómica
Capítulo 10 — Ambiente Etérico
Capítulo 11 — Tão Pouca Mudança
Capítulo 12 — O Corpo Etérico do Homem
Capítulo 13 — A Terra Desconhecida
Capítulo 14 — Identidade Pessoal
Capítulo 15 — Esferas na Vida Após a Morte
Capítulo 16 — O Seu Dia-a-Dia
Capítulo 17 — Factos Úteis de Saber
Capítulo 18 — Do Sono da Morte
Capítulo 19 — A Imaginação
Capítulo 20 — O Poder da Sugestão
Capítulo 21 — Nunca Há Segredos no Mundo
Capítulo 22 — Atividade Mental
Capítulo 23 — Retrato de uma Criança
Capítulo 24 — Realidades da Vida Após a Morte
Capítulo 25 — Dedução Racional
Capítulo 26 — Uma Homenagem

OS MORTOS JAMAIS MORRERAM

CAPÍTULO I

VOZES DOS MORTOS-VIVOS

A sugestão de que os mortos nunca morreram, quando tão pouco se sabe sobre essa grande mudança, está para além da compreensão da mente comum. O facto de, em condições científicas, aqueles que vivem no além terem conseguido comunicar connosco na vida terrena desafia a credulidade — mas é um facto. Sir William Crookes teve essa experiência de comunicar com os mortos e escreveu sobre ela. O gabinete de Stead, em Londres, trabalhando com Mrs. Wriedt, uma sensitiva americana, realizou essas comunicações com grande liberdade. Durante muitos anos, Daniel Bailey, de Buffalo, foi capaz, com a ajuda de Mrs. Swaine, de captar a voz directa ou independente; fez um trabalho notável e publicou os resultados.

Menciono estes casos para mostrar que não fui o primeiro a conseguir comunicação direta com aqueles que vivem no próximo plano. Milhares de pessoas, por outros meios, têm recebido mensagens do grande além, mas só em raras ocasiões as condições são tais que os mortos conseguem falar audivelmente. A voz independente é invulgar, mas quando se ouve, nada fica à dúvida.

"Como é possível," alguém pergunta, "falar com pessoas mortas?"

Confesso que tal proposição está além da compreensão de muitos, e que uma mera afirmação sobre o assunto nada significa para o indivíduo comum, pois só se pode apreciar aquilo que se experimenta ou que se conhece. Só compreendendo que o mundo espiritual faz parte deste mundo, que está aqui à nossa volta, que é material, que toda a força vital se expressa fisicamente, e que as pessoas além da morte ainda habitam os seus corpos etéricos, é que se pode entender que a comunicação com os mortos-vivos é possível. Mesmo com essa compreensão, é necessário criar determinadas condições científicas para se conversar realmente com os que estão no mundo espiritual.

As condições que permitem a comunicação são extremamente delicadas. A atmosfera pode interferir nos resultados. Por exemplo, quando o ar está agitado antes de uma tempestade, é impossível realizar este trabalho; mas em noites calmas e límpidas, as manifestações são indescritíveis. É necessária escuridão absoluta para que eu possa ouvir a voz direta daqueles que, presentes na minha casa em seus corpos espirituais, usam as suas próprias línguas e produzem as suas próprias vibrações vocais. Para isso, é essencial a ajuda de uma pessoa dotada de forças vitais fora do comum.

O grupo de pessoas no além que trabalha comigo utiliza a força vital de Mrs. Emily S. French, em conjunto com a sua própria energia, criando assim uma nova condição onde as vibrações se tornam mais lentas. É então possível aos espíritos revestirem os seus órgãos de fala de modo que as suas palavras soem no nosso ambiente. Se aceitarmos a hipótese de que os espíritos têm corpos e de que estão

à nossa volta num mundo invisível, não é necessário um grande esforço de imaginação para compreender a possibilidade de falar com os que estão para além do plano terrestre. Quando compreendemos o facto fundamental de que o Universo é matéria, e de que a própria vida é matéria, abrem-se-nos novas possibilidades.

"Fala-nos das condições que te permitem comunicar," perguntei a um espírito que nos falou.

"No nosso grupo," respondeu o espírito, "há sete pessoas — todas peritas no manuseamento das forças elétricas e magnéticas. Quando tu e a sensitiva, Mrs. French, se encontram, a força vital que emana da sua personalidade é reunida. Também extraímos emanações físicas — substâncias — de ti e dos outros que estão contigo, enquanto nós contribuímos com uma certa força espiritual. Essa força que reunimos e distribuímos é tão material como qualquer substância que tu possas recolher para qualquer finalidade; simplesmente, vibra numa frequência mais elevada. Revestimos os órgãos respiratórios do espírito que vai falar, para que a sua voz possa soar na vossa atmosfera, e quando esta condição é alcançada, é tão natural para o espírito como é para ti. Aí tens o que é conhecido como a voz direta ou independente, ou seja, a voz de um espírito a falar como na vida terrena."

Desde que a humanidade saiu da selvajaria, o grande problema tem sido, e continuará a ser: qual é o fim último? O que, se é que há algo, nos espera do outro lado da porta misteriosa da morte? O que acontece quando soa a hora que encerra a carreira terrena do homem, quando, deixando para trás toda a riqueza acumulada em terras e bens, ele parte sozinho para a escuridão? Será a morte o fim — aniquilamento e repouso? Ou, despertará ele noutro plano ou condição, mantendo a individualidade e identidade?

Cada um terá de resolver esta grande questão por si. A dissolução e a mudança chegaram a todas as formas de vida, e chegarão a todas as que vivem. Com a oportunidade a bater-nos à porta, a humanidade tem hoje pouco mais apreço por ela do que tinha nos tempos em que o culto fálico dominava os destinos dos impérios. Pode ser que, enquanto povo, o nosso desenvolvimento tenha sido tal que, até agora, apenas conseguíssemos compreender o comprimento, a largura e a espessura — as três dimensões aceites da matéria; e que só agora, na nossa progressão, estejamos preparados para apreciar e compreender forças vitais que se manifestam para além do plano físico.

Houve um tempo em que todo o conhecimento era transmitido de geração em geração através de histórias, sagas e tradições. Quando a civilização persa já envelhecia, e a ambição se erguia acima das altas muralhas da Babilónia; quando o Egipto construía os seus templos nas margens do Nilo; quando a Grécia era o centro da arte e da cultura, e Roma, com a sua riqueza e luxos, dominava o mundo civilizado — ninguém sonhava com a tipografia e a imprensa, com a eletricidade aplicada, ou com a navegação aérea e as muitas invenções que estavam por vir. Não estavam prontos para tal progresso.

O mundo não pode parar. A grande lei do universo é o progresso. Há apenas duas ou três gerações atrás, a ideia de lançar um cabo sob o mar para transmitir mensagens de continente a continente, por baixo e por cima das águas, era

ridicularizada como uma fantasia. Até há pouco tempo, o mundo não compreendia como palavras e frases podiam ser lançadas pelo oceano imenso, de navio para navio e de terra para terra, sem fios, através do espaço. E quem poderá agora dizer que não é possível enviar pensamentos, palavras, frases, até vozes e mensagens, para o éter do mundo espiritual, onde podem ser ouvidas, registadas e respondidas?

Terá o homem alcançado o fim das suas possibilidades? Parará todo o progresso com as conquistas de Marconi e a telefonia sem fios? Esta é a era do homem; já passámos a era dos deuses. Se o nosso desenvolvimento nos permite compreender a vida e as condições que se seguem à dissolução, então essa compreensão está ao nosso alcance, tanto quanto sempre foi possível o progresso, em todas as épocas e entre todos os povos desde o início do mundo.

Vivemos numa era de mudanças repentinas e rápidas. O que era verdade ontem assume hoje um aspeto diferente, por vezes diametralmente oposto. Vivemos um tempo de transição. Novas visões acompanham os tempos e condições em mudança. A maioria das mentes está sensível, desperta e versátil, e o presente está carregado de inquietação e sede de conhecimento. Este é um período que será fértil em descobertas científicas e na aplicação da lei universal da ação vibratória. Não devemos temer a investigação. Toda a verdade é segura; nada menos basta, e aquele que esconde a verdade, por conveniência ou medo, falha no seu dever para com a humanidade.

Alguns já vieram a conhecer o que espera para lá da grande divisão, já resolveram o grande problema da dissolução, e com a confiança nascida do conhecimento, baseado em factos provados e demonstrados, estão prontos para falar com autoridade. Como um entre muitos, volto a oferecer ao mundo o resultado da minha contínua investigação neste novo campo da ciência psíquica.

Temos olhado para o corpo físico abandonado — habitação ou vestimenta que alguém usou durante o seu desenvolvimento no plano terrestre — e dissemos: "Ele está morto; nunca mais a sua voz pronunciará palavras de ternura, as suas mãos tocarão, ou os seus olhos nos verão, nunca mais conheceremos o seu cuidado amoroso; ele já não existe." Esta é a conclusão mais errada que alguma vez a mente humana alcançou. Quando à noite deixamos de lado a nossa roupa, continuamos a ser os mesmos. E quando, no final de um breve percurso, nos separamos da veste de carne que usamos, não morremos.

Continuamos a ser exatamente a mesma pessoa — mental, moral e espiritualmente — com o mesmo corpo etérico, com capacidade para pensar e funcionar como na vida terrestre. Digo com toda a força e convicção de que disponho: há continuidade em toda a vida; nada se perde; a comunicação é possível e tem acontecido, de muitas formas, com aqueles que vivem na vida após a morte. O meu esforço tem sido criar uma condição em que se torne possível às entidades espirituais revestirem os seus órgãos respiratórios com substância física, para que possam falar connosco como quando estavam na vida terrestre.

Foi-me dado o privilégio de ouvir as suas vozes — o melhor de todos os métodos — centenas de vezes. Milhares de indivíduos falaram, usando os seus próprios

órgãos vocais, e eu respondi. Deste contacto nasceu grande conhecimento, factos para além do saber dos homens, não encontrados em livros, e é meu privilégio partilhá-los convosco.

Deixem de lado ideias pré-concebidas, libertem-se do preconceito, sejam justos e destemidos, enquanto, em linguagem simples, relato o que me foi transmitido por esta fonte maravilhosa. Se não vos parecer verdadeiro, rejeitem-no. Se apelar à razão, será uma ajuda — não só agora, mas também no além.

CAPÍTULO II

UMA DISSOLUÇÃO CONSCIENTE

Sim, sei que já não sou um habitante da esfera terrestre, que estou entre os mortos; e é precisamente porque compreendo plenamente a grande mudança pela qual passei, que o grupo de espíritos que trabalha convosco e que controla as condições deste lado, me pediu que vos falasse — e, através de vós, a todos os que choram os seus mortos. Sabem, claro, que ao falar, estou a usar a minha própria voz.

Do silêncio, da escuridão, numa sala dedicada exclusivamente à investigação psíquica, vieram estas palavras; alguém que o mundo considera morto estava a falar. Nunca deixo de me impressionar quando uma voz fala pela primeira vez do mundo invisível — é tão invulgar, tão maravilhoso, e ainda assim, para mim, tão natural. Conheço apenas dois sensitivos capazes de contribuir para as condições necessárias à manifestação da voz direta ou independente. Emily S. French, que dedicou os melhores anos da sua vida ao meu trabalho, era uma delas, e naquela ocasião estava sozinha comigo, na sala da minha casa dedicada exclusivamente a esse fim. As condições eram então tais que os que já não habitavam o corpo físico podiam falar de forma audível.

O público quer saber — e eu sempre quis saber — qual a sensação envolvida na mudança provocada pela morte, no despertar; o que os olhos veem, ou os ouvidos ouvem, quando a consciência continua ou retorna pela primeira vez. Por isso, quando este homem falou com tanta clareza e força, decidi obter, daquele que tinha passado pela mudança, um relato abrangente do estado mental, não apenas antes, mas também depois da transição.

"Grande parte das informações que recebemos do plano onde agora vives é geral e imprecisa," disse-lhe, "não poderias ser mais específico e contar-nos, primeiro, algo sobre a tua ocupação e sobre as condições imediatamente anteriores à tua dissolução?"

"Venho de uma longa linhagem de soldados," respondeu ele. "Os meus antepassados lutaram na Revolução Americana e estiveram entre os que ajudaram a estabelecer a vossa República; talvez tenha herdado um espírito marcial. Quando os Confederados dispararam o primeiro tiro e Lincoln fez o seu apelo por voluntários, senti um desejo ardente de me alistar no exército. Tinha uma esposa e

dois filhos, a quem, agora sei, devia um dever muito maior do que à minha pátria, mas o discurso inflamado das pessoas, o perigo que ameaçava a nação, a escravidão que grassava nos Estados do Sul e toda a preparação para a guerra incitaram-me. Com palavras forçadas de coragem, deixei a esposa valente e os filhos pequenos, alistei-me e tornei-me soldado da União.

"Não tomarei o vosso tempo para relatar a minha vida no exército, exceto para falar das noites no acampamento, quando os meus pensamentos voavam até aos que ficaram em casa, sabendo eu que os recursos financeiros se iam esgotando lentamente. A ideia dominante era sempre a mesma: a guerra terminaria em breve, e então viria o regresso, e os planos que eu traçara para compensar a minha longa ausência seriam concretizados. Mas a guerra não terminou, e batalha após batalha foi sendo travada — ora com vitórias de um lado, ora do outro. Participei em muitas, e parecia viver uma vida encantada, pois, enquanto milhares à minha volta caíam, eu permanecia ileso e, assim, tornei-me destemido."

"Em que circunstâncias encontraste a morte?" perguntei.

"Foi em Gettysburg," respondeu. "Consigo ver e sentir tudo novamente à medida que me concentro nesse evento trágico. Era o segundo dia dessa grande batalha. Nessa altura, eu era coronel e comandava um regimento na reserva; à nossa frente, a batalha rugia. Bala e obus cruzavam os céus e explodiam perto de nós, as espingardas cuspiam fogo, a terra parecia tremer; numerosos feridos eram levados para a retaguarda, e sabíamos que inúmeros mortos juncavam o solo onde tinham tombado. Esperávamos, sabendo que era apenas uma questão de horas — talvez minutos — até chegar a ordem de avançar. Olhei ao longo da linha para os rostos empalidecidos; todos sabíamos que muitos não responderiam à chamada à noite. E mesmo assim, esperámos. De repente, emergindo do fumo, galopou um oficial do estado-maior do general. 'Avançar', foi a ordem.

"Nesse momento, não houve hesitação. A coluna moveu-se. Em breve, os tiros e obuses caíram sobre nós, mas continuámos. Tudo era excitação, o medo desaparecera; só tínhamos um desejo: matar — tal é a luxúria da batalha. Pouco mais recordo. Chegámos à frente e vimos a linha cinzenta a avançar pela colina acima na nossa direção; depois, escuridão. Agora sei que fui atingido por uma bala."

"Fala-me do regresso à consciência e do que viste," pedi.

"Deves lembrar-te," respondeu o espírito, "que estes eventos trágicos ocorreram há quase meio século, e que, nessa altura, ainda não se sabia que havia outra vida, um plano tão material como aquele que agora habitais, onde a vida continua. Eu não tinha qualquer noção de uma existência para além da morte, pois, apesar de toda a minha educação religiosa, não fazia ideia do que seria ou onde ficaria essa vida futura; e nem sequer tinha a certeza de que tal vida existisse. Por isso, podes imaginar o meu espanto ao despertar como de um sono profundo; confuso, pus-me de pé e, ao olhar para baixo, vi o meu corpo entre muitos outros espalhados pelo chão. Foi chocante. Esforcei-me para organizar os pensamentos e recordar os acontecimentos.

Então, lembrei-me da batalha terrível; ainda assim, não percebi de imediato que tinha sido baleado. Estava separado do corpo, mas parecia de alguma forma ainda preso à forma que tão recentemente habitara. O meu estado mental era de profundo desconforto. Como podia eu estar vivo, ter um corpo, e ainda assim estar separado daquela estrutura que eu sempre julgara ser o meu corpo?

"Tentei pensar e compreender a minha situação. Olhei à minha volta; outros dos que pareciam mortos mexiam-se, davam sinais de vida. Muitos deles ergueram-se, tal como eu, parecendo emergir dos seus corpos físicos, pois os seus velhos corpos ainda jaziam no campo. Observei outros corpos estendidos, examinei muitos; algo tinha partido de cada um. Ao passar por entre eles novamente, encontrei corpos ainda habitados, ainda vivos, como diriam aí na Terra, embora feridos e inconscientes.

"Em breve, encontrei-me entre milhares num estado mental semelhante. Nenhum de nós sabia exatamente o que tinha acontecido. Não sabia, como agora sei, que sempre possuí um corpo espiritual, feito de um material chamado Éter, e que o corpo físico não passava da veste que esse corpo usava durante a vida terrena."

"O que te trouxe a plena compreensão do que te acontecera?" perguntei.

"Já lá vou," disse ele. "Embora abandonar o corpo velho não tenha sido doloroso, é uma coisa terrível arrancar um espírito forte de um corpo saudável, separá-lo da sua cobertura. É algo contra a natureza, e a sensação que vem com o reajuste é horrível. Pouco tempo depois, comecei a sentir-me melhor, mas continuava confuso. Não era noite nem dia; à nossa volta, tudo era penumbra — nem um raio de luz, nem uma estrela."

Algo semelhante a uma atmosfera escura e avermelhada envolvia-nos a todos, e esperávamos em silêncio e medo; parecíamos sentir os pensamentos uns dos outros, ou melhor dizendo, ouvíamo-nos a pensar. Nenhuma palavra era pronunciada. Não sei dizer quanto tempo permanecemos nesse estado, pois não medimos o tempo como vós o fazeis. Logo surgiu um raio de luz que se foi tornando mais brilhante a cada instante, e então apareceu uma grande multidão de homens e mulheres de rostos bondosos, que nos dirigiram palavras de consolo, dizendo para não termos medo; que tínhamos passado pela grande mudança; que a chamada morte apenas ampliava a nossa esfera de vida; que continuávamos seres vivos, agora habitantes do primeiro plano para além da Terra; que viveríamos eternamente e alcançaríamos um maior desenvolvimento mental através do trabalho; que para nós a guerra terminara, e que tínhamos atravessado o vale da morte.

Não tentarei descrever a dor que veio com tal compreensão — não por mim, pois cedo percebi que só através da morte poderíamos progredir, e que as vantagens pessoais para além do plano físico eram maiores do que as do mundo físico; a dor era pela esposa e pelos filhos — a sua imensa angústia ao saberem o que me acontecera ligou-me ao seu sofrimento, e chorámos juntos. Não consegui progredir nem encontrar felicidade até que o tempo curasse a tristeza deles. Se ao menos os que vivem na Terra soubessem que a sua dor nos prende e impede o nosso progresso e desenvolvimento! Depois de, com a ajuda de muitos amigos, alcançar a

plena consciência e ser capaz de me mover livremente, comecei por seguir os movimentos de ambos os exércitos. Vi a retirada do exército de Lee, a rendição final em Appomattox, e quero dizer-te o grande esforço que os habitantes desta terra onde agora vivo fazem não apenas para evitar guerras, mas para trazer a paz quando nações ou povos estão em conflito — pois a guerra nunca é justa. Tirar a vida humana nunca é justificável.

Esta foi a primeira vez que tive o privilégio pessoal de enviar uma mensagem ao mundo que outrora habitei. Foi um grande prazer partilhar contigo algo das sensações durante e após a mudança. Há uma experiência que quero relatar, pois marcou-me profundamente. Um dia vi muitas pessoas a entrar num edifício com a aparência de um grande Templo da Música. Disseram-me que podia entrar, se desejasse — e entrei. Lá estavam reunidas, calculo, cinco mil pessoas. Estavam sentadas de cabeça baixa, num silêncio tão absoluto que me maravilhei. Voltei-me e perguntei a uma pessoa ao meu lado qual era o propósito da reunião, e disseram-me que estavam a concentrar os seus pensamentos, enviando vibrações de paz para nações em guerra. Não compreendi, mas, curioso, esperei.

Logo, sobre aquela grande assembleia, surgiu uma nuvem dourada que se formava e movia como se dirigida. Tendo aprendido que podia deslocar-me livremente, segui a nuvem e descobri que ela envolvia outro campo de batalha. Novamente vi uma condição escura com flashes de vermelho, imediatamente sobre e em redor de dois grandes exércitos, pois os pensamentos dos que combatiam emitiam emanações que produziam tal efeito. Era, essencialmente, a mesma aparência que prevalecera no meu próprio despertar.

À medida que observava, a escuridão parecia dissolver-se perante as condições pacíficas da luz que eu seguira, tal como o nevoeiro se dissipa perante o sol. Com essa mudança, um pensamento mais nobre encheu as mentes dos combatentes — uma inclinação para tratar com mais humanidade os feridos e os prisioneiros. Esta é uma das formas pelas quais os mais experientes entre nós ajudam o mental, assim como entre vós se auxilia o físico; ambos são igualmente reais.

Entre nós estão os grandes, que se reúnem e trabalham para influenciar aqueles que têm autoridade contra a guerra, enquanto outros, através de sugestões mentais, ajudam e sustentam os pobres soldados forçados a combater — seja para satisfazer a ganância, egoísmo e ambição dos poderosos, seja para defender uma nação ou a integridade do seu país. Nós não conhecemos lados; vemos apenas o sofrimento humano, o luto das mães, o coração despedaçado das esposas, o choro das crianças.

Todos são humanos, e sem distinção ou classe, trabalhamos para os confortar e ajudar por meio da sugestão mental. Nesse trabalho, entramos nos seus lares, uma grande hoste invisível, e muitos corações têm sido reconfortados graças à nossa intervenção. Outras guerras virão, a menos que o pensamento dos que agora detêm o poder se transforme; então será exigido de nós um grande trabalho — e estamos preparados.

"Isto tem sido extremamente interessante, mas apenas mais uma palavra: como te parece agora a vida na Terra, depois de tantos anos?" perguntei.

"Quanto te recordas dos teus primeiros anos, quando em criança contemplavas o mundo?" respondeu ele. "Assim é comigo. Tenho apenas uma vaga lembrança dos acontecimentos que compuseram a minha vida terrena, apenas uma memória permanece, suficiente ainda assim para me fazer lamentar muitas oportunidades perdidas. Não era então um pensador, apenas alguém que se deixava levar; aceitava o que me diziam sem questionar, e como resultado, não desenvolvi as minhas faculdades mentais.

Esta vida oferece oportunidades esplêndidas, e a alegria de viver o presente é tão intensa, que raramente penso na vida terrestre. Todas as provas, dores e sofrimentos próprios do nascimento e dos poucos anos no vosso mundo físico foram necessários, e do ponto em que agora me encontro, viver mais ou menos alguns anos, ou a forma como parti, são detalhes sem importância; tudo isso está agora esquecido perante a maravilhosa realidade que me rodeia. Assim que compreendi o que era a morte e o que ela significava, comecei imediatamente a completar a minha educação e a construir um lar para a esposa e os filhos — e é com alegria que te digo que voltamos a viver juntos, pois todos eles estão aqui, nesta terra de felicidade e oportunidade."

Na presença de uma experiência como esta — ouvindo um indivíduo falar do mundo além, relatando uma outra terra, desconhecida, onde todos os chamados mortos vivem, pensam, movem-se, desenvolvem-se e progridem — os eruditos deveriam compreender que três dimensões e cinco sentidos não bastam para explicar as condições que existem para além deste plano.

"A Primavera soava trombetas de cor;
O seu Verde cantava-me no cérebro.
Vi um cego a tatear,
'Tac-tac' com a bengala;
Lastimei-lhe a cegueira —
Mas poderei eu vangloriar-me de *ver*?
Talvez um espírito caminhe
Ao meu lado e me lamente —
Um espírito que me ouve tatear
Com a bengala dos cinco sentidos da mente,
No meio de glórias desconhecidas
Posso ser pior que cego."

CAPÍTULO III

COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS

Foi no ano de 1892 que conheci Emily S. French. Era então uma mulher com mais de sessenta anos, de saúde frágil e muito surda. Embora tivesse consciência de possuir poderes fora do comum, compreendia pouco mais do que eu sobre o que essa força viria a revelar. Por sugestão de vários cidadãos proeminentes, fui convidado a encontrar-me com Mrs. French e a explicar, se conseguisse, os fenómenos invulgares que ela era capaz de manifestar.

Numa das nossas primeiras investigações, sentámo-nos numa sala escura, três pessoas em meia-lua, ela de frente para nós. Passado algum tempo, sussurros ténues pareciam ouvir-se, e o cavalheiro que estava comigo insistiu que reconhecera a voz da sua esposa. Para mim, não foi satisfatório, mas fiquei interessado e iniciei de imediato uma investigação sobre o carácter da sensitiva. Descobri que pertencia a uma boa família e possuía uma educação superior à média, pelo que decidi compreender como se produziam tais fenómenos. Naturalmente, naquela altura eu não era capaz de conceber a possibilidade da "voz direta" nem a de se falar com os chamados mortos. Era então agnóstico.

Ao olhar para trás, percebo que não tinha nem a experiência nem a capacidade de apreciar os factos — tal como o leitor comum deste livro poderá não conseguir compreender algumas das afirmações aqui feitas. Tive de aprender, primeiro, que a vida após a morte é etérica, e que as pessoas levam consigo o mesmo corpo espiritual que possuíam em vida, apenas despido da veste carnal exterior. Naqueles tempos, eu não sabia que temos corpos etéricos.

Logo no início, descobri que Mrs. French tinha grande receio da manifestação desta força psíquica. Todos tememos aquilo que não compreendemos, e, como não compreendia os fenómenos invulgares que se apresentavam, ela muitas vezes sentia medo. Investiguei o suficiente para perceber que ela possuía uma força vital que me era desconhecida. Ela estava tão às escuras quanto eu, e igualmente interessada. Assim, aceitou juntar-se a mim numa investigação, dedicando o seu tempo, sem pedir dinheiro nem recompensa, ao domínio dessa força, na esperança de que dela resultasse algum bem. Dessa colaboração nasceram mais de vinte anos de trabalho contínuo, e experiências que, para mim, são dignas de registo.

Diz-se que possuímos apenas cinco sentidos. Na verdade, o indivíduo médio tem apenas cinco sentidos desenvolvidos; algumas pessoas, porém, têm sete. Aos cinco sentidos comuns, acrescento a "visão psíquica" e a "audição psíquica". Mrs. French possuía ambos. Por vezes, conseguia ver pessoas a mover-se na vida após a morte — não com os olhos físicos, claro, mas através da visão psíquica. Percebia-as de forma tão nítida que eram tão reais para ela como se a imagem tivesse atingido a retina. Isto era evidente porque conseguia ver e descrever essas pessoas tanto na escuridão como à luz. Além disso, tinha audição psíquica, pois pude, em muitas ocasiões, conversar em plena luz do dia com pessoas fora do corpo (ela repetia as palavras delas), com tanta clareza como se ainda estivessem nos seus corpos físicos. Nessas conversas, frequentemente ultrapassávamos em conhecimento aquilo que a própria sensitiva sabia.

No início, a fala dos espíritos era fraca e indistinta. Conseguia apenas comunicar com entidades espirituais bastante simples, e muitas vezes sentia frustração por aqueles com quem mais desejava falar não aparecerem. Não compreendia então, como agora compreendo, as minhas próprias limitações, pois hoje sei que o ensino me era dado à medida da minha capacidade de o absorver. Sempre que um novo facto me era revelado, a lei e as condições que o tornavam possível eram explicadas. Os primeiros princípios eram muito simples, mas com o passar dos anos fizemos grandes progressos. Aprendemos a criar o ambiente adequado; primeiro surgia um sussurro, depois uma voz; mais tarde, a voz ganhava tom e individualidade. Com o tempo, os membros do grupo com quem me habituara a comunicar tornaram-se facilmente reconhecíveis.

Havia uma pessoa em particular com quem, desde o primeiro contacto com Mrs. French, eu ansiava falar: a minha mãe, que deixara esta vida em 1873. O tempo passou, e ela não vinha. Finalmente, pediu-me que me encontrasse com Mrs. French sob as condições necessárias, a 26 de Maio de 1896, dizendo que viria para conversarmos sobre muitos assuntos que nos interessavam mutuamente.

Por volta das dez da manhã desse dia, o Edifício Brown, em Buffalo, então em obras, desabou. Correram rumores na rua de que muitas pessoas tinham morrido — o número falado era de seis ou sete, se bem me lembro. Claro que não havia forma de confirmar a verdade até os escombros serem removidos, o que levaria muitos dias.

Mrs. French e eu mal nos tínhamos sentado nessa noite quando a minha mãe me saudou com a sua própria voz direta e, com grande pesar, disse que, devido ao acidente daquela manhã, teria de adiar o prazer da nossa conversa para outro momento, pois poderíamos ser de grande ajuda àqueles cujas vidas tinham sido ceifadas — eles precisavam de auxílio. Concordei, naturalmente, com a sugestão. Seguiu-se talvez um silêncio de dez minutos; então uma voz, entrecortada por tosses e engasgos, rompeu o silêncio e gritou:

"Meu Deus, o edifício está a cair, o edifício está a cair. Por aqui, por aqui!"
A situação era tensa e arrebatadora. Levantei-me parcialmente. Outra voz respondeu, numa língua estranha. As palavras eram indistintas, mas pareceu-me que alguém respondia ao primeiro chamamento. Seguiu-se, logo de seguida, a voz de uma mulher, gritando em grande pavor:

"Vamos todos morrer! Ajudem-me, ajudem-me!"

Este foi o início do que chamamos o nosso "trabalho de missão", ou seja, ajudar a restaurar a consciência àqueles que, ao deixarem o corpo físico, não conseguem de imediato readquirir essa condição. Ajudava nesse trabalho, como vim a saber mais tarde, um grupo de sete co-trabalhadores espirituais que trouxeram até nós essas pessoas infelizes cujos corpos espirituais haviam sido violentamente expulsos do corpo físico pela queda do edifício. Cabia-nos restaurar-lhes o estado mental normal e, seguindo a sugestão dos espíritos cooperantes, falei-lhes calmamente. Com o tempo, contei-lhes o que acontecera e ajudei-os a tomarem consciência da sua situação.

Eventualmente, compreenderam que, com a queda daquele edifício, os seus espíritos tinham sido separados dos corpos físicos, e quando perceberam que, na catástrofe, haviam deixado a vida terrena, a dor que sentiram era indescritível. Um deles disse-me, naquela noite, que quatro pessoas — William P. Straub, George Metz, Michael Schurdte (um polaco), e Jennie M. Griffin, uma mulher — tinham perdido a vida na queda do edifício. Essa informação foi confirmada alguns dias depois.

Depois de falarem comigo, de voz para voz, tomaram consciência de que tinham passado pela mudança a que chamamos morte. Então, os seus amigos no além vieram ao seu encontro, foram reconhecidos por eles, e levaram-nos, dando-lhes o consolo possível nas circunstâncias trágicas.

Perguntei ao líder do grupo espiritual por que motivo as vozes, ao serem ouvidas pela primeira vez, soavam tão tensas, e a fala era tão entrecortada, com tanto engasgo. Ele respondeu que uma pessoa, quando é violentamente expulsa do corpo físico, ao recobrar a consciência e a clareza mental, termina frases que ficaram por dizer no momento da dissolução; que no despertar retoma exatamente o estado em que partiu.

Depois de eles partirem, Mrs. French disse:

— "Vejo atrás de ti um homem com cerca de cinquenta e cinco anos ou mais, de carácter forte, segundo julgo. Está a ouvir esta conversa e olha para ti com espanto. Parece não compreender."

Perguntei-lhe:

— "Ele conhece-me?"

— "Responde que sim."

— "Diz o nome?"

— "Ainda não."

Como estávamos na mais completa escuridão e eu não possuía nem visão nem audição psíquica, nem o via nem o ouvia. Então perguntei:

— "Ele viveu em Buffalo?"

— "Não."

Continuei a indagar sobre outras localidades e mencionei uma cidade onde vivi durante vários anos, perguntando:

— "Ele era residente dessa cidade?"

— "Diz que sim."

Então comecei a repetir os nomes de vários conhecidos, tentando identificar a pessoa presente, com o desejo de poder falar com ela. Finalmente, Mrs. French disse:

— "Vejo as letras H. G. B."

De imediato recordei o homem descrito e pronunciei o seu nome. Fora um cidadão proeminente de uma cidade vizinha, um grande industrial. Lembrei-me de muitas noites passadas em sua casa, com a família, e em especial recordei a sua voz. Aos domingos à noite, costumava receber jovens, e nesses encontros cantavam-se canções populares e antigos hinos. A sua voz era marcante, grave, ressonante e cantava muito bem. Era uma daquelas vozes que, uma vez ouvidas, nunca se esquecem. Estava fora do corpo havia cerca de cinco anos.

Passado algum tempo, ele pareceu mover-se até junto de Mrs. French e saudou-me. Aquela voz masculina profunda teria sido reconhecida mesmo que ele não dissesse o nome — não havia erro possível. Chamou-me pelo meu nome com a mesma familiaridade de sempre, e eu correspondi com a mesma cordialidade de outrora.

Eu acreditava que aquele homem tinha levado uma vida exemplar — essa era a imagem que dele se tinha na comunidade em que vivia — e julgava que ele, entre todos, encontraria as melhores condições após a dissolução. No entanto, ele ainda não se apercebera de que se separara do corpo físico. Sabia que alguma grande mudança tinha ocorrido, mas não fazia a menor ideia do que se tratava, mesmo cinco anos depois. Disse-me que a esposa e os filhos já não o reconheciam na própria casa. Que falava com eles, que os chamava, que se ajoelhava e gritava os seus nomes, mas que aparentemente não conseguia tocá-los nem fazê-los perceber a sua presença — passavam por ele com indiferença.

A incapacidade de se fazer notar na casa onde sempre fora a figura dominante, e a indiferença com que era tratado não só pela família como também por outros com quem tentava interagir, tinham-no levado quase ao desespero. Não conseguia compreender a situação e receava estar à beira da loucura — senão já completamente insano. Tudo era escuridão à sua volta, tudo parecia irreal, e ele estava em pânico. Foi uma tarefa delicada levá-lo a tomar consciência da grande mudança por que passara, porque a sua condição atual era-lhe intensamente real. Era o mesmo homem, tinha o mesmo intelecto, a mesma personalidade, aparentemente o mesmo corpo. Por que motivo era ignorado e esquecido por todos os que conhecera?

Só após muitas explicações conseguiu perceber que tinha deixado o mundo físico dos homens. Tendo em mente a vida exemplar que acreditava que ele tinha levado, perguntei-lhe por que razão se encontrava naquele estado mental, e ele respondeu que não vivera a vida pela qual fora creditado.

Um dos membros do grupo espiritual presente disse:

— "O mal cometido na vida terrena prende-o à condição terrestre. Embora tenha deixado o corpo físico, ainda não se afastou da Terra e do seu ambiente. E, por não

ter conhecimento do grande além para onde viajou, nunca progrediu para além do plano terrestre onde antes viveu. Nesse estado mental, não consegue compreender a mudança que lhe ocorreu."

Aparentemente, ele nunca deixara o seu lar e o ambiente restrito que o rodeava. Num estado meio desperto, meio consciente, vagueara de um lado para o outro, até que, por sorte, alguém lhe disse que, se assistisse ao nosso trabalho, compreenderia a mudança que ocorrera na sua vida. Com esta experiência tão invulgar, despedimo-nos do nosso grupo de co-trabalhadores espirituais com um "Boa noite" e regressei a casa, mergulhado em profunda reflexão.

Que se poderá dizer da nossa civilização, que nada ensina sobre as condições que prevalecem na vida após a morte?

CAPÍTULO IV

RELATADO NA VIDA APÓS A MORTE

Se há algo que este mundo deveria saber — algo que ainda não sabe, mas deseja profundamente compreender — é o processo pelo qual um habitante deste plano de consciência abandona o corpo físico para se tornar habitante do plano seguinte, o etérico. Falo da Terra e do plano etérico, do "aqui" e do "além", para me fazer entender, mas, tecnicamente, este, o próximo e todos os planos de existência são um só — diferem apenas em atividade vibratória, ou modos de movimento. O Universo é um todo imenso e indivisível.

Só quem passou pela grande mudança pode descrever de forma adequada as condições em que se vive no plano seguinte. Durante muitos anos tenho trocado com outros cientistas psíquicos relatórios de condições e comunicações provenientes desse plano. T. W. Stanford, da Austrália, enviou-me uma mensagem do além recebida por ele, que o meu grupo espiritual confirmou como sendo um testemunho verdadeiro. Com a sua permissão, cito-a abaixo:

"Na minha fraqueza, tornei-me inconsciente de tudo o que me rodeava; mas logo voltei a ter consciência de várias coisas. Percebi que algo que me oprimia e me agarrava fatalmente desaparecera. Estava livre — e, no lugar da fraqueza, dor e doença, sentia uma vitalidade e vigor que nunca conhecera no plano terreno. Estava também ciente de que me encontrava num ambiente novo e lindíssimo.

"Depois percebi que estava no meio de uma companhia de almas amigas, cujas vozes vibravam de alegria, todos a dar-me as boas-vindas, incluindo alguns que tinha perdido temporariamente durante a minha vida na Terra. Então soube que uma grande mudança ocorrera, que me livrara de tudo aquilo de que eu desejava libertar-me, ou que algum poder me concedera uma experiência deliciosa — algo que por vezes imaginara, mas que mal ousara acreditar que pudesse ser real.

"Rodeado por uma companhia inefável, fiquei deslumbrado com a presença de alguns seres que, conforme me foi explicado, eram personalidades elevadas. Então

aproximou-se um que parecia o orador principal. Disse-me que o universo estava diante de mim, que o tempo deixara de existir, e que doravante eu seria habitante de um novo país. Perguntar-me-ás: foi tudo agradável? Extremamente.

"Como poderei ilustrar de modo a que compreendas? Alguma vez, após uma longa jornada, ficaste exausto, e finalmente, ao fim de tanta luta e viagem, chegaste a uma casa de repouso? Como te deixaste cair naquele leito fofo... Oh, o deleite! Sem sonhos a perturbar o descanso, acordaste como um gigante renovado. Para mim, foi algo assim — ainda que mesmo isso seja uma descrição fraca. Mas o que me trouxe maior felicidade foi saber que recuperara tudo o que pensara ter perdido: saúde, força, vitalidade, amigos e entes queridos — todos restaurados para sempre.

"Sempre fui amante do belo. Passei dias, semanas, meses em galerias de arte na Europa, contemplando obras dos grandes mestres. Muitos deles viveram centenas de anos antes de eu ter vindo ao plano terrestre, mas parecia que os conhecia desde sempre. Sonhava com eles. Da Vinci era como um companheiro constante; Murillo, um camarada de eleição; por Giotto, sentia uma amizade profunda e duradoura. Amava o belo em todas as suas formas. Amava a Natureza — os belos lagos de Itália e da Suíça, as montanhas gloriosas, as colinas eternas.

"Os meus amigos na vida espiritual disseram-me: 'Vem ver a Casa Bela.' Tenta compreender, se puderes, que não apenas as paisagens são espirituais, mas também o é toda a beleza que há do outro lado da vida. O físico é apenas uma imitação grosseira do espiritual. Não existe linguagem que possa descrever a beleza dos reinos espirituais, onde habitam as almas que acabam de iniciar a sua existência progressiva — almas que lutaram por fazer o melhor, conforme a luz que tinham. Digo-te que não há língua que consiga descrever as maravilhas dessa terra. Pega no melhor que tens — e ainda assim será pobre em comparação.

"Depois fui conduzido às moradas espirituais, onde encontrei mais amigos, mais familiares e, mais grandioso ainda, aquelas almas reais que haviam sido minhas afinidades na Terra — companheiros da paleta e do pincel, e outros a quem sempre reverenciei com devoção. Mas encontrei-os mais elevados, mais nobres, mais grandiosos do que jamais tinham sido na vida terrena — e tive o privilégio de me tornar um dos seus companheiros. Continuei o meu caminho. Cheguei então a uma Casa de Repouso. Isso pode parecer estranho. Dirás: como podem existir casas de repouso se não há cansaço?

"Pois não há fadiga como aquela que experimentaste na Terra; mas existem casas onde, na vida espiritual, podemos repousar e ter agradáveis encontros com os amigos. Entrámos numa dessas casas, e ali estavam parentes e amigos. Alguns não estavam no mesmo plano de existência que eu, mas tinham recebido permissão para descer até ao meu plano para me encontrar — de forma que, com verdade, pude dizer: 'Aquele que estava morto, está vivo de novo; aquele que esteve perdido por algum tempo, foi encontrado.'

"E então veio a memória — imagina a alegria da memória! Trouxe comigo a personalidade e a memória para o mundo espiritual, e pude comparar a existência em Roma com aquela que agora desfrutava. Digo-te: o que me dava mais prazer e

alegria era a expectativa do que ainda estava por vir. Não há alegria na Terra como a que se encontra no Céu — pois ali é pura, sem mácula.

"Tornei-me consciente de que tinha de fazer algo — de que teria de trabalhar — e isso era uma alegria. Poderia eu ser um mensageiro? Pensei em alguns dos que ainda viviam no plano terrestre e que eu amara profundamente, e lembrei-me de que estavam em escuridão espiritual. Perguntei:

— "Onde está o Céu da ortodoxia?"

— "'Não existe,' foi a resposta que obtive.

— "E o purgatório de que tantas vezes me falaram?"

— "'Também não existe.'"

"Mas os meus amigos estavam na escuridão, e nasceu em mim o desejo de ir até eles, de lhes contar o que agora sabia. Queria dizer-lhes: 'Não vos iludais; há algo melhor, mais brilhante, mais grandioso e mais nobre para as almas humanas do que aquilo que vos foi ensinado.' Disseram-me que eu poderia regressar e que seria possível comunicar com os que ainda estavam na Terra, se encontrasse um certo canal, um caminho, um instrumento. Como o encontraria?

— "Todas as coisas são vossas", é a promessa. Por isso, tive de procurar o meio e o instrumento — e encontrei-o. E tu ajudaste-me. Esse é o trabalho que agora faço, e ele dá-me uma felicidade ainda maior.

Disseram-me que existiam belezas espirituais ainda maiores que eu não vira e que ainda não podia compreender, porque o universo é ilimitado. Há algo de esmagadoramente grandioso na ideia de que não estamos confinados a um pequeno espaço de alguns milhões de milhas. Não — este universo é vasto, e o campo de exploração é meu. É meu por direito. Trabalhei por ele, e ainda tenho de continuar a trabalhar por ele. Toma nota disso: tenho de trabalhar e ganhar o direito de explorar os domínios de Deus, e colher felicidade de cada lugar, estado e condição da minha existência espiritual.

"'Gostas de arquitetura grandiosa? De onde pensas que os antigos gregos tiraram os seus primeiros desenhos? Fídias e Praxíteles foram, sem dúvida, os maiores escultores gregos. Havia arquitetos maravilhosos nesses tempos. Quando estive no plano terreno, fiz uma viagem de nove meses pela Grécia, Roma e Sicília, para estudar a arquitetura dos antigos. Visitei todos os templos, em ruínas ou intactos. E digo-te: são montes de pedras — absolutamente desprezíveis quando comparados com a arquitetura espiritual das casas e moradas no mundo do espírito. Se tens um corpo espiritual, por que razão não hás de ter uma casa espiritual?

"'Livra-te da ideia de que serás apenas um sopro de vento na vida além. Mesmo o vento pode ser solidificado — pois vento é atmosfera em movimento, e é possível solidificar a atmosfera.

"E depois encontrei os habitantes daquele mundo espiritual. Nunca antes acreditei — nem sonhei — que pudessem existir em formas tão belas. Para a maioria das pessoas, a beleza da forma é uma fonte de alegria e conforto. Os gregos e os romanos amavam a beleza da forma — e sei que tu também. Vi formas das mais sublimes à medida que progredia, e todos os dias, para usar a tua linguagem, reencontrava alguém que conhecera no plano terrestre. E que palavras podem descrever a alegria disso? A alguns deles eu tinha feito pequenos atos de bondade. E deixa-me dizer-te: de todos os prazeres que tive do lado espiritual da vida, os maiores vieram daqueles a quem eu, em vida, tinha feito algum bem.
Se pudesse viver novamente a minha vida na Terra, gastaria cada hora a fazer o bem — passaria a vida a praticar atos de bondade.

"Nas nossas casas de repouso espiritual, encontramo-nos com frequência não apenas com os que amamos, mas também com aqueles que reverenciávamos e adorávamos. Também fazemos novos conhecidos. Ganhamos conhecimento de grandes almas, e entramos em contacto com elas. Com o tempo, fui designado por uma Inteligência superior para uma determinada tarefa: ajudar outros a verem a luz, e foi-me dada permissão para regressar à Terra. Então o meu instrutor disse:

— "Faz aquilo que te trouxer mais alegria."

E assim, regressei.

"Conheci muitos homens e mulheres de carácter grandioso, que viveram no plano terreno. Frequentemente convivo com aqueles que amei, e nunca encontrei motivo de ofensa — nem jamais encontrarei.

"Ninguém veio ao convívio comigo que me tenha causado um momento sequer de tristeza. No plano terreno, mesmo nos teus melhores momentos, há sempre alguém cujo comportamento te perturba. Mas no lado espiritual, cada alma gravita para o seu nível próprio. Se for boa, então o seu estado espiritual será bom, as suas afinidades serão boas, e os que com ela convivem serão igualmente bons. Não haverá ninguém que ofenda.

"Tão vastos são os reinos da Natureza que, nos poucos anos que levo do lado espiritual, explorei apenas uma pequeníssima parte. Quando tiver vivido no plano etérico por biliões de anos, talvez tenha visto apenas um pouco mais. Mas, ao longo das eras incontáveis da eternidade, estarei a evoluir, a desenvolver-me, a adquirir conhecimento, luz e sabedoria. Estarei a sintonizar-me com o Infinito.

O que existe além disso, ainda não conheço. Mesmo do nosso lado, não nos é dado mais conhecimento do que aquele que podemos usar no momento.

"Tudo é uma questão de progressão. Já te disse: todos temos de trabalhar. Não há preguiçosos. Mas é um trabalho harmonioso e gratificante; é um labor de amor. É atribuído por uma Inteligência Superior; é-te confiado — e, se o fizeres, o teu progresso e felicidade estão assegurados.

"Compreende que não há imposição no lado espiritual da vida, mas os olhos espirituais abrem-se para a responsabilidade. Vê-se tudo de relance. No espírito,

não há dúvidas. Compreende-se plenamente que obedecer é melhor do que sacrificar, e que fazer a vontade de Deus é trazer felicidade à tua existência progressiva por toda a eternidade.

"Mães perderam os filhos pela morte, e os que ficaram dizem: 'Perdemos os nossos filhos.' Não os perderam. Podem tê-los perdido de vista por um tempo. Talvez alguns de vós esta noite tenham depositado na fria terra o pequeno corpo de uma criança querida. Não desejo despertar a vossa dor, mas lembrai-vos de como as lágrimas ardiam, de como vos revoltastes na alma quando essa criança vos foi levada. Ficou um vazio no coração, e murmurastes. Essa vida foi apenas transplantada para outro jardim — e quando passardes para o outro lado, reconhecereis o vosso filho.

"Mas não como bebé, pois todos crescem até à estatura espiritual plena, radiantes, gloriosos na imortalidade, com a alma cheia de amor por vós — para nunca mais se separarem.

"Não vale a pena lutar por isso? Não há condenação para os que são bons, para os que vivem a vida com integridade, para os que procuram fazer o que é certo. Deixa que te diga: chegará o tempo em que todos os problemas da Terra, todas as religiões e toda a teologia desaparecerão. Os homens estão cansados desses debates. Estão doentes na alma de ouvirem sempre que devem confiar noutro ser qualquer; não conseguem compreender o esquema ou plano de salvação — mas sabem, isso sim, que à sua volta existe um mundo de miséria, infelicidade e imperfeição.

"Só a verdadeira filosofia espiritual ensina o homem a confiar em si mesmo e a tornar-se seu próprio salvador, sendo fiel a quem realmente é.
Não há religião mais elevada do que a verdade. Para servir a Deus, é necessário servir o homem. Isso agrada ao Pai — e permanece eternamente.
Temos de nos tornar servos uns dos outros."

CAPÍTULO V
A MASSA VIVA

Pensei um pouco e trabalhei muito para compreender a economia da Natureza. Encontrei vida por toda a parte — nas árvores e nas flores, nos grãos em crescimento, nos ribeiros rápidos e nas correntes lentas, no vento que varre as colinas e no sossego dos lugares solitários, na majestade e glória da alvorada quando o sol sobe no céu oriental, no brilho do entardecer e na solidão púrpura da noite. Vejo a vida a procurar uma melhor expressão e crescimento individual em cada nascimento, embalada em cada berço. Vejo a Natureza a realizar o seu destino, a reproduzir-se, a multiplicar-se e a desenvolver-se; e perante tal presença, sei que nada — nem mesmo a morte — pode diminuir ou travar o progresso eterno de uma única vida, todas elas parte de um todo grandioso.

Falamos de matéria inerte, mas não existe tal coisa no Universo. Matéria — expressão e linguagem que não compreendemos — é rotulada como inerte por erro

nosso, por falta de conhecimento. Nada está morto. Temos pouco conhecimento do infinitamente pequeno, e nada sabemos sobre o mundo das formas de vida invisíveis ao olho humano — como vivem, o que fazem, ou como comunicam entre si.

Há um debate na ciência sobre se todos os seres vivos são ou não capazes de pensar, e eu digo livremente que, no meu entendimento, onde há vida, deve haver pensamento. Não me importa se a ciência aceita ou rejeita esta teoria; há poder de ação inteligente em cada semente que contém um germe vivo. A bolota tem o discernimento necessário para enviar as suas raízes para dentro da terra e os seus ramos e folhagem para o ar, escolhendo exatamente os elementos que formarão o carvalho, e rejeitando os que serviriam apenas ao faia. E a erva possui a mesma inteligência ao escolher o alimento certo para si; e o poder de escolha implica o poder de pensar. A ciência ainda se encontra num plano material e rudimentar, e muito tem ainda a descobrir.

Falando da massa viva, alguém do outro lado da vida disse:

"A base de toda a matéria é a eletricidade; a base de toda a eletricidade — pois há muitos tipos — é o éter. Não o éter encontrado na atmosfera, mas um éter subtil, sobre o qual o homem sabe pouco ou nada. A base desse éter subtil é o espírito; portanto, tudo o que existe — planetas em rotação, constelações brilhantes, sóis, luas e satélites — tudo o que compõe o Universo físico é éter revestido, sendo na realidade apenas uma expressão do espírito. É através do físico que o espírito atua, e é assim que se manifesta aos sentidos externos. Quando finalmente compreendemos quão infinitamente grandioso é o universo — quão maravilhoso, terrível até, mas ao mesmo tempo belo na sua simplicidade — surge-nos no coração um sentimento, não exatamente de temor, mas de uma gratidão benigna, ao sabermos que somos parte desse sistema estupendo.

"Até à descoberta de lentes e instrumentos de ampliação, o homem não fazia ideia do mundo que o rodeava. Não podia observar os céus à noite, nem sabia nada sobre o mundo contido numa gota de água ou num cristal de gelo. Nada sabia sobre átomos ou micro-organismos.

"Se alguém se interessa por geologia — pelas várias rochas nas camadas da terra — que pegue na mais dura delas — o basalto — e nela encontrará um mundo de vida. Se for até aos confins do planeta, aos mares polares, também lá encontrará vida. A milhares de braças de profundidade no leito oceânico, há vida. Em tudo no Universo há vida, e os germes da vida existem até nas névoas ardentes!

"Pensemos nas partículas de protoplasma a flutuar na água. Observemo-las — examinemo-las ao microscópio. E então compreendamos que, ainda que distantes no tempo, essas partículas de protoplasma evoluem até se tornarem um Shakespeare ou um Dante, um Thomas Paine ou um Ingersoll. A Natureza é verdadeiramente maravilhosa!

"A atmosfera que respiras esta noite contém organismos. Não os podes ver a olho nu, e mesmo as lentes mais poderosas não revelariam alguns deles. Existem micróbios a flutuar na atmosfera, alguns dos quais causam doenças. A maioria é

inofensiva. Mas, para além dos germes, há formas de vida a flutuar nesta atmosfera que talvez o homem nunca venha a descobrir com qualquer instrumento que invente. Perto do Monte Vesúvio há algumas poças ou lagos pequenos, aquecidos pelas forças internas da terra. Se eu pudesse tirar esta noite uma gota dessas águas e submetê-la a um exame rigoroso com um vidro mais potente do que qualquer um existente, veríamos que, nessa gota de água quente, há um mundo.

Veríamos ali a vida a evoluir e a progredir em direção à perfeição. E mais — poderíamos encontrar nessa gota de água, ou talvez numa partícula de terra — se tivéssemos o conhecimento e o poder, bem como a visão de um espírito avançado para a desintegrar — veríamos que essa partícula de matéria se ramifica em corpúsculos elétricos. Indo ainda mais fundo, descobriríamos que até a eletricidade desses corpúsculos é feita de um éter subtil, impenetrável, algo tão rarefeito que os filhos dos homens não o conseguem discernir por nenhum meio. Se tivéssemos o poder e o conhecimento que um dia teremos num estado espiritual avançado, encontraríamos no âmago desse éter subtil algo de poder e influência maravilhosos — uma força contínua que é, de facto, o Espírito de Deus.

"Portanto, no plano físico temos um universo que, no fim, toca o espiritual. No infinitamente grande temos um universo controlado, inspirado, mantido estável — por assim dizer — e que tem como base e existência essa força chamada Natureza. E o espírito que cada um de vós possui é uma emanação de Deus. Esse Espírito, embora se manifeste de muitas formas e por muitos meios, é eterno. A matéria física muda constantemente, constrói-se, desintegra-se; é dispersa e reformada no nascimento, crescimento, vida e morte de mundos sem conta. Na realidade, não existe tal coisa como a morte.

Os homens perguntam: de onde vem a vida? A vida vem do Espírito, e quando o espírito atravessa o éter subtil, e este penetra na eletricidade mais grosseira, toma forma física — a matéria densa é então impregnada de vida. Essa vida nunca cessa, porque, como disse, ela progride e desenvolve-se através do físico e é reabsorvida no Grande Espírito, a Fonte de toda a vida — luz, poder e sabedoria."

Outro, vindo do além, disse:

"Em todo o universo, desde o mais vasto até ao microscópico — e para além — encontra-se vida. Não há parte do universo onde a vida não exista, nem onde as criaturas não vivam em comunidades. Não é bom para o homem, nem para qualquer ser, estar só; consequentemente, todos são colocados em grupos, e a cada indivíduo foi dado um meio e uma forma de compreender todos os outros, para que todos possam ser felizes na companhia uns dos outros. Alguns dirão que é ridículo falar assim de coisas inanimadas, mas tal afirmação é fruto apenas da ignorância — é a incapacidade de perceber que o Espírito Divino de Deus permeia tudo. Caminhem sobre as areias da praia, examinem o mais pequeno grão; ele está impregnado com esse Espírito Divino que mantém o universo inteiro em harmonia.

Não posso dizer muito sobre a forma como as plantas comunicam, mas sei, do meu lado da vida, que elas possuem esse poder e que comunicam entre si. E os vários perfumes, como são produzidos e levados pela brisa? A hipótese atual é que

tal ocorre devido a certos átomos químicos. Primeiro, o sol impregna a planta. Na flor encontram-se substâncias químicas — eletrões — que são libertados e flutuam no éter subtil. Como flutuam? Através de vibrações. Levámos muito tempo a adquirir um pequeno conhecimento sobre vibrações, mas os processos da Natureza funcionam através delas. Considerámos maravilhoso conseguir pôr em movimento vibrações elétricas e transmitir uma mensagem a amigos a centenas de quilómetros — mas isso é apenas uma realização infantil comparada com o que acontece à nossa volta todos os dias, embora o ignoremos.

Compreendamos primeiro que há a vida da planta, a vida do animal microscópico, a vida do inseto, a vida do animal, a vida do homem, e a vida de criaturas nos confins da Natureza que a maioria dos homens nem sequer imagina. E depois chegamos à Fonte de toda a Vida — Deus. Não podemos entender que d'Ele flui toda a vida do Universo? Quando morremos — como se costuma dizer, embora tal coisa, na verdade, não aconteça — quando ocorre a dissolução do corpo material e do espírito, o que acontece é o seguinte: dá-se o desmembramento de uma comunidade — tu e o teu corpo formam uma comunidade interdependente — e na morte, ou dissolução, essa colónia ou conjunto desfaz-se — tenho de usar termos compreensíveis por agora — o inquilino etérico abandona e segue para um plano mais glorioso e sublime. Paulo disse aos Coríntios: "Há um corpo natural e há um corpo espiritual." É a casa terrena do tabernáculo que aqui se dissolve.

As comunidades de insetos e animais, embora façam guerra entre si e até vivam uns à custa dos outros, têm uma linguagem. Sabem comunicar, e de certo modo dependem uns dos outros. Não é curioso ouvir algumas pessoas dizer que só o homem possui linguagem, ou seja, sons formados em palavras, sílabas e frases através dos órgãos vocais? Pensemos, por exemplo, nas aves. Vemo-las e ouvimo-las cantar. É a sua forma de expressar alegria — mas isso não é a sua linguagem. Elas têm uma forma própria de comunicar, tal como nós temos a nossa.

O leitor já visitou a Índia? No *Burning Ghaut*, onde os hindus e outros queimam os seus mortos, os corpos são levados por uma escadaria até uma plataforma elevada. A madeira está já preparada e o corpo é colocado sobre ela. Olhem para o céu — calmo e brilhante, o sol a brilhar intensamente, sem uma nuvem. Em dois ou três minutos, o local estará repleto de aves necrófagas. Como explicar isso? Lá no alto, pousado numa árvore ou penhasco, está o pássaro sentinela; talvez os seus companheiros estejam a quilómetros de distância. Ele chama-os, dá o sinal, e de imediato eles respondem e enchem os céus.

Muitas pessoas acham que o mundo é um caos. Admito que há coisas repugnantes, que não compreendemos — o mistério da dor e do sofrimento, do mal, por exemplo — mas agora percebo que, de tudo o que é mau, acabará por surgir o bem. Não há confusão nem desordem na Ordem Divina. Tudo está no seu devido lugar, e um dia ver-se-á que, na Natureza, Deus colocou o solitário em famílias, que o Seu poder maravilhoso está sempre a recriar a matéria, e que nunca há aniquilação. Pode haver, sim, mudança de forma.

Vejamos, por exemplo, os rochedos de coral junto ao mar. Pequenas criaturas nadaram um dia nos oceanos, em minúsculas conchas; morreram aos milhares, e as conchas formaram rochas. Velhas florestas apodreceram, e talvez o homem

mais sábio do século XX tivesse perguntado: "Mostrai-me aqui a sabedoria de Deus?" Mas hoje, o carvão formado por essas florestas serve para dar calor e luz, e todos os processos do comércio dependem dele.

Não há morte! Tudo dá lugar a novas formas de vida.

E esta é a verdade que devemos reter dos nossos ensinamentos: que da vida contida na massa surgiu a individualidade; da massa de vida, através do processo constante de mudança e refinamento da Natureza, cada ser vivo que habitará este planeta nos séculos vindouros deverá evoluir. A forma mais elevada de vida que evolui da massa é o homem — e para alcançar o mais elevado, todas as formas inferiores contribuem. A humanidade é o resultado final da ação evolutiva.

CAPÍTULO VI
A CONTINUIDADE DA VIDA

Será que os chamados mortos vivem realmente para além do túmulo? E se sim, onde? Poderão comunicar connosco depois de deixarem os seus corpos físicos? Foram aperfeiçoadas condições que lhes permitam falar com os vivos, usando a sua própria voz? As suas palavras soam na nossa atmosfera como soavam quando ainda habitavam os seus corpos? Estas perguntas, e muitas outras, foram-me feitas inúmeras vezes. A minha resposta é: "Sim" — mas uma afirmação abstrata vale pouco, por isso proponho-me dar uma explicação detalhada dos factos. Se conseguir explicar o princípio envolvido, o resultado será compreendido, pois aquele depende deste.

Estávamos a conduzir a nossa investigação como habitualmente. A sala destinada a esse fim estava completamente às escuras, como sempre, e o movimento atmosférico era lento. A Sra. French, minha assistente — a mais perfeita médium então viva — estava comigo.

Na escuridão surgiram pontos de luz não-luminosa, em constante movimento, uma substância etérica e nebulosa, meio formada, que se movia com o efeito de uma brisa fresca a passar pelo rosto e pelas mãos, ao ir e voltar. Uma forte influência parecia extrair de mim alguma força vital.

Por experiência de muitos anos, sabia que nos ajudava um grupo de trabalhadores do além, que criavam condições para que fosse possível, tanto para eles como para os que trariam consigo, conversar connosco; que matéria etérica e física estava a ser transformada num estado que permitiria revestir os órgãos vocais dos espíritos.

"As pessoas no mundo espiritual têm corpos?"

É uma pergunta feita com frequência. A minha resposta é que sim, têm. Quando estão neste mundo, esse corpo é revestido por uma cobertura de carne. Com a mudança que a morte traz, o corpo etérico descarta essa cobertura carnal, mas esse ato não destrói o indivíduo, nem o seu corpo etérico, nem os seus órgãos de

fala, nem os altera de forma alguma. A cobertura de carne do corpo etérico do homem torna possível a existência no mundo físico. Da mesma forma, a ausência dessa vestimenta de carne permite a sua existência no mundo espiritual.

Só revestindo novamente os órgãos de fala com matéria de vibração lenta é que as palavras dos habitantes do mundo etérico podem ser ouvidas na nossa atmosfera. E, uma vez feito isto, um indivíduo no além não tem mais dificuldade em falar do que tinha enquanto estava vivo na Terra. Eram estas as condições que estavam a ser preparadas na noite que estou prestes a descrever.

Enquanto esperávamos, todos os sentidos estavam em alerta. Embora já tivesse passado por experiências semelhantes centenas de vezes, cada uma parecia mais interessante e distinta da anterior. Há muito que deixara de exigir provas, ou de insistir na vinda de um indivíduo específico. Pedia apenas conhecimento, e sabia que qualquer um que estivesse em posição de o oferecer falaria; por isso, com paciência, aguardávamos, conversando tranquilamente, enchendo a sala com vibrações vocais. Quem, vindo do além, conseguiria assumir uma condição física que tornasse possível o diálogo?

O silêncio era absoluto, salvo por um leve movimento, como o roçar de vestes suaves — um momento de expectativa enquanto aguardávamos a saudação dos que vinham do além. Haveria situação mais intensamente interessante?

— Boa noite, Sr. Randall. Tenho prazer em voltar a cumprimentar a Sra. French. A voz era clara e distinta.

— Pediram-me que lhe diga algo sobre as condições que tornam possível a fala.

— Antes de mais — continuou — sei que aos vossos olhos físicos tudo está mergulhado em escuridão total. No entanto, para nós, que já não vivemos sujeitos às vibrações físicas, há luz — não a luz do vosso dia, mas uma luz própria. Para nós, no mundo etérico, não condicionados pelas limitações da Terra, tudo é luz — uma luz muito diferente daquela que conhecem. Nessa luz, o plano físico é visível e podemos atravessá-lo tão facilmente como os átomos atravessam os sólidos no vosso mundo. E deixem-me dizer, como já dissemos antes, que os nossos corpos etéricos são tão perfeitos quanto eram quando habitávamos vestes físicas no plano terrestre — ou quanto são os vossos corpos esta noite.

Comparados com os vossos, os nossos corpos parecem transparentes, e todas as coisas nesta vida parecem mais transparentes do que pareciam no plano terreno — mas são mais reais para nós do que as coisas físicas são para vós, porque são mais intensas. Sei que é difícil, mesmo com tudo o que vos foi dito, compreender matéria que não seja tangível — mas deixem-me continuar a descrição do trabalho que aqui se faz.

— Do cérebro da Sra. French projetam-se linhas magnéticas de força — perfeitamente visíveis para mim — que se estendem até um ponto sobre a mesa entre vós. Sobre a sua cabeça, vejo uma barra de luz da qual emanam outras linhas de força que se encontram com as primeiras. Sob esse ponto parece haver uma espécie de taça onde são recolhidas essas forças magnéticas e elétricas. Estas

substâncias, de natureza etérica, são manipuladas por químicos especializados neste tipo de trabalho, para revestir os meus órgãos de fala; caso contrário, o som da minha voz não chegaria aos vossos ouvidos. Todos os médiuns possuem uma força vital peculiar que usamos — caso contrário, não seriam médiuns.

Quando vos falo, sou por um momento um verdadeiro habitante do vosso mundo, assim como, por um momento, estais em contacto com o além. Nas condições atuais, não há linha de separação entre os chamados dois mundos; estamos todos na mesma sala, a poucos metros uns dos outros; ambos temos corpos; por um instante, vós estais sentados numa cadeira, eu estou de pé, e cada um ouve as palavras do outro. Se conseguisse reunir só um pouco mais de força, poderia tocar-vos.

— Só um momento — interrompi —, poderia dar-me a mão, para que eu possa sentir a tangibilidade de um corpo etérico, reconstituído por instantes?

— Vou tentar — foi a resposta que me doi dada.

— Esperem.

Na escuridão, estendi a mão direita para o lado, enquanto com a esquerda, sobre a mesa, segurava firmemente ambas as mãos da minha assistente. Estávamos em minha casa; toda a luz fora excluída, e estávamos sozinhos. Logo uma mão tocou na minha — sem hesitação. Agarrei-a firmemente, sentindo a forma e o contorno. Estava quente, perfeitamente natural em todos os aspetos, com uma única diferença: embora repousasse com leveza, parecia mover-se e vibrar de uma forma impossível de descrever. Quando fechei a minha mão, a outra começou a dissolver-se. Nenhuma palavra foi dita naquele instante. Depois, o senhor que falava, agora muito próximo da sua posição anterior, disse:

— Não gostamos de usar o material que reunimos com tanto esforço para demonstrações físicas, pois há tanto que se pode fazer por outros meios. Sabes que não existe lugar no mundo hoje onde se possa fazer o que aqui se faz, na tua casa esta noite? Quero dizer que, por trabalharmos há tanto tempo contigo e com a Sra. French, ultrapassámos muitas limitações iniciais e alcançámos um estado de tal perfeição que muitos daqueles que estão num plano avançado conseguem aqui entrar, ensinar leis e explicar condições desconhecidas pelos homens — tocando nos próprios alicerces do físico.

Além disso, ao trabalharmos contigo, trazemos muitas pessoas para esse estado semi-físico, semi-etérico, necessário para as restaurar à consciência. Fazemos aqui um trabalho que não está a ser realizado em nenhum outro lugar; aqui, a força física e a etérica fundem-se numa só, e aqui muitos dos chamados mortos despertam, graças às condições criadas. Sentiremos sempre a dívida que temos para contigo, pois com a tua ajuda temos auxiliado muitos, muitos mesmo, ao longo dos anos — mais do que imaginas.

Pelo que foi dito, parece que as vibrações físicas, ao trabalharem em conjunto com as etéricas, são necessárias para criar uma condição onde alguns, no além, possam ser despertados de um estado inconsciente. Se assim for...

"A Terra precisa do Céu, mas o Céu, de facto, também precisa da Terra."

— Podemos ajudar-vos, e vós podeis ajudar-nos de tantas formas — disse ele.

— Como é que os nossos corpos físicos vos parecem esta noite? — perguntei.

— Os vossos corpos — refiro-me agora à cobertura de carne — podem ser comparados a uma abóbora iluminada na noite de Halloween. Uns emitem mais luz do que outros, dependendo do desenvolvimento e da delicadeza da força vital. Em termos gerais, a cobertura física aparece escura — algumas mais escuras do que outras. A força vital, em muitos, é refinada; noutros, está pouco desenvolvida. Há tanta diferença entre uns e outros como entre uma luz de arco e uma vela.

"O teu cérebro," continuou ele, "aparece-me como uma máquina fina, em constante movimento. À medida que sugestões — tanto espirituais como físicas — chegam até ti através do movimento da matéria, entram nessa máquina cerebral, são moldadas e transformadas, e depois fluem para fora sob nova forma. Nós, deste lado da vida, não só as vemos entrar, como também as vemos emergir. Tudo no universo é substância, e tudo é vida; são uma e a mesma coisa, pois a vida nunca existiu nem pode existir sem substância; a forma não pode ser sem matéria. Por isso, torna-se claro o quão importante é manter o pensamento — o produto do cérebro — puro. Homens e mulheres mantê-lo-ão puro quando souberem que ele é visível. Mas estou a divagar — há outros que desejam falar. Boa noite."

"Esperei tanto tempo," disse então a voz de uma mulher, "para que as condições se tornassem propícias e me permitissem falar. Esta noite, enquanto o senhor se dirigia a vós, foi-me dito pelos responsáveis por este trabalho que eu poderia tentar. Pediram-me que me posicionasse à direita da mesa que separa o médium de ti. Assim fiz, quando o químico do grupo espiritual retirou da taça, onde tinha sido reunida, uma substância de vibração lenta e a precipitou em redor dos meus órgãos vocais. Toquei na minha boca e movi a língua — pareciam diferentes, de certa forma, mas o seu uso não estava alterado, e quando falei contigo percebi que a minha voz soava tal como antes de deixar o vosso mundo.

"O meu abandono do velho corpo foi tão aprazível, tão diferente do que esperava, e o plano em que agora vivo é tão maravilhoso, que há muito desejava descrever-vos a minha partida e aquilo que me esperava. Hoje vejo que vivi uma vida razoavelmente boa. Sempre que pude, fiz o possível por tornar os que me rodeavam mais felizes, ajudei os menos afortunados sempre que a oportunidade surgia, e procurei agir corretamente. Nada sabia sobre o que se seguia à vida terrena, mas sempre mantive uma fé constante de que, se as pessoas dessem o seu melhor, tudo acabaria bem — e não me desiludi.

"Na minha última doença, à medida que se aproximava o momento da dissolução, não senti medo. Parecia-me que ia fazer uma mudança natural, e que nalgum lugar continuaria a viver com os que me haviam antecedido. Um cansaço profundo tomou conta de mim, algo que não consigo descrever; parecia que adormecia. Com esforço, despertei os meus sentidos e vi claramente os membros da minha casa, alguns ajoelhados junto à cama, a chorar. Quis falar-lhes, mas não conseguia articular palavras. Olhei novamente e, por um instante, fiquei surpreendida, pois vi

muitos rostos de espíritos sorridentes. E então vi, junto da cama, o meu querido marido, o rosto cheio de ternura, que me tomou a mão e me dirigiu palavras de boas-vindas. Outros, que agora sei que ajudam nestes momentos, reuniram-se em meu redor, apoiando o meu pobre corpo físico, encorajando-me e dizendo-me que tudo estava bem.

"Logo depois — sem qualquer esforço da minha parte, pois estava demasiado fraca — senti-me erguida acima e para fora do velho corpo, e dei por mim entre aqueles que já referi, surpreendida pela realidade de tudo aquilo.

"Virei-me e vi o antigo corpo de carne, branco e imóvel, e ouvi o grito de angústia quando o médico disse: 'Ela morreu.' Quis falar com os que amava e lhes diziam adeus em dor, e dizer-lhes, como vos digo agora, que não estava morta — estava consciente e viva. Mas disseram-me que as minhas palavras cairiam em ouvidos surdos, e que, naquele estado de perturbação mental, o mais sábio seria acompanhar o meu marido até uma casa de repouso por algum tempo, até me habituar à mudança. Disseram-me ainda que mais tarde me mostrariam a beleza da vida após a morte, e que no momento certo poderia voltar à casa de luto. Nunca estive inconsciente durante a passagem de um mundo para o outro.

"Muitos dos que me antecederam na vida espiritual e vieram ajudar-me durante a transição, acompanharam-nos até essa casa de repouso. Reinava entre eles grande alegria, mas o meu coração estava cheio de tristeza, pois muitos entes queridos no vosso mundo ainda precisavam do cuidado de uma mãe. Nessa altura, não conseguia compreender a sabedoria do Infinito, nem perceber que cada mudança na Natureza significa progresso.

"Não tentarei descrever a alegria dos reencontros com os que me antecederam, ou o ir e vir de amigos e conhecidos. A sua boa disposição e felicidade foram um grande consolo, mas os meus pensamentos estavam sempre com aqueles na vida terrena que sofriam com a minha ausência. Senti que devia ir ter com eles e dizer-lhes a verdade, mas informaram-me que ainda não era o momento certo, pois eles estavam sem conhecimento. Garantiram-me ainda que tanto eles como eu teríamos de aprender muito antes de poder ajudar verdadeiramente, salvo por meio de sugestões subtis — e que seria instruída a seu tempo.

"O que mais me impressionou, depois de um período de descanso e quando as minhas faculdades se tornaram alertas, foi a realidade de todas as coisas. Olhei para o meu corpo, que me parecia tão tangível como antes da mudança, embora com um aspeto talvez mais etérico. Estava de pé, movia as pernas, os braços, a cabeça; os meus sentidos — tato, olfato, visão — estavam mais aguçados; falei com os que me rodeavam e fui respondida; olhei para um vale, vi ribeiros a correr, lagos, árvores, relva e flores de muitos tipos. Inspirei longamente um ar maravilhosamente vitalizante, e à medida que as novas condições se tornavam claras para mim, virei-me para os que estavam por perto e perguntei:

— Não compreendo.

— Não — responderam —, como poderias compreender, se nunca te foi ensinado nada sobre esta vida? Mas deixa-nos dizer-te uma coisa: a vida que agora começas

é tão material quanto aquela que deixaste. Pára um momento e reflete nessa verdade. Aliás, tudo o que existe no plano terrestre é apenas uma pálida imitação de uma parte daquilo que existe neste plano.

— Nunca te pareceu absurdo — disse um espírito — pensar que casas, árvores, flores e toda a vida animal se limitassem ao plano físico? Tal ideia implicaria que o universo se limita ao planeta Terra.

— Não consigo compreender isso — respondi —, e pedi para descansar um pouco. Virei a cabeça e vi o rosto sorridente do meu marido a acenar-me, e fui com ele com a mesma confiança dos tempos de juventude.

"Estou cansada agora" — disse ela — "o material parece desvanecer-se dos meus lábios e garganta; há tanto que quero dizer... voltarei."

A sua força esgotou-se, deixando a experiência a meio.

"Disseste que no mundo espiritual há terras e águas, lagos e rios, árvores, arbustos, vinhas e flores; fala-nos deles numa linguagem que possamos compreender," pedi então a outro espírito que nos saudava.

"Em primeiro lugar," respondeu ele, "deveis libertar a mente da ideia de que nada existia antes do vosso pobre planeta Terra surgir, ou de que nada existe para além do físico. A verdade é que todas as coisas que, ao longo das eras, encontraram expressão no plano terreno, já existiam no mundo etérico desde o princípio. Já havia rios a descer montanhas, lagos nos vales entre colinas, terras, árvores, vinhas entrelaçadas e flores muito antes de este planeta se tornar fértil — e, mesmo hoje, apenas algumas das maravilhas do nosso plano conseguem encontrar expressão no vosso.

Além disso, há muita vegetação a desenvolver-se na nossa matéria etérica que a Terra, no seu estado grosseiro, não consegue revestir. A vossa incapacidade de conceber vegetação fora ou além da Terra deve-se ao facto de, até agora, terem tido a ideia errada de que toda a vida tem origem no plano físico."

CAPÍTULO VII

UM UNIVERSO DE MATÉRIA

A justa e plena compreensão do facto de que o Universo é composto por Matéria, em diferentes graus de atividade, é uma condição prévia para se compreender verdadeiramente o grande problema da vida. Através dessa verdade podemos entender a dissolução e conhecer algo das condições que prevalecem para além do mundo físico.

A sugestão de que todo o Universo é material — e que as diferentes esferas são, de facto, substância com diferentes vibrações e intensidades — e que a vida individual continua nesses planos tal como continua no nosso, é surpreendente. Mas não mais surpreendente do que o foi, em tempos, a teoria copernicana ou a descoberta da lei da gravitação. Foram precisos séculos para que a primeira fosse aceite, e quando Newton enunciou a segunda, muitos invejosos afirmaram que as suas leis da gravidade universal eram falsas. Muito tempo passará, inevitavelmente, até que as seguintes proposições sejam aceites: que todo o Universo é material e que todo o espaço está preenchido e habitado.

A razão desta demora é simples: o processo mental humano é lento, e uma nova descoberta só é aceite após repetidas demonstrações.

É um axioma da física que *a matéria só age sobre a matéria*, portanto, se a mente atua sobre a matéria, a própria mente deve ser matéria. É difícil aceitar um facto tão novo — difícil até encontrar palavras para expressar tal proposição de forma simples. As palavras são tão limitadas quanto o conhecimento que temos sobre este tema; e assim, ao sairmos dos caminhos habituais, somos forçados a dar novos significados a palavras antigas, ou mesmo a inventar outras.

Matéria, tal como o termo foi tradicionalmente entendido, refere-se apenas ao que é tangível e físico. Esta definição é demasiado limitada. Se o universo é, de facto, material, a matéria não deixa de existir só porque deixou de ser tangível.

Apresento os factos desta forma:

(a) A matéria lenta na sua ação está sujeita à lei da gravitação e, portanto, é física.
(b) A matéria tão rápida na vibração que já não está sujeita à gravidade é etérica.

Quando a matéria deixa de ser física, ela apenas muda de densidade. Certas formas de matéria podem ser alteradas por ação química e elevadas ao estado espiritual; depois, ao reduzir-se o movimento atómico, essa mesma matéria pode ser restaurada à sua condição anterior, readquirindo expressão física. A mente é matéria elevada ao seu mais alto grau de atividade atómica, quando possui em si o poder inato de direção inteligente.

Cada átomo, eletrão e molécula tem forma. Quando esses elementos, por atração, se aproximam ao ponto de se tornarem tangíveis, mantêm ainda assim a sua forma individual. Quando, pelo processo natural, vão sendo elevados passo a passo até se

tornarem etéricos, continuam a ter forma; a mente, sendo etérica, tem forma, é substância, é real — e as suas criações assumem formas definidas.

A mente atua sobre a matéria — como dizemos numa expressão comum — ou seja, a matéria elevada ao mais alto grau de atividade utiliza as substâncias tangíveis necessárias para dar expressão física. Isto é demonstrado em cada indivíduo: a mente dirige o corpo, e o corpo físico obedece à vontade do espírito.

Quando se afirma que a vida continua para além do túmulo, o homem pensante comum tende a duvidar. Quando se sugere que temos agora, neste exato momento, um corpo espiritual, que na dissolução apenas se separa do físico, a afirmação não é compreendida. Quando se diz que existe continuidade de vida, e que os espíritos possuem corpos, vivem num universo material e têm lares semelhantes aos nossos, essas palavras pouco ou nada significam para a maioria — pois tais condições ultrapassam a sua compreensão.

Para que estas proposições sejam entendidas, é necessário explicar as condições que tornam esse estado possível; devemos conhecer a lei através da qual a vida mantém a sua continuidade. Assim, uma compreensão justa e verdadeira dos seguintes factos é essencial:

Existe um universo material para além do físico. Existe um universo etérico, tanto dentro como fora do físico. E todo o universo é composto por matéria em diferentes estados de vibração ou modos de movimento.

Estas verdades devem ser compreendidas antes que um único indivíduo possa realmente entender a continuidade da vida — que os chamados mortos têm corpos, forma, feições e expressão, e que vivem inteligentemente num mundo tão material como este, prosseguindo a sua evolução.

Tudo o que possui propriedades de gravidade ou atração é considerado matéria. Essa é a definição mais científica de matéria dada por pessoas no mundo espiritual. A matéria é sólida, líquida ou gasosa. Se for sólida, tem coesão forte; se líquida, menos; se gasosa, os átomos podem ser ditos como colidindo e ricocheteando uns contra os outros.

As moléculas são compostas por vários átomos. Por exemplo, uma molécula de água é composta por três átomos — dois de hidrogénio e um de oxigénio. Os átomos são partículas ainda mais pequenas de matéria, dotadas de forças tão extraordinárias que é praticamente impossível acompanhá-los e analisá-los, pois estão em constante mudança e deslocam-se com tal rapidez que escapam à observação.

Há muito que os cientistas ainda desconhecem sobre os átomos. A cerca de 300 quilómetros acima do plano terrestre estende-se o que chamamos atmosfera, que se torna extremamente rarefeita nessa altitude. O que então se estende por todo o universo, por todo o sistema solar — e por todos os sistemas solares?

Existe algo que não se assemelha à atmosfera da Terra, e que é chamado Éter — através do qual, com um movimento ondulatório e vibratório, viajam as ondas de

luz que, eventualmente, alcançam o plano terrestre, trazendo não apenas luz, mas vida. Esses átomos incontáveis estão em constante movimento, atravessando o Éter com um movimento ondulatório, tendo forma perfeita, e até, segundo se nos diz, preferências e aversões individuais.

"Eles têm inteligência," continuou ele. "Atraem-se entre si — ou não há afinidade — porque é através da afinidade que existe coesão. A coesão entre átomos, quando em vibração lenta, torna-se física e visível. Mas também pode haver coesão entre átomos etéricos, cuja vibração é tão rápida que para nós se torna invisível. A coesão dos átomos não se limita ao mundo físico, pois, através da lei universal, estes átomos encontram expressão não só dentro do plano físico, mas também para além dele. Os dois planos de consciência estão profundamente entrelaçados. A mesma lei que governa, controla e orienta um, governa, controla e orienta o outro. Só através dessa lei é que podemos evoluir para além do físico.

Cada átomo possui força, e força — onde quer que se encontre ou como quer que se manifeste — é vida. E cada átomo contém calor, um calor tão intenso que todos os fornos da Terra não o poderiam reproduzir. Esse Éter — essa substância subtil — permeia todas as coisas físicas.

Um dos maiores impedimentos à nossa perceção da presença e atividade do espírito é a nossa incapacidade de conceber força e matéria nas suas formas mais refinadas, não manifestas aos sentidos físicos, nem suscetíveis de ser tocadas ou vistas. No entanto, todas as forças mais poderosas são invisíveis. A eletricidade, o magnetismo, o vapor — só os reconhecemos pela sua manifestação ocasional sob a forma de luz e cor, ou pelo vapor que este último liberta ao encontrar a atmosfera.

Alterar a vibração ou densidade da água com calor ilustra, de forma simples, a ideia aqui apresentada. Pegamos num recipiente com água, aplicamos fogo por baixo: ela começa a borbulhar, o movimento aumenta, a vibração eleva-se — transforma-se em vapor. Se esse vapor for confinado e sujeito a mais calor, torna-se super-aquecido e invisível. Escapa à nossa visão, mas não é destruído. Com outro processo, podemos devolvê-lo ao seu estado original. Da mesma forma, o sol provoca a evaporação da água, que se torna etérica e passa a fazer parte do mundo — invisível, mas que pela condensação da Natureza, regressa como chuva. A água não deixou de existir — apenas deixou de ser visível. A sua densidade foi alterada, a sua vibração abrandou, e voltou a estar sujeita à gravidade.

Além disso, cada átomo da massa tem forma, energia e força — que são vida. A vida pode ser tão subtil que escapa à nossa perceção, ou tão desenvolvida que também excede a nossa compreensão. É na coesão dos átomos, através da sua afinidade e desenvolvimento, que encontramos as diferentes expressões da vida. A evolução é uma força constante — um desejo inato de desenvolvimento — e essa grande lei influencia toda a forma de vida. Não se limita ao físico, mas atua sobre as substâncias mais densas e fá-las crescer e evoluir.

O Universo não começou com o nascimento deste planeta. O nascimento da Terra não foi o início da criação. A nossa dissolução não será o fim da nossa individualidade. Há, em torno de nós, uma grande força universal a que chamamos Bem. Essa força é real, é uma substância feita de matéria desenvolvida para além

do físico. E sempre que um átomo dessa força é revestido com matéria mais densa, a Natureza aumenta o seu total. Não precisamos de sair do universo físico para ver a atividade do espírito. Na verdade, nunca vemos outra coisa.

No instante da conceção, um átomo etérico é revestido. Através do processo da Natureza, ele toma uma vestimenta de carne. O corpo espiritual sensível, como uma semente lançada à terra, começa a desenvolver-se na escuridão, onde cresce em forma e estatura. A vestimenta de carne cresce de modo correspondente, e quando se torna capaz de suportar a luz, ocorre o nascimento natural.

O processo de crescimento iniciado na conceção continua, a atrair outros átomos de vibração lenta, organizando o corpo físico para que essa vestimenta de carne possa aumentar conforme as suas necessidades. E ainda, essa vestimenta exterior desgasta-se de hora a hora, de dia para dia, de semana para semana — mudando completamente a cada poucos anos. Mas o indivíduo, com forma, feições e expressão, não muda — a não ser para se desenvolver mental e fisicamente.

Se todo o Universo é composto por matéria, o homem — espiritual e físico — não é exceção à lei universal. O olho físico não consegue ver o espírito etérico dentro do corpo, nem consegue vê-lo fora do corpo. Se o espírito na vida terrena não fosse composto por matéria, como poderia manter forma, feição e expressão? Esta é a chave para a compreensão, pois ao compreendê-la, podemos perceber o que é realmente a dissolução e, por fim, entender que todos os planos em que vivemos são reais e compostos por matéria.

Dentro de determinada vibração, a matéria é física, tangível, visível, e sujeita à gravitação. Quando essa vibração ultrapassa esse ponto, entra-se no domínio do espírito, onde já não se está sujeito à lei da gravidade. A linha divisória entre o espiritual e o físico está, portanto, no ponto onde a gravidade deixa de exercer influência. Todo o mundo espiritual, assim como a força vital que atua sobre o tangível neste mundo, é feito de matéria etérica — distinta da matéria física. Quando a matéria grosseira se refina até certo ponto, torna-se e permanece éter. Mas tudo é, tecnicamente, matéria — apenas em diferentes modos de movimento ou estados de vibração.

Esta proposta é tão nova na física, tão distante da experiência humana, que é difícil de apreender. Mas pode e será compreendida através da investigação dos físicos que, sem medo das críticas do mundo, recorrem à ajuda daqueles poucos médiuns que desenvolveram o sexto e o sétimo sentidos, e que conseguem ver e ouvir o que se passa no mundo além — ou que, como eu, criaram uma condição em que os habitantes do além podem falar connosco, voz a voz.

CAPÍTULO VIII

O REGISTO DE UMA NOITE

Mais uma noite de trabalho experimental. Quando fechei as portadas, as estrelas brilhavam com uma intensidade invulgar. As condições atmosféricas estavam perfeitas — céu limpo, ar frio, seco e imóvel. Ao apagar a luz e sentar-me em frente à Sra. French, por um momento formaram-se nuvens dentro da sala, rolando como fumo de um grande incêndio.

Logo desapareceram, e tornaram-se visíveis pontos de luz não-luminosa, a flutuar lentamente. Depois, apareceu por cima da minha cabeça a faixa ou barra de substância magnética que está sempre presente quando as condições são propícias à comunicação com os que estão além.

A Sra. French, através da sua visão psíquica, viu um grande número de pessoas a passar e a repassar, enquanto químicos manipulavam a matéria etérica e física, colocando-a na condição exata para ser usada na fala.

Enquanto esperava que o trabalho começasse, lembro-me de ter tentado determinar a linha divisória entre os dois mundos. Dentro de instantes, ouviria as vozes de seres que vivem realmente noutro plano — e eles ouviriam a minha. Eu falaria com eles, e eles comigo. Eles ver-me-iam perfeitamente, embora eu não os conseguisse ver. A visão é talvez a única faculdade que os espíritos possuem nas condições atuais que me está vedada.

Após um momento de reflexão, compreendi as limitações da nossa visão — aliás, em todos os momentos. Situações como esta fazem-nos pensar profundamente.

— Boa noite, Sr. Randall.

Uma voz masculina profunda rompeu o silêncio. Não era a voz da Sra. French, nem eram usados os seus órgãos vocais por outra entidade. Como ela era surda, por vezes não ouvia as vozes dos espíritos e falava ao mesmo tempo que outros o faziam, o que por vezes causava confusão.

— Temos esta noite uma grande tarefa a cumprir, continuou a voz de um dos diretores do nosso grupo. As condições atmosféricas são excecionais, reunimos aqui uma multidão de pessoas com um estado mental muito semelhante e trouxemo-las para obterem ajuda. Já fizeste este trabalho há tanto tempo que compreendes, naturalmente, que estas pessoas ainda não sabem que se separaram dos seus corpos físicos e que já não habitam a Terra. Não lhes queres falar? Estão ainda tão ligadas ao vosso plano que conseguirás captar a sua atenção melhor do que nós.

Não era uma experiência nova. Os meus registos mostravam mais de 700 noites dedicadas a este tipo de trabalho. Como me foi pedido, comecei a falar de forma natural e descontraída.

Eu não via nada, mas a Sra. French conseguia sempre ver os espíritos reunirem-se à volta, a ouvir, alguns aproximando-se, a observar-me atentamente, enquanto

outros murmuravam entre si, sem interromper, tentando compreender a situação. Aprendi há muito tempo que aqueles que procuramos ajudar não devem ser assustados — um choque poderia quebrar as condições que permitem que falem. Por isso, nessa noite, falei de modo geral sobre a situação invulgar daquele encontro, conduzindo-os gradualmente até ao grande facto: a mudança que tinham sofrido. Se lhes tivesse dito abruptamente que estavam todos mortos, o choque provavelmente teria terminado o trabalho da noite. Já tinha visto isso acontecer muitas vezes.

Notava-se que, entre os presentes, algum homem acabava sempre por se revestir com matéria suficiente para conseguir falar — e assim captar a atenção de todos. Aquela noite não foi exceção.

— Fiquei profundamente impressionado com o que disseste, afirmou uma voz forte, mas não compreendo o significado disso. A morte é um assunto sobre o qual nunca gostei de pensar. Em geral, as pessoas pouco ou nada refletem sobre isso e, por isso, entram na vida seguinte na ignorância. Receio não ser exceção. Se estou a entender que essa mudança aconteceu comigo, estou completamente despreparado.

— Diz-me — respondi — o que observas agora, pois presumo que a tua visão está clara.

— Há algum tempo que observo os preparativos. Substância, parecida com faixas de luz, formava-se à tua volta e à da senhora em frente, sendo manipulada e entrelaçada no espaço. Depois olhei à minha volta e vi uma grande multidão reunida. Um dos que pareciam dirigir os trabalhos pediu-me para permitir que matéria fosse precipitada sobre mim para que pudesse falar contigo. Isso foi feito sem que eu compreendesse o processo ou o seu significado. Podes explicar-me o que está a acontecer?

— Estou profundamente interessado no progresso do ser humano após a morte — chamada assim — e, com a ajuda desta senhora e do grupo que viste trabalhar connosco, consigo, quando as condições são favoráveis, comunicar com os que estão para além do plano terreno.

— Percebi isso logo pelo que disseste no início — respondeu ele — mas tudo me parece tão natural, que é difícil acreditar que não estou no meu velho corpo. Somos iguais — e ao mesmo tempo não o somos. Aqueles que parecem controlar a situação têm corpos dos quais irradia luz, enquanto o meu, e os de todos os que estão a ouvir, estão envoltos numa espécie de manto escuro — não escuridão propriamente dita, mas uma substância escura, intangível, que cada um parece carregar consigo. Se, como dizes, todos os que vejo aqui, exceto tu e a senhora, vivem no mundo espiritual — por que razão somos tão diferentes?

— Essa aparência — respondi — resulta de um processo de refinamento. Não me refiro a modos ou linguagem, mas ao desenvolvimento da alma ou do espírito. Na vida que agora levas, a lei da atração exerce domínio total, e todos os que entram nesse plano são irresistivelmente atraídos para o estado mental que corresponde ao seu próprio. Foi o que me explicaram. Vais encontrar os intelectuais, os justos, os

espirituais, os egoístas, os perversos e os imorais — todos agrupados separadamente, em condições tão variadas quanto o carácter. Não há progresso de um grupo para outro senão através de um processo de purificação, feito de trabalho e sofrimento, até que o indivíduo esteja preparado para avançar. É um processo muito natural — e muito justo, não achas?

— A sugestão é completamente nova — disse ele. — Não posso dizer que seja injusta, mas é, sem dúvida, inédita. Nunca pensei nas coisas dessa forma. Se o que dizes é verdade, porque nunca foi ensinado antes?

— Poderia responder-te de várias formas — disse-lhe. — O conhecimento é a única coisa no mundo pela qual temos de lutar. Não se pode roubar, comprar, herdar nem pedir — tem de ser conquistado com esforço. Ora, como o mundo, em termos gerais, nunca fez um esforço genuíno para adquirir conhecimento sobre as condições que existem para além da vida, não é surpreendente que homens e mulheres não saibam. Além disso — acrescentei —, a mentalidade média não compreenderia, nem está preparada para compreender, mesmo que eu descrevesse, agora, tudo o que está a ser feito. Mas há pensadores — e o seu número cresce rapidamente — que conseguem, e conseguirão, aceitar uma explicação clara, quando esta apelar à sua razão.

— Estou a pensar — disse ele — como nunca pensei antes. E não acredito que alguma vez pudesse ter imaginado que a mudança chamada morte fosse tão natural, tão simples. O que existe além, não sei. Sinto-me como se estivesse agora a despertar. Compreendo que sou um ser vivo, em nada alterado. E agora vejo que já não sou como tu. Enquanto falavas, pessoas que conheci na vida terrena aproximaram-se de mim e disseram-me que fiz uma grande mudança. Isso é tudo o que sei, por agora.

Nesse momento, outro espírito interveio:

— Tu, meu amigo, tens muito que aprender. Vem comigo durante algum tempo para reflexão. Quero que compreendas que, apesar de toda a tua riqueza, foste um homem egoísta. O mundo não ficou mais rico com a tua passagem por ele, e isso explica a sombra que te envolve — a ti e aos que contigo vieram. A primeira lição que tens de aprender é viver pelos outros e para os outros — um processo que humaniza, alarga a alma e desenvolve o verdadeiro homem.

Mais uma vez, o silêncio caiu quando a voz cessou. Conversei de forma descontraída com a Sra. French durante algum tempo. Então ouviu-se um sussurro; inclinei-me para a frente, instintivamente, ouvindo com atenção, para que nenhuma palavra vinda da terra desconhecida se perdesse. Com uma voz lenta, medida, mal acima de um sussurro, uma mulher disse:

— Não consigo compreender a sabedoria da criação. Com a minha experiência limitada, parece-me tão desnecessário haver tanto sofrimento e dor no meu mundo como no vosso. Disseram-me mestres muito avançados que a humanidade, ao tentar cumprir o seu destino, tornou-se egoísta e perdeu de vista o verdadeiro propósito da vida terrena. Dominado pela ganância, o ser humano afastou-se do caminho traçado. Tu contactas com tanta infelicidade no teu trabalho — pois

apenas os desafortunados precisam da ajuda que tu, com os maravilhosos grupos com quem trabalhas, podes dar — que me foi permitido vir falar contigo, e através de ti, com outros, sobre a beleza desta terra onde agora vivo, para vos ajudar a corrigir ideias erradas sobre as condições que aqui prevalecem.

Vim para cá ainda bebé, antes que a memória registasse os acontecimentos. Como todos nós aqui, vim da massa da vida, ganhando a minha individualidade através da conceção e do nascimento. A minha primeira recordação é de um lar semelhante ao vosso — apenas mais belo. Fui acarinhada por mulheres que, durante a vida terrena, foram privadas da maternidade. Tudo era doce e terno, sem qualquer discórdia ou desarmonia. Mas fui levada, ainda em bebé, até à minha mãe terrena e, nos seus braços adormecidos, absorvi o verdadeiro amor materno.

Se as mães soubessem como os filhos, mesmo já partindo, continuam apegados a elas, quão felizes seriam! E como nos alegra quando uma mãe sente a nossa presença e responde em pensamento ou palavra. À medida que cresci, fui recebendo mestres que guiaram o meu crescimento mental — semelhante ao que vejo no vosso mundo, com a diferença de que aqui não ensinamos por regras. As capacidades de cada um são avaliadas, e cada ser é orientado conforme a sua natureza e inclinação. Assim, à medida que a vida se revela, torna-se cada vez mais maravilhosa e bela. Mas preciso de vos visitar de tempos a tempos, e de contactar com condições físicas para adquirir a experiência que perdi ao deixar o vosso mundo tão jovem.

— Permite-me impressionar-te com o encanto da nossa terra dizendo apenas isto: nunca conheci ninguém que, tendo deixado as condições terrenas e emergido para este lado, quisesse voltar, vestir de novo uma veste de carne, e viver entre vós — mesmo tendo fortes laços com a Terra.

— Fala-me mais das realidades do teu quotidiano, pedi-lhe.

— Tu pensas que tens visão, respondeu ela, mas os teus olhos nunca viram a vida verdadeira. Pensas que ouves, mas os teus ouvidos nunca escutaram um único acorde da nossa música divina. Tens paladar, mas a tua língua nunca provou a essência. Tens olfato, e o aroma das rosas transportado por átomos etéricos enche-te as narinas, mas não consegues compreender os perfumes da nossa terra. Tu sentes o toque da rude cobertura da forma viva, sem fazeres ideia do prazer que é tocar a própria vida.

Neste plano temos oportunidades de aprendizagem, alegrias e felicidade que nem sequer sonham no mundo terreno — mas tudo isso é apenas para aqueles que emergiram da condição grosseira da matéria em que nasceram. Vivemos em lares, na maioria em grupos onde há harmonia perfeita de pensamento e ação. Mas também temos tantos graus de evolução quanto vós — e entre nós, nos níveis inferiores, há degradação tão profunda como a que conhecem. Aqui encontram-se os ignorantes, os maldosos, os imorais e os vis. A dissolução não melhora nem eleva o carácter — isso tem de vir do germe do bem que existe no coração de cada ser vivo.

— Diz àqueles que temem o fim — continuou a voz — que o que chamam de morte é algo maravilhoso e belo; que para nós, como para vós (embora o não saibam), o amor é a maior força do universo; é o motor que move o mundo e que origina toda a ação. Tudo é feito por e através do amor. A afinidade, assim chamada, é apenas o processo pelo qual essa força do amor se expressa. Mas aqui deixo um alerta: o amor é bom, vem de Deus, e caminha sempre no caminho da honra — nunca pelo da desonra. O amor nunca trouxe infelicidade — nunca nasce da luxúria.

— Foi uma alegria e um privilégio falar contigo esta noite. Se qualquer palavra minha puder ajudar ou alegrar uma única alma, essa alegria reflete-se sobre mim, e eu torno-me mais feliz por ter feito outros felizes. Tal é a lei de Deus, e o segredo do mundo. Boa noite.

Que fazer com ensinamentos assim? Deverei, por cobardia, temendo o julgamento deste pequeno mundo, esconder dos homens aquilo que me foi dado? Experiências tão reais convenceram-me de que a vida individual continua — continua para sempre, através das eras. Se assim é, nenhuma língua deveria calar-se, nenhuma voz silenciar-se, nenhuma mão deixar de escrever factos tão importantes para a paz e felicidade da humanidade.

CAPÍTULO IX

A VIDA ATÓMICA

Na investigação mentalógica em busca do princípio da vida, os investigadores têm ido muito longe. Verdadeiramente extraordinário é o ultra-microscópio Carl Zeiss, que utiliza apenas a energia radiante da parte do espectro solar situada para além do violeta. Estas ondas são tão rápidas que não afetam a retina e, por isso, são invisíveis — mas ativam emulsões de prata em placas altamente sensíveis.

Átomos vivos, corpos em movimento, inconcebivelmente minúsculos, são fotografados em películas de alta velocidade. O resultado ultrapassa a imaginação. Quando estas longas tiras de radiografias sucessivas são iluminadas por luz elétrica forte, sob uma lente de projeção poderosa, vêem-se milhares de formas de vida desconhecidas — átomos vivos — em movimento constante e intenso.

De Vries designa estas partículas minúsculas, ocultas na matéria viva, por *corpúsculos*, e afirma que "são de uma ordem totalmente diferente das moléculas químicas; que cada uma delas deve crescer e multiplicar-se por divisão." Estes *corpúsculos* são provavelmente unidades que contêm mente, e se assim for, a sua teoria confere uma natureza mental ao universo — e a tudo o que ele contém.

Cito estes dois cientistas para ilustrar a tendência do investigador moderno e mostrar até que ponto a vida atómica — o *corpúsculo* — ultrapassa a compreensão humana. Esses investigadores, agora a viver e a trabalhar para além do plano físico, tendo tido maiores oportunidades para aprofundar a sua pesquisa, vão muito além da experiência terrena, pois alcançaram um conhecimento mais profundo dos

princípios fundamentais da Natureza. É dessa fonte que recolhi a informação que serve de base a este trabalho.

É muito difícil, ao chegar da madrugada, dizer exatamente quando termina a noite e começa o dia. É impossível determinar onde acaba uma cor e começa outra no arco-íris. Da mesma forma, é extremamente difícil traçar a linha divisória entre o físico ou tangível e o etérico ou espiritual. Um é tangível, o outro, intangível; um é medido por três dimensões e compreendido pelos cinco sentidos; o outro manifesta-se através da clarividência e da clariaudiência — o sexto e o sétimo sentidos.

Falo agora sobre o papel que o átomo físico desempenha na economia da Natureza, deixando para discussão posterior o etérico — não menos material, mas mais elevado na sua vibração e função — dentro daquilo que chamamos forma etérica.

Hoje sabemos que aquilo que nos parece ser matéria sólida, tangível e densa, que podemos ver e tocar, é apenas uma agregação de átomos e moléculas físicas, lentas na sua vibração. E que dentro e por detrás de toda a matéria existe uma força diretiva. Não se pode conceber uma força diretiva que não possua inteligência. Em cada átomo que compõe a massa tangível há algo que se chama energia ou força inerente — algo que a ciência reconhece prontamente, pois é possível ver e sentir a sua manifestação.

Vamos agora um passo mais além e afirmamos que *força ou energia, onde quer que se encontre ou como quer que se manifeste, é vida*. Assim, não podemos — mesmo que quiséssemos — dissociar energia da vida, ou força da vida, ou vida da energia ou da força, pois são uma e a mesma coisa.

A Natureza abomina a estagnação. A vida não pode, nem por um instante, permanecer absolutamente imóvel; a sua vibração é tão elevada que não existe substância inativa no mundo. Ou seja, toda a substância está em movimento — mais ou menos — o que provoca constante mudança de forma e expressão. A grande lei que chamamos Evolução influencia cada átomo do mundo físico. É a mãe do progresso, algo intrínseco a todas as coisas, de onde nasce o desejo de crescer, de se reproduzir e alcançar um estado mais elevado de desenvolvimento. E essa influência é tão presente nos átomos e moléculas que compõem o que erroneamente chamamos de matéria inanimada quanto nos seres animados ou no indivíduo.

Não temos qualquer verdadeira noção do máximo ou do mínimo do movimento. Quanto mais elevado for o desenvolvimento de uma massa, mais rápida será a sua vibração. Quanto menor for o seu desenvolvimento, mais lenta será a vibração — e, por consequência, mais escura a substância, como demonstra o espectro da luz.

É extremamente difícil tratar de um tema tão distante da nossa experiência. Explicar uma condição tão além da nossa compreensão não é simples. Mas se nunca nos tivéssemos interessado por estas grandes forças desconhecidas da Natureza, não teríamos alcançado o progresso maravilhoso que hoje possuímos.

É fácil demonstrar que existe força — esse "algo" — em toda substância que compõe a massa tangível. Tomamos o carvão, libertamos a energia e força nele contida e utilizamo-la nas indústrias. Descemos à terra e libertamos o gás natural, trazemo-lo à superfície, deixamo-lo contactar com o fogo — que é uma substância de vibração mais alta — e, através da ação química, temos o que conhecemos como combustão: libertámos a força de vida, ou energia. Dissociámos a força vital do seu invólucro tangível. Pegamos na água, aplicamos calor, aumentamos a sua vibração e transformamo-la em vapor — libertamos assim a energia ou força de vida contida na água.

E assim poderíamos fazer com qualquer substância da Terra — se tivéssemos o conhecimento — pois se soubéssemos como quebrar a sua cobertura tangível, obteríamos aquilo a que a ciência chama energia, mas que eu prefiro chamar vida.

A força de vida, revestida de substância tangível, está em constante transformação — através da sua afinidade com outros átomos de vida — mudando de forma, constantemente, por meio de simpatias e rejeições, aumentando a sua vibração até que, por esse desenvolvimento contínuo, alcance a mais elevada perfeição possível no mundo físico: a expressão final da forma física — o ser humano.

Em outras palavras, por leis naturais, esses átomos individuais, por meio de refinamento, associação e dissociação, afinidades, combinações químicas e crescimento, encontram finalmente expressão no indivíduo.

Diz-se que tudo no mundo físico presta tributo à humanidade. Seria mais justo dizer que tudo na Natureza, obedecendo à grande lei universal da Evolução, ao alcançar o mais elevado grau de desenvolvimento físico, encontra expressão no ser humano.

Cada ser vivo sobre a face da Terra foi, no início, um átomo — ou um conjunto de átomos. Quando foi revestido pela primeira vez, era tão pequeno que nenhum olho humano poderia discerni-lo, e nenhum microscópio o poderia descobrir. A sua origem foi no escuro, onde as vibrações rápidas da luz não impediriam o seu desenvolvimento. E assim, através do processo de crescimento, evoluiu. Os vegetais, as plantas, os grãos, os animais, os peixes e muitos dos pássaros do céu foram, através da digestão, usados para formar e sustentar a veste física de que o indivíduo precisava para crescer e desenvolver-se.

Essa veste física é inteiramente construída a partir dessas substâncias tangíveis fornecidas pela massa — matéria organizada especificamente para esse fim. Por isso, podemos afirmar que a forma física é construída a partir da massa da matéria.

Vamos descer mais um degrau, e vemos que a vestimenta física que reveste o reino vegetal é extraída de uma substância terrestre ainda mais elementar. Toda a vida animal retira constantemente da massa universal a matéria que favorece o seu crescimento físico. Tudo faz parte de um esplêndido processo de transformação, crescimento e progressão — um movimento contínuo rumo ao ápice, onde se encontra o homem, o ser físico mais perfeito que a Natureza busca produzir neste mundo.

Quando nos olhamos ao espelho, vemos refletido não o indivíduo, mas a sua vestimenta exterior — construída de matéria animal e vegetal. Com a dissolução, devolvemos simplesmente aos campos e à terra comum aquilo que tomámos emprestado por algum tempo. A matéria grosseira que compõe os nossos corpos cumpriu a sua função e regressa à Mãe Terra — volta ao cadinho universal para continuar a sua progressão até que, num futuro qualquer, a substância que um dia cobriu a nossa forma etérica alcance também a individualidade — e depois, a continuidade.

No labirinto da criação, não há repouso. A vibração é o pulso da Natureza. Uma observação superficial ensina que a matéria nunca se move sem ser acionada. O barco à vela é movido pelo vento, a máquina pelo vapor. Há, na Natureza, manifestações infindáveis de força — nos planetas e constelações em movimento, na vegetação em crescimento, e no próprio homem. O movimento pertence ao átomo.

O Universo não é mais do que uma agregação de átomos, e o seu movimento assemelha-se ao de um único átomo colocado na sua órbita. Cada átomo é o seu próprio motor, e a influência combinada de todos é a influência da Terra. A demonstração matemática e o raciocínio dedutivo justificam esta hipótese. A ideia de uma Força Divina a impulsioná-los constantemente não satisfaz a lógica. A vida nasce do movimento. Pode-se detetar a sua origem na atração mútua entre átomos em solução, que se dispõem em formas definidas; na afinidade e na repulsão das partículas.

Pode parecer surpreendente que as forças que formam o cristal sejam forças vivas — mas os dados disponíveis e as leis aceites justificam essa afirmação.

Quero chamar a atenção para a energia contida no átomo. Quero deixar claro que *energia é vida*, e que toda a vida é material — ou seja, é composta da substância que conhecemos por Éter, cuja vibração é tão elevada, e tão refinada, que não se torna evidencial senão quando revestida por matéria mais densa, que chamamos de física. E mais: é da vida contida no átomo, através da lei da evolução, que o homem surgiu. Não podemos compreender a vida como se manifesta no indivíduo sem conhecer, ao menos em parte, a sua origem — e a lei pela qual ela encontra expressão no ser humano.

CAPÍTULO X

AMBIENTE ETÉRICO

Desejando uma compreensão clara das esferas etéricas para além do físico — e tendo a oportunidade de conversar com alguém muito sábio e evoluído na vida após a morte — perguntei:

— Descreva, por favor, as esferas em que vive, com especial referência à sua tangibilidade e materialidade.

O senhor respondeu:

— Existem sete anéis concêntricos, chamados esferas. A região mais próxima da Terra é conhecida como a primeira esfera ou esfera rudimentar. Ela mistura-se, de facto, com a esfera terrestre. Está apenas um degrau acima em vibração. A partir daí, há seis outras, progressivamente mais intensas, mais ativas — conhecidas como esferas espirituais. Todas são zonas ou círculos concêntricos de matéria extremamente fina que envolvem a Terra como faixas ou cintos, cada uma separada da outra e regida por leis fixas. Não são quimeras sem forma nem projecções mentais — são entidades reais, tão tangíveis quanto os planetas do vosso sistema solar ou a própria Terra onde viveis. Têm latitude e longitude, e uma atmosfera de ar vitalizado de forma peculiar. As correntes que nos envolvem, suaves e cálidas, são revitalizantes e prazerosas.

— Como lhe parece a paisagem? — perguntei.

— A superfície da zona é diversificada. Há uma grande variedade de paisagens, muitas delas de enorme beleza. Tal como vós, temos cadeias montanhosas elevadas, vales, rios, lagos, florestas, e correspondências internas de toda a vegetação que existe na Terra. Árvores e arbustos com folhagem maravilhosa, flores de todas as cores e tipos conhecidos — e muitas que desconheceis — exalam o seu perfume. A economia física de cada zona difere das demais. Novas e impactantes cenas de esplendor são-nos reveladas, tornando-se cada vez mais belas e sublimes à medida que progredimos.

— Essas sete esferas concêntricas movem-se com a Terra, à medida que esta gira? — perguntei.

— Embora as esferas girem com a Terra num eixo comum, formando o mesmo ângulo com o plano da eclíptica e se movam com ela em torno do vosso sol, não dependem desse sol para obter luz ou calor; não recebem um único raio percetível dessa fonte ponderável.

— Então, de onde provém a vossa luz? — perguntei.

— Recebemos a nossa luz de um sol etérico, concêntrico com o vosso sol físico. Deste sol central emana um esplendor contínuo, impossível de descrever. Por isso, não temos divisão de tempo em dias, semanas, meses ou anos, nem alterações de estação causadas pela revolução anual da Terra, pois não sofremos as influências

sazonais do vosso sistema solar. Tal como vós, estamos sempre a progredir de um momento para o outro, mas a nossa conceção de tempo e de estações é completamente diferente da vossa. Para vós, existe o tempo. Para nós, existe a eternidade. No vosso plano, os pensamentos são limitados pelo tempo e pelo espaço; no nosso, esses limites desaparecem gradualmente, e a nossa perceção da verdade torna-se mais precisa à medida que nos libertamos dessas restrições.

— Como utilizam a matéria? Como alteram a sua forma e estado? — perguntei. "Matéria," disse ele, "para nós, só é tangível quando a mente se concentra no objeto. Então, a força do pensamento envia a sua vibração ao redor do objeto, tornando-o tangível até certo ponto. Claro que isto é algo muito diferente daquilo a que chamais tangibilidade. Sem essa concentração mental, a vibração pulsa de forma indiferente — essa é a condição natural da matéria na nossa zona. É o pensamento que altera a sua forma e o seu estado. A ação vibratória da matéria é medida pelo espaço necessário ao seu volume."

— Como pode essa condição material em que viveis ser demonstrada? — perguntei.

— "Não se pode provar a uma criança que o vapor — essa substância fascinante — é perigoso, até queimar o dedo. Tampouco se pode incutir a verdade numa mente mais velha se esta não estiver aberta e preparada para compreender. Que tudo é material em diferentes estados de vibração é algo fácil de captar para o pensador. Mas é impossível provar, pelas vossas leis, ou demonstrar de forma absoluta a existência de matéria nas vibrações superiores em que vivemos — de maneira que os homens compreendam. Quando lidais com matéria física, aplicais leis físicas. Quando lidais com matéria espiritual, deveis aplicar leis espirituais — praticamente desconhecidas entre os homens. A melhor prova possível é a visão do clarividente, combinada com o raciocínio dedutivo — que, como já dissemos, é na verdade a forma mais elevada de prova."

— Alguma vez pensaste, acrescentou, *que o resultado de toda demonstração física só atinge a consciência através do caminho da razão? A mente, num estado mais elevado de desenvolvimento, compreende um facto da Natureza sem necessidade de prova física."

— Fala-nos um pouco da vossa vida social, da investigação científica e do ensino religioso no plano onde resides, pedi.

— "No que diz respeito à constituição social das esferas," respondeu ele, "cada uma é dividida em seis círculos ou sociedades, onde espíritos afins e compatíveis se reúnem e convivem sob a lei da afinidade. Embora os membros de cada sociedade se unam, na medida do possível, num mesmo plano moral e intelectual, uma análise cuidadosa revelará que a variedade de carácter dentro de cada círculo é quase infinita — tão vasta quanto o número de pessoas que o compõem.

Cada sociedade tem mestres oriundos de esferas superiores, cuja missão é transmitir-nos o conhecimento adquirido em várias áreas da ciência. E esse saber, por sua vez, é transmitido por nós aos que se encontram abaixo. Assim, ao receber e partilhar conhecimento, as nossas faculdades morais e intelectuais expandem-se

para conceções mais elevadas e visões mais profundas da Natureza, cujo poder se manifesta tanto na constituição dos mundos espirituais como nos incontáveis e resplandecentes orbes do espaço.

As nossas pesquisas científicas estendem-se a tudo o que diz respeito aos fenómenos da verdade universal — aos mistérios dos céus e da Terra, e a tudo aquilo que a mente humana é capaz de conceber. Estas pesquisas exercitam as nossas faculdades e constituem uma parte significativa dos nossos prazeres. As nobres e sublimes ciências da astronomia, da química e da matemática ocupam uma parte considerável da nossa atenção e oferecem-nos um campo de estudo e reflexão inesgotável.

Contudo, existem milhões de espíritos que ainda não estão suficientemente evoluídos para se interessarem por tais atividades. Mas a mente, liberta do corpo material denso, com as suas energias e perceções intelectuais melhoradas, pode — por assim dizer — compreender de forma mais rápida e precisa os princípios e verdades sobre os quais se baseiam as ciências.

Além dos estudos, temos muitas outras fontes de prazer intelectual, moral e afetivo — e delas retiramos alegrias inefáveis. Entre elas estão os reencontros sociais entre pais e filhos, onde as emoções mais vivas e os afetos mais ternos da nossa natureza se acendem, onde memórias profundas são evocadas, e onde espírito se une a espírito, coração bate em resposta a coração.

Não temos disputas sectárias nem dogmas eclesiásticos. Os nossos mestres espirituais pertencem àquela classe de pessoas que, durante a sua vida terrena, se distinguiram pela filantropia e coragem moral — os que, apesar dos escárnios das multidões oportunistas, ousaram defender as doutrinas da liberdade civil e religiosa. Também nos incutem a necessidade de cooperar na reforma e progresso dos nossos irmãos mais atrasados, ensinando-lhes os princípios divinos do amor, da sabedoria e da benevolência.

Instruem-nos nas doutrinas inspiradoras da progressão universal e eterna, e na sublime verdade de que o mal não é um princípio indestrutível e absoluto, mas sim uma condição negativa — uma circunstância passageira da existência. E mais: que o sofrimento por causa do erro ou pecado não é uma punição vingativa infligida por Deus, mas a consequência inevitável da violação da lei natural.

Ensinam-nos ainda que, de acordo com a economia moral divina, não existe perdão imediato para os erros cometidos — não há misericórdia automática, nem escapatória possível aos resultados naturais de uma falta, seja qual for a sua natureza. Não há cura para uma constituição moral enferma por meio de rituais exteriores ou cerimónias absurdas. A única forma de escapar ao pecado — e às suas consequências — é evoluir para além dele."

— O que é o espírito, tal como usais esse termo? — perguntei.

"Espírito," disse ele, "é a grande força do Universo. A combinação das forças espirituais constitui o grande poder do bem, e é através da ausência dessa força que se desenvolvem muitas das condições indesejáveis no vosso mundo. Todo o

Universo é apenas uma expressão dessa grande força. E se essa força espiritual não fosse material — se não fosse uma substância — como poderia tomar forma e crescer no plano físico?

Os que ainda habitam o vosso mundo cometem um grande erro ao pensar, mesmo por um momento, que o nosso mundo não é material. É tolice imaginar uma existência sem substância. Como poderia haver um mundo para além do físico, se não fosse material? Sem isso, não poderia existir vida após a morte. Fortes laços invisíveis de força mantêm o grande sistema das esferas no seu devido lugar. Tudo é força mental — e toda a força é vida: poderosa, ativa, persistente. E esse poder mental é aumentado por cada vida individual que se desenvolve no vosso plano criativo. Essa energia torna-se parte da força vital individual do Universo — e todos os dias acrescenta algo àquilo que chamamos o Bem. Este acréscimo não ocorre na dissolução, mas de hora a hora, à medida que a mentalidade se desenvolve."

Tais ensinamentos apelam à razão, e eu aceito-os.
A nossa Terra ainda é muito jovem. Antes de tomar forma e encontrar o seu lugar no cortejo dos mundos, outros planetas e sistemas solares já envelheciam. Foi há apenas um instante, no calendário do tempo, que as convulsões e erupções da Terra — no esforço de adquirir forma definida — elevaram montanhas, cavaram vales para os mares, e destruíram, no seu trabalho, o povoado continente da Atlântida. Foi há pouco tempo que se ergueram as pirâmides, que se construíram templos nas margens do Nilo, que Belsazar viu mãos invisíveis escreverem nas paredes da Babilónia. O esplendor grego e romano, o refinamento muçulmano, as conquistas de Napoleão, e a liberdade religiosa — são todos acontecimentos recentes.

O tempo não se mede por calendários mais do que um grão de areia mede a vastidão do deserto.

Há tantas coisas que ainda desconhecemos!

Descemos às profundezas da Terra e aprendemos um pouco sobre geologia; estudámos alguma botânica; observámos os céus, descobrimos planetas, medimos distâncias, e aprendemos um pouco sobre astronomia. Conseguimos domar parcialmente a eletricidade sem sabermos o que ela é — e desenvolvemos os nossos próprios seres na mesma proporção.

Mas não temos verdadeira noção do espaço, nem dos milhares de sóis e sistemas solares ligados ao nosso, nem do meio que os separa. A ciência não compreende a natureza nem a origem da força elétrica — e nada sabe sobre o magnetismo, nem sobre o papel que desempenha na Natureza, nem sobre a sua influência neste nosso mundo. A Humanidade tem uma ideia muito rudimentar de matéria — limitada à sua expressão mais grosseira. Nada sabe do espaço solar. Ainda não se desenvolveu o suficiente para compreender que o Universo é material, e que os diferentes planos se distinguem apenas pela densidade.

A raça humana ainda não compreende o que é a vida, nem de onde vem o átomo que desenvolve a consciência individual. Tampouco compreende as

responsabilidades que recaem sobre o indivíduo, e a sua relação com a sociedade e consigo próprio. Algumas proposições elementares foram enunciadas e demonstradas, e muitos dos chamados grandes pensadores declaram que não podemos ir além disso. Mas a força vital é hoje tão misteriosa para a ciência quanto era antes da era cristã.

As proposições primordiais que devem ser compreendidas são estas:

1. A Terra é apenas um dos muitos planetas criativos;
2. O progresso mal começou;
3. Nada no mundo físico atingiu — ou atingirá — a perfeição;
4. Todo o conhecimento atual é elementar;
5. Não existem limites;
6. A vida é eterna e continuará a desenvolver-se, expandir-se e crescer através das incontáveis eras por vir — além da compreensão humana do tempo.

A nossa origem é-nos inacessível no nosso estado atual. O nosso fim, igualmente. Mas o presente é nosso.

CAPÍTULO XI

TÃO POUCA MUDANÇA

Como é que alguém pode estar morto e não saber?

Esta foi, talvez, a questão mais difícil que alguma vez me foi apresentada. Todo o ensino ortodoxo moldou-se de tal forma que se torna difícil para qualquer pessoa compreender as condições naturais que a rodeiam. Nos primeiros anos desta investigação fascinante, conversei com muitos que não sabiam que tinham deixado a vida terrena.

Porquê? Por que razão não sabiam que tinham deixado o corpo físico?

Deixem-me dar-vos um relato taquigráfico do nosso trabalho na noite de 10 de Maio de 1897, que ilustra bem esse ponto. Foi registado por Miss Gertrude Spaulding, atualmente secretária de um senador dos Estados Unidos pelo Minnesota.

O espírito que coordenava o nosso trabalho disse:

— "Esta noite devemos trazer até vós alguém que precisa de ajuda — mais do que necessitais de palavras de instrução. Neste trabalho regular, não alterem as condições. Se quiserem convidar estranhos, escolham outra noite."

Então, uma voz estranha manifestou-se:

Pergunta: Estou interessado em saber o que estão a fazer aqui. Não quero que essa mulher aí sentada registe o que eu disser.

Resposta: Ela não está aqui para registar a tua confissão — se fizeres alguma. O trabalho que estamos a realizar é suficientemente importante para ser anotado estenograficamente; é por isso que ela está aqui. Então, meu senhor, como podemos ajudá-lo?

— "Não me chames 'amigo'. Mas já que aqui estou, vou apresentar uma proposta de negócio. Gostas de dinheiro, não é? Suponho que os outros aqui também gostem. O dinheiro faz muitas coisas…"

P: Tens algum negócio em vista em que queiras que participemos?
R: Tenho um certo bloco de ações que quero vender.

P: Que tipo de ações?
R: Ações mineiras. São ações de uma mina.

P: Isso é o mais importante para ti neste momento?
R: É o mais importante.

P: Por que queres vendê-las?
R: Tenho um bom motivo, mas não falo muito sobre isso com estranhos.

P: Como as conseguiste?
A: Não interessa. O que importa é que as tenho e quero vendê-las.

P: Há quanto tempo estás a tentar vender essas ações?
R: Já lá vão uns cinco anos. Nunca consegui vender porque toda a gente parece ter medo delas.

P: Nunca te ocorreu que, se não conseguiste vendê-las, talvez haja algo nessas ações que não esteja certo?
R: Eu sei tudo sobre essas ações. E tu, tens medo delas?

P: Não, não tenho medo. Suponho que as tenhas oferecido a um preço muito baixo?
R: Nem por isso. Não acredito em ações baratas.

P: Tens viajado?
R: Viajado? Já corri o mundo. Até estive na Europa.

P: Então não te parece estranho teres viajado tanto e ainda assim não conseguires vender as tuas ações?
R: Pois parece. É estranho, sim. Porque toda a gente a quem as mostrei virou-me as costas. As pessoas acham que eu estou um bocado "fora".

P: E a tua família? Onde está?
R: Queres que a minha mulher assine os papéis?

P: Ela assinaria?
R: Não é necessário.

P: Mas onde está ela?
R: Em casa.

P: E onde é "casa"?
R: Se queres mesmo saber, está em San Jose, Califórnia.

P: Viajaste mesmo muito. Já ouviste falar da cidade de Buffalo?
R: Claro. Quem não ouviu?

P: É uma boa cidade, não é?
R: Muito boa. Muito boa.

P: Ora bem, eu vivo em Buffalo. Estou na minha casa neste momento.
R: Não me digas que estou em Buffalo...

P: Estás, sim.
R: Na tua casa?

P: Exatamente. E foste trazido aqui com um propósito diferente de vender ações mineiras. Viajaste uma longa distância. Agora, meu amigo, de onde é que vieram esses papéis? Sê honesto comigo. Eles não têm sido um fardo para ti, há anos?

R: Já chega, senhores.

P: Conseguiste essas ações de forma honesta?

Neste momento, a voz do espírito-guia (o "controlador") interrompeu com firmeza:

"O homem de quem roubaste os papéis — foi ele que te matou a tiro."

P: Quem é ele? Como é que ele sabe disso? Como é que ele sabe?!

O espírito-guia dirigiu-se então a nós:

"Ele foi baleado enquanto roubava os papéis. Quando não conseguimos alcançar espíritos deste tipo, temos de os trazer para estas condições que aqui criámos. Precisamos da vossa ajuda. Neste ambiente, as suas faculdades mentais são despertadas, e podemos tirá-los da escuridão mental em que se encontram."

Voltei-me então para o espírito e disse:

— Se vieres e me tocares, talvez consigas ganhar mais força.

R: Vais pôr-me algemas.

P: Estás entre amigos.

R: Não confio em amigos nem em estranhos.

P: Quero que me ouças com atenção. Estás a quase três mil milhas de San Jose, Califórnia. Quando estavas a roubar essas ações ao outro homem, ouviste o clique de um revólver, não ouviste?

R: Sim...

P: Ouviste o disparo?

R: Não.

P: Mas houve um disparo.

R: Eu teria ouvido, se tivesse acontecido.

P: Pois foi disparado, sim — e a bala penetrou no teu corpo. Nesse momento, saíste do corpo físico. A tua vida continuou — e é tão semelhante à que conhecias, que tu, e milhares como tu, seguem em frente sem darem conta da mudança. Encontram condições tão parecidas, e aquilo que tinham na mente no momento da transição mantém-se, às vezes, por tempo indeterminado. Tens vagueado pelo mundo convencido de que ainda tens essas ações nas mãos. Mas tu já não és o que eras antes de as roubares. Algo profundo mudou. E, no entanto, não estás morto.

R: Sou um fantasma...?

P: Deixa-me explicar-te. Todas as semanas, reunimo-nos numa sala escura — como agora — e, compreendendo as leis que regem a comunicação entre os planos espiritual e físico, conseguimos falar com pessoas que já partiram, tal como estamos agora a falar contigo. Estás numa situação que não compreendes. Terás de sair dessa condição e reparar o mal que fizeste. Com o tempo — e talvez demore bastante — conseguirás progredir. Aqueles que já avançaram mais, e que compreendem a tua situação, trouxeram-te esta noite para que possamos demonstrar-te a mudança que ocorreu e ensinar-te como compensar o erro cometido. Se ouvires, ser-te-á mostrado.

R: Não acredito em nada disso.

P: Compreendes que na realidade não existe morte?

R: Não. Não compreendo.

P: A maioria das pessoas no plano físico não entende essa mudança. Deixa-se o corpo físico como se deixa um velho casaco. Mas o corpo etérico — o verdadeiro eu, com todos os seus desejos e tendências — continua. Agora diz-me, não sentes que algo mudou em ti? Queres que te mostre?

R: Sou tal como tu.

P: Isso não é possível, porque o teu corpo agora é composto apenas de éter. Olha: levanto a mão à frente do meu rosto — podes ver através dela?

R: Não.

P: Agora levanta a tua. Não vês que há uma diferença?

R: Sim… consigo ver através da minha mão.

P: O que pensas disso?

R: Se achas que estou maluco, mais vale eu ir-me embora.

P: Não queremos fazer-te mal algum.

R: Então fala com lógica.

O espírito-guia ("controlador") interrompeu de novo:

"Traremos um espírito que te ensinará o que é razoável — e que te provará que tu também és espírito."

P: Sabes que o homem que agora fala contigo é S., outrora uma figura de destaque?

R: Mas ele está morto.

P: E mesmo assim fala contigo. Pode alguém estar morto se ainda pode falar?

R: Vocês são um grupo estranho.

P: Talvez. Mas se ouvires o que ele tem para dizer — se procurares realmente a verdade — vais encontrá-la. A tua situação atual não te satisfaz, pois não?

R: Nada mesmo.

P: Então gostarias de sair dessa condição, não gostarias?

R: Não gosto que me chamem de morto.

P: Vamos ajudar-te como pudermos. Quero que me ouças: digo-te mais uma vez, não existe morte.

R: Mas disseste que eu era um espírito.

P: Sim, e digo que estás agora na vida após a morte. Tens um corpo etérico, quase idêntico ao antigo corpo físico.

R: Mas o espírito não é só pó?

P: Não, de todo. O espírito é tão material quanto antes da dissolução.

R: Então por que é que os vossos pastores não ensinam isso, se é verdade?

P: Porque a maioria deles não sabe. E os poucos que sabem, não têm coragem de falar.

R: Vou perguntar ao Padre Spencer se isso é verdade.

P: Queres ver o Padre Spencer aqui mesmo? Será possível trazê-lo esta noite? — perguntei ao espírito-guia.

"Estou a enviar mensageiros por ele", respondeu o guia. "Ele também já partiu."

P: Então, se o Padre Spencer vier aqui e falar contigo, como espírito —

R: Acreditarei em cada palavra do que disseste.

P: Esta noite ou noutra, falarás com ele tal como falas connosco agora.

R: Então esperarei.

Anos mais tarde, esse espírito voltou. Veio apenas para dizer que encontrara o Padre Spencer e que, finalmente, compreendera a terrível condição que havia criado para si próprio com uma vida mal vivida. Disse que agora percebia que teria de enfrentar de novo cada ato errado da sua existência terrena — revivê-lo, corrigi-lo — e que só através do trabalho e da reparação poderia redimir-se.

Afirmou também que nenhum homem, se compreendesse verdadeiramente as consequências do mal e o seu efeito na vida após a morte, escolheria fazer o mal.

Quando este trabalho teve início, eu próprio ainda não compreendia totalmente que alguém pudesse estar morto — ou melhor, desencarnado — e não saber disso. Primeiro, tive de aprender que existe vida individual para além do túmulo. Depois, fui ensinado que:

(a) Aqui e agora, já possuímos corpos espirituais, compostos de matéria etérica — tão materiais quanto o corpo físico que os reveste.
(b) A morte é simplesmente a saída do corpo etérico do seu invólucro físico.
(c) A vida após a morte é tão tangível e material quanto esta, ainda que mais intensa e real, distinguindo-se apenas pela vibração.
(d) Os chamados mortos têm corpos tão reais e tangíveis para eles quanto os nossos são para nós.
(e) Muitos dos chamados mortos movem-se entre nós, pouco conscientes de que ocorreu qualquer mudança — a não ser que tenham tido desenvolvimento espiritual.

Quando compreendi estas verdades, os mestres do mundo etérico começaram a ensinar-me sobre o carácter e as condições que envolvem e regem a vida na próxima esfera de desenvolvimento.

Então compreendi.

CAPÍTULO XII

O CORPO ETÉRICO DO HOMEM

Os antigos acreditavam que o Éter preenchia o céu e era a morada dos Deuses. Aristóteles sustentava que ele se estendia desde as estrelas fixas até à lua. A ciência moderna defendeu, até há pouco tempo, que todo o espaço estava preenchido por uma substância com rigidez e elasticidade, com uma densidade equivalente à da nossa atmosfera a cerca de 340 km de altitude — facilmente deslocada por qualquer massa em movimento — comparável a um fluido omnipresente ou a um derivado dos gases, através do qual o calor e a luz pulsavam constantemente.

Na sua obra *"Modern Views on Electricity"*, Sir Oliver Lodge, ao pronunciar a palavra final sobre o Éter, afirma:

"É uma substância contínua que preenche todo o espaço; que pode vibrar como a luz, que, sob certas condições desconhecidas, pode ser modificada ou analisada em eletricidade positiva e negativa; que pode constituir a matéria; e que pode transmitir, por continuidade e não por impacto, todas as ações e reações de que a matéria é capaz. Esta é a visão moderna do Éter e das suas funções. A substância mais sólida do mundo não é o ferro, nem o chumbo, nem o ouro, nem nenhuma das coisas que impressionam os nossos sentidos como extremamente densas. A coisa mais sólida que existe é precisamente aquilo que, durante gerações, foi universalmente considerado como o mais leve, o mais impercetível, o mais ténue e efémero, para além de qualquer definição ou cálculo: o Éter.

Supõe-se que o Éter permeia tudo, que está em toda a parte, que penetra todos os objetos, que se estende por todo o espaço. A Terra move-se através dele; o Sol e todas as estrelas existem e movimentam-se dentro e através do Éter; é ele que transporta a luz, a eletricidade e todas as formas de radiação. Ninguém jamais o viu, ou o tornou evidente ao tato ou a qualquer outro sentido. Escapa a todos os esforços para o sentir, para o pesar, para o submeter a qualquer tipo de experiência científica. Não desempenha qualquer papel na mecânica. Nem acrescenta nem retira nada à largura ou substância de qualquer corpo conhecido. Asseguram-nos algumas das mais altas autoridades que o Éter é milhões de vezes mais denso do que o platina, um dos metais mais sólidos que conhecemos."

Ao nosso redor e preenchendo aquilo a que chamamos espaço, permeando todas as coisas, está essa substância chamada Éter. Trata-se de uma essência subtil, difícil de definir, que se encontra na atmosfera que respiramos, altamente sensível, através da qual a luz do Sol viaja em ondas ondulantes, mas que é tão substancial como as próprias rochas e pedras. Existe um Éter grosseiro e um Éter refinado. Através do Éter mais grosseiro enviamos os nossos "étergramas", mas do Éter mais fino e sensível sabemos ainda muito pouco.

A sugestão de que toda a vida possui uma forma etérica é inteiramente nova. Se estamos ou não suficientemente evoluídos para apreciar uma proposição tão além

da nossa experiência é uma questão em aberto, mas um instante de reflexão basta para compreendermos que toda a vida provém do invisível, e regressa, no fim, ao invisível. O invisível, então, é o real, e o visível, o resultado de causas invisíveis. Existe um mundo dentro de outro mundo, todo ele contido neste universo maravilhoso. Vemos e tocamos apenas o revestimento externo do universo etérico que, temporariamente revestido por matéria grosseira, está a desenvolver-se. Uma inteligência diretiva criou todas as leis da Natureza, através das quais cada planeta habitado se move e existe, tendo o seu domínio no invisível. O invisível, portanto, torna-se um campo legítimo de investigação.

Aqueles que compreendem a física da vida após a morte, e com quem tenho mantido comunicação, asseguram-me que toda a vida, até ao átomo — e para além — possui forma etérica; que cada átomo que compõe uma massa de rocha; que cada molécula de terra que cobre a pedra árida; que cada grão de areia que forma a orla do oceano; que cada semente, planta, arbusto e árvore; que cada gota de água que corre nos riachos, que cai como chuva ou que compõe os lagos e os mares — todos têm forma etérica. Para crescer, o etérico requer um revestimento de matéria com vibração mais baixa do que a sua, tal como a semente plantada na terra, e nesse invólucro externo desenvolve-se e atinge um grau superior de evolução.

Nenhuma força vital pode existir no plano físico sem um invólucro adequado para esse fim. Dissociar a forma etérica do revestimento exterior significa que o indivíduo já não pode permanecer como habitante desta esfera — ocorreu a dissolução. Se pudéssemos seguir as condições para além deste plano, acabaríamos por descobrir que cada estrela e constelação possui forma etérica assim como física, e que são visíveis apenas porque estão revestidas de matéria grosseira, tal como o nosso planeta, pois todas as leis têm continuidade em todo o Universo.

É o corpo etérico que vê, ouve, sente, cheira e saboreia, como se prova pelo facto de o corpo físico não possuir nenhum dos cinco sentidos quando separado do etérico. O ouvido, por exemplo, com a sua câmara complexa e nervos auditivos, ouve verdadeiramente através do cérebro etérico. Se cortarmos os nervos, se destruirmos o tímpano, a comunicação é destruída; se algum dos mecanismos muito finos da câmara auditiva deixar de funcionar, ou não se ouve absolutamente nada, ou apenas muito imperfeitamente. Cada concussão provoca um círculo em constante expansão na atmosfera, ou seja, no Éter da atmosfera, que acaba por alcançar a câmara auditiva, comunica com esses nervos finos e com o cérebro. Por esse processo maravilhoso, compreendemos a diferença entre harmonia e desarmonia, entre sons doces e sons dissonantes. Do mesmo modo, através de uma perturbação gerada no Éter, compreendemos a linguagem.

Cavalos, gado e ovelhas existem e engordam com erva e água. Coloque-se todos juntos num campo fechado, num país tropical, e mantenham-se ali indefinidamente — o que acontece? Alimentam-se exatamente da mesma coisa e multiplicam-se; a carne que os reveste desgasta-se e é diariamente substituída, ocorrendo, em última análise, uma renovação completa. Porque não se cruzam entre si? Porque cada um mantém a sua forma individual? Isso deve-se unicamente ao facto de cada um possuir uma forma invisível, composta por matéria num estado de vibração

muito elevado, que mantém a continuidade, tendo atingido o estado que se designa por etérico, no qual a forma de vida nem se desintegra nem entra em novas combinações. O homem difere do animal apenas em grau de desenvolvimento. No momento da conceção, ele já possui um corpo etérico, minúsculo e perfeito para além da nossa compreensão e, se lhe for permitido habitar o corpo físico durante o tempo habitual, atinge um crescimento normal.

Quando, pelo calor, destruímos o invólucro externo de um pedaço de carvão, quando o físico já não consegue conter a energia, a vida ou a forma etérica, os dois dissociam-se; por outras palavras, a energia ou forma de vida escapa para passar a outro estado; o invólucro exterior — a cinza ou o resíduo — regressa à origem, sendo eventualmente absorvido por outra forma de vida, até que, com o tempo, tenha sido tão refinado que consiga manter continuidade, por ter-se tornado etérico. E tudo isto demonstra que o homem é parte de um todo grandioso, evoluído da vida etérica em massa, refinado ao ponto de manter individualidade. A morte, assim chamada, é a saída do espírito individual ou corpo etérico do revestimento carnal. Libertando-se desse invólucro exterior, torna-se habitante de um plano onde tudo é etérico, mas onde, para os sentidos e tato etéricos, todas as coisas são tão tangíveis, reais e naturais como na vida terrena.

É absolutamente impossível a um ser humano compreender a mudança que ocorre na morte — assim chamada — a menos que compreenda que cada indivíduo possui uma forma espiritual composta por átomos etéricos, tão materiais quanto o corpo físico visível e tangível. Sabendo disso, torna-se claro que a dissolução é simplesmente a separação do corpo físico e do corpo etérico, quando o primeiro, por acidente, doença ou velhice, já não pode obedecer à vontade do ocupante. Quando o corpo físico já não consegue cumprir a sua função, o espírito ou corpo etérico, por uma lei natural, abandona o revestimento carnal, e com esse ato deixa de habitar o plano terrestre. É só isto que acontece no momento da dissolução.

CAPÍTULO XIII

A TERRA DESCONHECIDA

Para o norte gelado, para o frio terrível, ao custo de vidas humanas, muitos exploradores partiram ao longo do tempo em viagens de descoberta, enfrentaram escarpas e escalaram montanhas de gelo, enfrentaram a fome e a desolação, até que, por fim, num planalto desolado e árido, um homem alcançou o Pólo e ficou de pé sobre o topo da Terra. Não satisfeitos por haver ainda um lugar por conhecer à superfície do planeta, outros exploradores igualmente corajosos enfrentaram tempestades e frio, atravessaram fendas profundas, desafiaram a fome, até que, por fim, encontraram o Pólo Sul. O homem foi até aos confins da Terra, sondou os mares, cartografou os ermos, e agora dizem que todas as terras foram exploradas. Mas não! Há ainda uma outra terra, uma terra desconhecida, tangível, material, atual, real, e mais intensa e bela do que qualquer uma até agora conhecida — este é o próximo campo de exploração.

Para essa terra irão todos os incontáveis mortos de todos os tempos, bem como todos os que ainda virão a habitar, por breves instantes, este mundo físico. Sendo isto uma verdade evidente, que outro campo de investigação poderia ser mais importante? Comparada com esta, a descoberta dos Pólos ou a abertura do Continente Negro é insignificante.

Se existe uma terra para além do plano físico — tangível e material, habitada por pessoas — porque ainda não foi descoberta? A resposta é simples. A ignorância e a superstição têm sido barreiras mais difíceis de ultrapassar do que montanhas de gelo e neve e, apesar dos milhões que para lá foram, pouco esforço tem sido feito para descobrir o que quer que seja a seu respeito. Uma ilustração pode ajudar a explicar tal indiferença. Antes da linguagem escrita, e em grande parte antes do advento da imprensa, o conhecimento era transmitido oralmente, e lendas e tradições eram passadas de geração em geração. Algumas destas foram incorporadas em livros e, por estarem impressas, foram aceites como factos. Entre essas, estão os relatos da criação e das condições após a morte, e os homens, sem pensar por si próprios ou exigir provas, aceitaram cegamente lendas e tradições em vez de factos baseados em leis que apelam à razão. Aqui reside, em parte, a explicação para a indiferença.

Quando o homem se convencer de que além do físico existe outro mundo, habitado por todos os chamados mortos, onde vivem e trabalham aqueles que amou e perdeu, os cordões à bolsa abrir-se-ão, os meios serão disponibilizados, o espírito de exploração será reacendido, e outros, tão corajosos como Colombo, tão ousados como Cortéz, tão heroicos como Livingstone, tão destemidos como Perry, tornar-se-ão pioneiros na floresta inexplorada da Terra Desconhecida. Com as suas descobertas, o mundo será enriquecido mil vezes mais do que com as explorações de todos os tempos nos desertos gelados dos Pólos. Mas até que o intelecto público desperte, até que o pensamento do mundo se agite, alguns de nós, sozinhos, teremos de continuar a trabalhar.

Na vida após a morte, tenho pai, mãe, irmão e filho. Outros, em situação semelhante, poderão estar satisfeitos com os ensinamentos ortodoxos sobre onde eles se encontram e em que estado vivem, mas eu nunca estive, e por isso tenho-me empenhado em saber algo mais sobre a sua vida quotidiana e sobre como e onde, neste vasto Universo, eles vivem e trabalham. Muito se tem escrito sobre espíritos e sobre a vida espiritual, sobre um Céu e um Inferno onde os chamados mortos existem, mas esses relatos são tão vagos, indefinidos e teóricos que nunca apelaram à minha razão nem satisfizeram o meu desejo por factos concretos.

Os mortos vivem em casas? Porque não? O plano onde vivem é material, então por que não haveriam de construir casas, mobiliá-las e embelezá-las? Nem toda a matéria do Universo está confinada à Terra. Estão vestidos? Porque não? Os seus corpos são tão visíveis como quando estavam na vida terrena, e, possuindo matéria adequada às suas necessidades, fazem e vestem roupas, pois a modéstia não desaparece com a dissolução. Precisam de alimento? Porque não? Os seus órgãos digestivos não foram destruídos com a transição. É verdade que o processo é em grande medida refinado, e eles absorvem a essência do alimento em vez da substância, como os mortais fazem. Outra questão é se, após a dissolução, aqueles que eram viciados em opiáceos, álcool ou tabaco perdem o desejo. A resposta é

não: na vida terrena, não era o tecido da carne que ansiava por opiáceos, mas sim o sistema nervoso, o corpo etérico — e, não havendo mudança no corpo etérico, o desejo persiste e precisa eventualmente de ser superado. O corpo físico não pode entrar no reino etérico de Deus. Estarão os chamados mortos sem lar ao entrarem na próxima vida? Uma pergunta muito natural. Dizem-me que algumas pessoas viveram vidas tão degradadas que não encontram nada à sua espera no além. Pode ter sido construída uma casa por aqueles que os precederam, mas talvez não consigam alcançá-la durante muitos anos. Contudo, é comum que os que se encontram na vida após a morte planeiem e trabalhem para criar um lar, de modo a deixá-lo pronto para que os seus entes queridos o possam habitar logo que ocorra a grande mudança — tal como fazemos preparativos para a chegada de uma criança recém-nascida a este mundo.

Sei bem da dificuldade em compreender que o invisível possa conter algo real e tangível. Temos o hábito de pensar, em termos gerais, que nada existe fora do que é visível; nunca vimos a substância da qual a vida é composta; nunca vimos a vida, porque essa substância está além da nossa visão. Normalmente, não conseguimos ver nem o muito grande nem o muito pequeno — apenas a matéria cujo movimento ocorre dentro de certos limites fixos — e sabemos pouco sobre o que está acima ou abaixo desses limites. Com o microscópio e uma gota de água, foi possível descobrir matéria minúscula; com o telescópio, conseguimos discernir milhões de estrelas e constelações, que compõem a família do Universo e que se movem com perfeita ordem e precisão. As possibilidades ainda não foram esgotadas, e todos os segredos do Universo não serão descobertos pelos habitantes deste plano de consciência. Todas as descobertas e todo o progresso resultam da busca pelo conhecimento, e são alcançados com esforço.

Quando me disseram pela primeira vez que os que vivem na vida após a morte são pessoas reais e habitam um mundo tão tangível como este, o assunto ultrapassava a minha capacidade mental, pois fui ensinado a acreditar que o mundo espiritual era intangível e que existia no espaço, sem qualquer sugestão de que aquilo a que chamamos matéria pudesse existir para além do visível. Nunca consegui compreender essa realidade até me explicarem que, neste nosso plano de existência, só percebemos a matéria numa determinada forma de movimento, quando esta pode ser considerada como tendo três dimensões — comprimento, largura e espessura.

Se outros tiverem de passar pelo mesmo processo que eu precisei, devem adotar o mesmo método e não tentar compreender as condições da vida após a morte sem, primeiro, recorrerem à investigação e ao raciocínio dedutivo, de modo a compreenderem a matéria nas suas formas mais elevadas e refinadas, e nos seus diferentes modos de vibração. Ao alcançarem esse ponto, não terão dificuldade em aceitar que existe, para além deste plano grosseiro, uma condição em que as pessoas — que em tempos habitaram este mundo — vivem vidas semelhantes, com ambientes semelhantes. Tendo abandonado o invólucro de carne de vibração lenta a que chamamos corpo, descobrem que tudo continua tão material como antes. Estou a tentar explicar este tema de forma simples, para que qualquer mente capaz de raciocinar e pensar o possa entender.

Mesmo assim, reconheço a dificuldade, pois esta proposta é totalmente nova para a física. Quando este facto for finalmente aceite, as mentes pensantes irão desenvolvê-lo em pormenor e apresentá-lo de mil formas comprováveis em que eu ainda nem pensei, e então as pessoas irão espantar-se por nunca se ter chegado antes a tais conclusões. Com o tempo, todos saberão que esta mudança, como todas as outras da natureza, é extremamente simples.

O conhecimento do ambiente do plano seguinte e das condições aí existentes só pode vir daqueles que lá se encontram, e foi desses que obtive a minha informação. Que aqueles que duvidam da minha afirmação de que falei com habitantes da vida após a morte se lembrem deste facto — em média, uma vez por semana, durante 20 anos, em condições científicas, fiz precisamente isso e comuniquei com milhares de indivíduos diferentes que provaram a sua identidade. Quem quiser negar esse facto deveria ter tido experiência equivalente, para estar qualificado a falar sobre o assunto. Tanto quanto sei, nenhum homem teve mais oportunidades ou recebeu mais informações sobre as condições reais que prevalecem na vida após a morte do que eu.

É um facto digno de nota que a informação sobre as condições predominantes na vida após a morte, obtida através de pesquisas psíquicas cuidadosas, concorda substancialmente.

CAPÍTULO XIV

A IDENTIDADE PESSOAL

A identidade pessoal tem sido o grande obstáculo para os investigadores psíquicos. No meu trabalho, devido à escuridão necessária durante as sessões, dependo da voz e da informação fornecida como prova da identidade do indivíduo. A este respeito, obtive provas realmente notáveis.

Só ao mostrar que as pessoas na vida após a morte possuem corpos materiais e vivem sob condições materiais é que podemos compreender como conseguem falar com voz direta e provar quem são. Partindo do princípio de que mantêm os corpos, que conservam a mesma forma etérica que outrora esteve revestida de carne, e que vivem num mundo material, não achamos surpreendente que falem connosco e se comuniquem de várias formas; pelo contrário, parece razoável e natural que o façam — e também que tenham tanto desejo de comunicar connosco como nós temos de comunicar com eles.

Lembro-me de um episódio que agradará aos mais materialistas. Eu era um dos testamenteiros do meu pai e, depois da sua morte e da liquidação do seu espólio, ele falou comigo a partir do outro plano e, certa noite, disse-me que eu tinha deixado passar um item que queria mencionar.

Respondi: "A tua mente esteve sempre centrada na acumulação de dinheiro. Porque ocupar agora o tempo — que é tão limitado — com assuntos relacionados com a tua herança? Já foi distribuída."

"Sim," respondeu ele, "sei disso, mas trabalhei demasiado para o meu dinheiro para deixá-lo perder-se, e há um bem ainda por descobrir."

"Bem," disse eu, "se isso é verdade, fala-me sobre isso."

Ele respondeu: "Alguns anos antes de partir, emprestei uma pequena quantia a Susan Stone, que vivia na Pensilvânia, e obtive dela uma nota promissória sobre a qual, segundo as leis desse Estado, eu podia entrar imediatamente com um pedido de sentença, sem necessidade de processo. Fiquei algo apreensivo com o empréstimo, por isso, antes do vencimento, levei a nota ao escrivão judicial de Erie, Pensilvânia, que registou a sentença, tornando-a uma hipoteca sobre os bens dela. Nos meus livros de contas não há referência a essa nota ou sentença. Se fores ao cartório do escrivão em Erie, encontrarás a sentença registada, e quero que a cobres. Há muitas coisas que tu não sabes, e esta é uma delas."

Fiquei muito surpreendido com essa informação e, naturalmente, pedi uma certidão da sentença. Encontrei-a registada a 21 de Outubro de 1896, e com essa prova da dívida consegui cobrar à devedora 70 dólares com juros. Duvido que alguém soubesse dessa transação além da subscritora da nota e do escrivão em Erie. Eu, certamente, não sabia. Não havia razão para suspeitar da sua existência. O médium presente nessa sessão não podia ter conhecimento do assunto, e eu, de facto, recebi o dinheiro. A voz do meu pai era nitidamente reconhecível nessa ocasião, como tem sido em centenas de outras, e refiro este episódio para benefício daqueles que avaliam tudo por uma métrica monetária.

O Dr. Isaac J. Funk, homem de grande saber, dedicou quarenta anos à investigação psíquica. Publicou os resultados das suas pesquisas e muitas das suas conclusões, embora sempre tenha vivido sob o receio da crítica científica. Passei muitas horas com o Dr. Funk a analisar os pormenores do meu próprio trabalho, e discuti com ele muitos dos problemas que tínhamos de enfrentar. Demonstrava grande interesse pelas investigações que eu fazia com a Sra. French, razão pela qual organizei a sua ida a Nova Iorque, onde passou onze dias com ele e os seus colaboradores. Ali, sob as condições que ele próprio estipulou, ela demonstrou o trabalho que fazia comigo. O resultado foi publicado na sua obra *"The Psychic Riddle"*.

Ele procurava sempre provas de que as vozes que ouvia eram independentes e desejava evidências de identidade daqueles com quem eu falava. Considerava estes pontos cruciais para provar a continuidade da vida, mas no seu trabalho nunca conseguiu satisfazer-se plenamente quanto a eles. O seu método consistia em tentar provar algo através da eliminação — ou seja, demonstrar uma verdade através da negação da sua oposta.

Ele, como outros cientistas, tentava construir uma estrutura destruindo-a ao mesmo tempo. Esse método tem atrasado o progresso de quase todos os investigadores psíquicos, e muitas vezes eu lhe dizia que se devia procurar o que se deseja encontrar com uma mente aberta e recetiva, tendo sempre presente que as condições não podem ser moldadas para satisfazer as ideias de ninguém; devemos aceitar as condições como as encontramos e melhorá-las, para alcançar o fim

desejado. Em todas as obras publicadas pelo Dr. Funk, ele deixava uma margem de dúvida nas suas conclusões, para evitar críticas caso fosse encontrado em erro.

Algum tempo após a sua partida do corpo físico, numa das últimas sessões que tive com a Sra. French, ouvi a voz de um homem a pronunciar o meu nome. O tom era familiar, mas não consegui associá-lo a ninguém que conhecera na vida terrena, embora soubesse tratar-se de um espírito a falar.

Respondi: "A tua voz é familiar, mas não a reconheço."

Ele respondeu: "Sou o Dr. Isaac Funk. Estou fora do corpo há pouco tempo e, estando interessado no teu trabalho, foi-me permitido vir."

Disse-lhe então: "Podes ser o Dr. Funk, como afirmas, mas não te podemos permitir ocupar o nosso tempo sem estabeleceres a tua identidade. Esta é uma das regras que adotámos há algum tempo, porque, conhecendo a pessoa, podemos formar um juízo sobre o valor do que ela disser. Se és o Dr. Funk e desejas continuar esta conversa, deves provar esse facto."

Ele respondeu prontamente: "Tens toda a razão; o que pedes é justo. Devo ser capaz de provar a minha identidade."

Disse eu: "Certamente, se és o Dr. Funk, podes dar-nos alguma prova da tua identidade. Durante a tua vida terrena, sempre deste grande importância ao estabelecimento da identidade."

Ele então perguntou: "Como deverá isso ser feito?"

Respondi: "Isso não me compete sugerir. Sabes quão técnicos são sempre os senhores da ciência, grupo ao qual pertencias. Se vais submeter-te a um teste aqui, queremos que seja comprovativo. Se vais provar a tua identidade, terás de o fazer sem sugestões minhas."

Após uma pausa, ele respondeu: "A identidade era, de facto, aquilo que eu invariavelmente queria ver provado de forma satisfatória. Recordo-me de uma conversa que tivemos no teu escritório privado, onde apenas nós dois estávamos presentes."

"Sim," sugeri eu, "tivemos muitas conversas assim."

Ele então disse: "Refiro-me a uma em que te pedi para fazeres um teste especial numa das tuas sessões com a Sra. French. Pedi que, quando uma voz independente estivesse a falar, colocasses a tua mão sobre a mesa e que a Sra. French encostasse a boca à tua mão; depois deverias colocar a tua outra mão sobre a cabeça dela, segurando-a firmemente, e nessa posição verificarias se conseguias ouvir a voz independente. Queria essa prova como evidência de que não era a Sra. French a falar. Ninguém sabia dessa conversa além de nós dois, e isso deve servir como prova de que sou o Dr. Funk."

Respondi: "Sim, recordo-me dessa conversa, do momento e do lugar. Agora reconheço a tua voz, e a tua prova é satisfatória."

Coloquei então a minha mão sobre a mesa. A Sra. French, conforme sugeri, encostou a boca à parte de trás da minha mão; com a outra mão coloquei-a sobre a sua cabeça, segurando-a firmemente, e então disse:

"É isto o que me pediste para fazer?"

O Dr. Funk respondeu: "Sim."

Imediatamente disse: "Dr. Funk, fala tu, e vamos demonstrar que a tua voz é independente."

Depois disso, houve uma conversa geral entre o Dr. Funk, certos membros do meu grupo de colaboradores do outro lado da vida, e eu, onde se disseram coisas bastante francas. Disse ao Dr. Funk que, devido à sua posição de destaque e ao facto de ter investigado este tema importante durante tantos anos, poderia ter sido uma grande força para o bem; que muitas pessoas neste mundo estavam interessadas nele e nos seus escritos e guiavam-se pelas suas conclusões, mas que ele nunca as publicou integralmente, razão pela qual os seus leitores não podiam chegar a uma conclusão melhor do que a dele. Disse-lhe que falhou no momento crucial e anulou o bem que poderia ter feito. Acrescentei que considerava isso uma grande perda, não só para ele, mas para o mundo em geral.

Ele respondeu: "Compreendo isso agora mais do que nunca. É um facto que eu temia a crítica dos homens da ciência. Lamento profundamente não ter publicado as minhas conclusões por completo. Na minha própria mente, nunca tive dúvidas."

Um espírito respondeu-lhe:

"Foste o guardião de muito conhecimento. Através das tuas investigações, aprendeste muitas coisas. Pela tua posição, poderias ter feito muito bem. Esse foi o teu obstáculo, e antes de poderes progredir, terás de tornar-te forte precisamente onde foste fraco."

Nas minhas investigações, ao longo de muitos anos, na sala da minha casa dedicada a este trabalho, milhares de homens que conheci pessoalmente falaram comigo, usando as suas próprias vozes. Reconheci as suas vozes; recordaram e relataram inúmeros factos e episódios da sua vida quotidiana e provaram, sem margem de dúvida, a sua identidade — não menos convincentes do que nos dois casos que referi.

Além disso, falei com muitos com quem não tive uma relação pessoal enquanto estavam vivos, mas, através deste contacto, vim a conhecê-los bem e a admirá-los profundamente. Ouvi em várias ocasiões discursos de Robert G. Ingersoll, cuja eloquência ninguém poderia imitar — discursos tão poderosos como os que proferia em vida, perante plateias fascinadas. Henry Ward Beecher honrou-me com a sua amizade e proferiu diversas palestras sobre as condições do além. DeWitt Talmage falou várias vezes sobre os deveres do ministério e sobre as consequências para o

indivíduo de ensinar coisas desconhecidas. Descobriu que não podia progredir na vida após a morte, sendo alguém que ocupou o papel de guia espiritual, enquanto não procurasse, no seu plano, todos aqueles que haviam seguido os seus ensinamentos e os levasse à verdade; além disso, compreendeu que teria de esperar pela chegada daqueles ainda vivos na Terra, para que o seu erro fosse corrigido o mais cedo possível.

Propagar ensinamentos desconhecidos ou impraticáveis enquanto se está neste plano terrestre é algo sério, e tem consequências na vida após a morte.

CAPÍTULO XV

ESFERAS NA VIDA APÓS A MORTE

Desde cedo nas minhas investigações compreendi que a vida continua para além da sepultura; que a personalidade não se perde; que, uma vez compensados todos os erros e corrigidas as injustiças, o espírito progride. Mas foram precisos muitos anos até conseguir alcançar espíritos mais avançados e, com eles, aprender o que existe para além da primeira esfera, onde o nosso trabalho se concentrava até então. Perguntámos muitas vezes o que havia mais além, ou para onde levaria o progresso, e tantas vezes nos foi dito para termos paciência — que quando estivéssemos preparados para receber e compreender, o conhecimento seria dado.

Por fim, o conhecimento há muito desejado foi revelado, e descobrimos que a vida futura compreende sete esferas, cada uma contendo muitos planos; é assim:

1. Restituição
2. Preparação
3. Instrução
4. Prova e Tentação
5. Verdade
6. Harmonia
7. Exaltação

Escrevi anteriormente sobre as condições da primeira esfera com base no trabalho que realizei nesse plano e nas informações gerais que me foram dadas por espíritos. Mas, ao abordar agora as esferas superiores, sou capaz de apresentar a linguagem daqueles que nelas vivem e que as descrevem. Um deles disse:

"Sei aquilo que todos nós sabemos — que existem sete esferas. Acabei de chegar à terceira. Por vezes, um espírito pode comunicar da sua esfera para a imediatamente superior, da mesma forma como vocês o fazem enquanto estão no corpo físico — mas apenas assim, sem haver verdadeira convivência entre elas. Quando um espírito passa de uma esfera para outra, o processo é muito diferente da dissolução que ocorre na vida terrena. Ele é avisado de que a mudança se aproxima e tem tempo para elevar os seus pensamentos a um plano mais alto, preparando-se assim para a nova vida. Despede-se de todos os seus amigos, que

se juntam numa celebração de gratidão, congratulando-o e ajudando-o com pensamentos de força e elevação.

Quando chega o momento, o espírito adormece serenamente, com a consciência dominada pela ideia de que vai passar por essa transformação. Ao despertar, encontra-se já no seu novo lar, na esfera imediatamente superior. Desapareceu da anterior. Não há corpo antigo a enterrar ou a decompor. Cada mudança conduz a uma vida mais elevada e melhor, e o novo lar que o aguarda é mais belo, pois ele próprio o construiu com uma mão — ou melhor, espírito — mais sábio e seguro. O seu lar já não se encontra entre os antigos companheiros, pois o pensamento que o ligava ao plano anterior cessou, e como é o pensamento que mantém coesa a forma espiritual, essa torna-se então invisível.

Cada nova mudança é mais difícil de explicar do que a anterior. É simplesmente uma vida mais elevada, muito ativa, onde nos desenvolvemos em todas as áreas, especialmente naquelas que nos são mais queridas. Assim, cada espírito torna-se mais apto a ensinar e a ajudar. É uma vida muito ativa e agradável, que por vezes se assemelha a uma grande cidade universitária, com estudantes atarefados a correr de aula em aula, de palestra em palestra. Todos são afáveis e alegres.

Na esfera inferior, ainda se vê muito sofrimento entre os que estão ligados à Terra. Também eles estão ocupados a corrigir erros do passado e muitas vezes têm o coração pesado. De um modo geral, a primeira esfera é onde ocorre a restituição e onde se dá a separação final das condições terrenas. A segunda é a da instrução, um período de estudo durante o qual o espírito adquire conhecimento de si mesmo e das leis naturais. A terceira é de ensino — instruem-se os que se encontram nas esferas inferiores. A quarta é de prova e tentação. A quinta é de verdade, onde o erro e a falsidade são desconhecidos. Na sexta, reina a harmonia. Na sétima, os espíritos atingem a esfera da exaltação e tornam-se um com o grande Espírito que rege o universo.

Existem outros, mais avançados do que eu, que podem explicar melhor as esferas superiores. Eu próprio nunca estive na quarta, apenas sei dela como tu sabes — pelo ensino dos que lá estão. Dizem-nos que mesmo os espíritos da esfera da exaltação não perdem a individualidade. Estão incorporados em toda a beleza e bondade do universo. Não sei se consigo exprimir isto com clareza: embora mantenham a individualidade, eles permeiam o universo. Tornaram-se tão grandiosos e universais que, por vezes, achamos que ultrapassaram os limites e devem ter perdido a personalidade — mas não temos conhecimento definitivo, e em geral aceita-se que não a perdem.

É difícil compreender ou apreciar o que é essa última esfera, pois o grau de desenvolvimento está para além da nossa compreensão. Os que estão na segunda esfera fazem pouco mais do que preparar-se para um trabalho mais vasto e melhor. Para chegar a esse estado, já libertaram o espírito do fardo das faltas cometidas em vida, saldaram todas as dívidas para com a humanidade e dissiparam a escuridão da primeira esfera. Trabalham com os olhos espirituais abertos e visão clara, e estão em paz com tudo. Este estado deve preceder a esfera de estudo e desenvolvimento. Tenho aulas sobre pureza, beleza e paciência, e há aulas sobre

todos os assuntos imagináveis — música, química, tudo. São diferentes das da vida terrena, e é necessário adotar novas formas de pensar.

Um dos nossos engenheiros magnetiza o teu quarto sempre que ouves as nossas vozes. É mais fácil para os que já ascenderam à vida superior alcançarem-nos do que para nós alcançarmos vocês — há menos barreiras. Sim, temos sempre lugares que se assemelham a lares. O pensamento não é indefinido, e é ele que constrói os nossos lares — e enquanto mantivermos esse pensamento, esses lares permanecem. Perguntas onde está localizado esse lar? Eu dir-te-ia que todo o espaço está povoado de espíritos."

Esta palestra revelou-nos as esferas da progressão. Como vês, não apenas nos foram ditos os seus nomes, mas também algo sobre as ocupações que se seguem na vida superior. Não muito pode ser revelado, imagino, mas talvez tudo o que uma mente finita possa apreender. Acredito no que escrevi, não apenas porque conheço quem falou, mas porque isso apela à razão e está em harmonia com as leis naturais, tal como as compreendo.

É verdade que é difícil entender onde estão essas esferas, mas há muitas outras coisas igualmente difíceis de compreender. Os instrumentos astronómicos demonstraram que o Sol se encontra a cerca de noventa e três milhões de milhas da Terra, mas esse número em si nada significa para a mente humana — não conseguimos compreender tal distância. Sabemos que a luz viaja a cerca de 300 mil quilómetros por segundo, mas essa velocidade é incompreensível, pois não temos nada de tangível com que a possamos comparar.

O nosso conhecimento real sobre eletricidade, magnetismo, ou mesmo gravidade é limitado — como o é em relação a todas as leis da Natureza. Então, será estranho que tenhamos dificuldade em conceber o que é o espaço e como ele está povoado? Este nosso pensamento já agora é livre e pode atravessar o espaço — mas fá-lo com os olhos fechados, sem ouvir sons, nem sentir toque. No momento da dissolução, cada sentido é intensificado, e toda a vida que preenche o espaço torna-se visível aos sentidos espirituais e tangível ao tato e à mente espirituais. O espaço, então, adquire forma, substância e realidade — num mundo de pensamento, infinito e eterno.

Alguém na vida após a morte descreveu-me a casa espiritual de uma grande e nobre mãe, construída pelo trabalho do amor e da caridade incansável — tanto no plano físico como no plano espiritual onde ela agora reside — alguém que trabalhou longamente para fazer com que as mulheres compreendessem a verdade e vivessem mais próximas do melhor da natureza. Eis a descrição tal como me foi dada:

"Diante de mim está o interior de uma casa magnífica, construída por um espírito, criada e formada pelos pensamentos, atos e obras de alguém que, há trinta e dois anos, viveu no plano material. O salão que se abre diante de mim parece feito de mármore branco puro, com tetos altos; em torno dos quatro lados corre uma varanda larga, apoiada por colunas graciosamente esculpidas; de um ponto além do centro desce uma escadaria ampla, em curva, e aos seus pés, de cada lado, há nichos preenchidos com estátuas belíssimas.

Subindo agora os degraus, vejo que cada um tem uma cor diferente, mas todos se fundem num conjunto harmonioso; ao redor da galeria superior há janelas por onde entram suaves raios de luz. Das laterais abrem-se portas, e, ao observar, uma delas abre-se e um espírito belíssimo aparece, assumindo — ao entrar — a antiga forma material para poder ser reconhecida.

Ela atingiu a maturidade e tem um rosto de rara doçura — a beleza da pureza. Sorri ao ver que descrevemos a si e ao seu lar. Com ela está uma filha, agora a entrar na juventude — uma que nunca viveu a vida terrena, pois nasceu prematuramente. Estas duas, unidas pelo invisível laço do afeto, construíram este lar e enriqueceram-no com amor.

Atravessando agora o corredor, com o braço da mãe à volta da filha, aproximam-se da outra extremidade do edifício, descem uma escadaria idêntica à primeira, e saem para um amplo terraço, seguindo por caminhos ladeados de flores, até ao jardim da felicidade. Ao voltar-me agora para o vale, vejo muitas árvores com folhagem abundante, e através delas, os brilhos verdes de um lago, tão rico como uma esmeralda.

Em torno da sala abobadada que descrevi, há muitas outras feitas do mesmo material, repletas de tudo aquilo que esta mãe ama. Livros que ela usa no seu trabalho estão visíveis; quadros, criados por atos de ternura, adornam as paredes. Instrumentos musicais, diferentes dos da Terra, aguardam o toque espiritual. Este é um lar onde raparigas, ainda florescendo para a vida, são ensinadas sobre pureza — é um lar de mãe, e sugere-te a possibilidade de ambientes espirituais. Não foi construído num dia, mas é fruto de trabalho tanto na Terra como nas esferas de progressão, onde tudo está em sintonia com o desenvolvimento espiritual — o lar de uma mulher virtuosa, construído através da ajuda ao próximo.”

Noutra ocasião, disse a um dos meus amigos no além:

"Fala-me das casas dos espíritos."

E ele respondeu…

"Isso é algo muito difícil de explicar," disse-me o espírito, "porque as pessoas da Terra esperam encontrar tudo muito diferente, quando, na realidade, as casas aqui são praticamente iguais às da vida terrena — com a grande diferença de que, nas esferas superiores, não há discórdia, nem falta de harmonia, apenas luz, beleza, música, riso e estudo profundo e intencional. Estou a descrever o lar de um espírito que compreendeu o princípio da vida. Há muitas almas pobres e atribuladas, que por vontade própria ou por ignorância olham para baixo em vez de olharem para cima, para as grandes possibilidades do futuro — vivem em cabanas miseráveis, criadas pelos seus pensamentos e ações durante a vida terrena.

Poucos têm um lar belo à sua espera ao entrarem na vida espiritual, porque a maioria das pessoas vive tão alheia às leis naturais que encontra apenas abrigo insuficiente ao chegar aqui. Mas os sábios começam a construir a sua casa pela elevação do pensamento, pela correção dos erros cometidos na Terra, e, acima de

tudo, ajudando os outros. Nenhum toque físico constrói estas casas, mas, à medida que a alma cresce em beleza de pensamento e ação, o lar cresce em perfeição."

"Esses lares são tão reais para ti como os nossos o são para nós?" — perguntei.

"São os lugares de permanência dos espíritos, onde eles reúnem tudo o que amam em termos de beleza, e onde os espíritos afins vêm e vão, tal como acontece na vida terrena. São tão reais para nós como as vossas casas o são para vós. Mas vemos as coisas de forma diferente — pensamo-las, e esse pensamento expressa-se em ondas visíveis e reais enquanto o pensamento se mantém vivo."

CAPÍTULO XVI

A SUA VIDA DIÁRIA

Nas minhas investigações, sempre estive ansioso por obter uma descrição das ocupações e da vida diária daqueles que vivem no plano além da morte, e por isso coloquei muitas perguntas práticas.

"O que é, afinal, essa mudança chamada morte, que parece tão horrível para a mente comum?", perguntei.

"A chamada morte," respondeu-me um espírito, "é simplesmente a libertação do corpo espiritual do corpo físico — o revestimento exterior de carne. É um processo perfeitamente natural e indolor. Cada mudança na Natureza é bela, e a dissolução não é exceção. Simplesmente deixamos de ser habitantes do vosso mundo e, num instante, tornamo-nos habitantes do nosso. O segundo mundo, ou plano, é tão natural para nós como o primeiro é para vós, mas claro, vivemos sob condições diferentes. A nossa vida diária continua como antes. O nosso espírito mantém a forma humana perfeita, tal como sempre foi. Para compreenderes claramente o que acontece na passagem para este plano, deves saber que apenas nos separamos do corpo físico. Nada da nossa inteligência se perde; e também não se acrescenta nada ao nosso entendimento nesse momento."

"E como é o vosso dia-a-dia?", continuei.

"Os nossos dias são muito ocupados," disse ele. "Não há estagnação, muito pelo contrário — há uma atividade intensa entre todos, desde que tenhamos superado as condições ligadas à Terra. Há incontáveis milhões de crianças que não chegaram a nascer no plano físico e que são trazidas para este mundo nosso, e há milhões de mulheres que nunca conheceram a maternidade na vida terrena, que aqui as acolhem, cuidam delas, acompanham o seu crescimento mental e espiritual, e assim satisfazem o desejo profundo de serem mães.

Os insanos passam da vida terrena ainda com a sua perturbação mental, e um grande número de nós é chamado a cuidar deles e a proporcionar tratamento adequado para que a sua mente seja restaurada à normalidade. Assassinos, em guerra com a humanidade, executados na Terra, são libertados nesta comunidade

— e somos nós que temos de fazer o que o mundo dos homens não conseguiu: controlá-los e educá-los. Depois há os ignorantes e os viciosos. O átomo de bem que existe neles tem de ser desenvolvido e orientado. Poucas pessoas chegam a esta vida com uma ideia clara de onde estão ou do que isto é, ou das leis que aqui operam. A ignorância das massas é comovente. Entram pelas nossas portas tão indefesas quanto os recém-nascidos entram nas vossas.

Por isso, vê-se que a dissolução não provoca mudança mental, e sendo a vida material e contínua, há aqui tanta necessidade de escolas, colégios e universidades como aí. De facto, pode-se dizer que tudo o que tendes na vida terrena é uma pálida imitação do que aqui existe — e em grande parte é o resultado da influência e do poder do espírito."

"E quanto aos vossos lares?", perguntei.

"Temos casas onde a relação familiar continua, onde cada espírito procura iluminação. A lei da atração é a força dominante aqui. Temos um grande número de pensadores a procurar descobrir e desenvolver as forças ocultas da Natureza; temos grandes auditórios onde os mais instruídos fazem palestras sobre essas forças ocultas; temos mestres espirituais que desenvolvem a espiritualidade e falam sobre essa grande força chamada Bem, e da sua função no universo. É um mundo ativo, onde cada um cumpre o seu papel. Aqui não existe a luta pelo dinheiro, nem qualquer necessidade dele; por isso, vês como a principal ocupação da maioria das pessoas no vosso mundo simplesmente desaparece aqui. A única forma de melhorar a própria condição neste plano — e o mesmo se aplica à vida terrena — é ajudando os outros. Esta é a lei.

A única felicidade real que os habitantes da Terra podem experimentar vem da caridade, do bem praticado, e de tornar o mundo melhor. A única riqueza que o homem leva para além da sepultura é aquela que deu antes de lá chegar."

"Fala-nos um pouco sobre os vossos alimentos. Necessitam de nutrição?", perguntei.

"Sim," respondeu ele, "mas não da forma nem da maneira como vocês o fazem. Os nossos órgãos digestivos continuam a funcionar, e necessitamos de alimento, mas absorvemos a essência, enquanto vós absorveis a substância. Na vida terrena, alimentais o corpo físico com substância dia após dia. Essa substância é absorvida pelo invólucro físico, mas é a essência dos alimentos que nutre o corpo espiritual. Agora, a substância já não é necessária, mas a essência continua a ser, tal como antes. Como vês, há muito pouca mudança nas necessidades físicas."

"Fala-me da vossa economia política," pedi.

"Não existe aristocracia nesta nossa terra," respondeu o Dr. Hoasodt, "mas sim mérito e inteligência. A Lei da Natureza, que é a Força Suprema — também chamada de Lei Universal — tem de ser obedecida para que cada esfera possa ser alcançada. Cada indivíduo permanece no plano para o qual está preparado, até que submeta a sua vontade à Lei Universal. À medida que progride, vai aprendendo

novas leis, que são, no entanto, fundamentalmente as mesmas — apenas se tornam mais intensas e vitais, até que ele próprio se torne parte dessa lei.

A economia política das esferas diz apenas respeito à riqueza, que, sendo ilimitada e livre como o ar e a luz, pode ser apropriada por todos os membros da sociedade, de acordo com a sua capacidade de receção, pois a oferta é igual à procura. Por isso, não temos necessidade de ouro ou prata, que perecem com o uso. A nossa moeda é composta de valor moral e intelectual, cunhada na casa da moeda do Amor Divino, e avaliada segundo os padrões da pureza e da verdade — essa é a moeda que cada um deve possuir."

"Fala-me um pouco da vossa vida social," pedi.

"No que respeita à constituição social das esferas," respondeu ele, "cada esfera é dividida em seis círculos ou sociedades, onde vivem juntos os espíritos afins, de acordo com a lei da atração. Embora os indivíduos de cada grupo estejam unidos por pensamentos semelhantes e compartilhem os traços morais e intelectuais mais importantes, ao analisarmos cuidadosamente, vemos que as variações de carácter dentro de cada grupo são quase infinitas — muito semelhante ao que ocorre nas sociedades do plano terrestre.

Cada grupo tem mestres mais avançados do que os seus membros, e esses mestres vêm frequentemente de esferas superiores. Eles transmitem-nos o conhecimento que adquiriram ao longo do seu progresso em diversos ramos da ciência, e nós, por nossa vez, transmitimo-lo aos que estão abaixo de nós, da mesma forma como agora estamos a transmitir-vos este conhecimento. Assim, ao receber e ensinar, as nossas faculdades intelectuais expandem-se e levam-nos a conceções mais elevadas e a uma visão mais profunda das leis da Natureza.

As nossas investigações científicas estendem-se a tudo o que diz respeito à Natureza, aos mistérios dos céus e da Terra, e a tudo o que a mente é capaz de conceber e compreender. É desta forma que progredimos e encontramos prazer. As ciências da astronomia e da matemática ocupam a nossa atenção. São assuntos inesgotáveis. A química é a mais fascinante de todas as nossas disciplinas — e também o seria para vós, se compreendêsseis que toda mudança na Natureza é o resultado de reação química."

"Queres dizer que todos os habitantes do vosso mundo estão suficientemente evoluídos para esse trabalho?", perguntei.

"Não," respondeu ele, "há milhões de habitantes nesta vida que ainda não estão suficientemente avançados para se interessarem por esses estudos. Mas, ao superarmos a esfera rudimentar, a nossa energia intelectual é ampliada, a nossa perceção é melhorada, e conseguimos, por intuição quase imediata, conceber e compreender com mais clareza e rapidez os princípios e verdades que são a base de todo o trabalho científico."

"Além das nossas investigações, temos também os nossos momentos de recreio, dos quais retiramos grande prazer. Reunimo-nos em convívio social, tal como vocês. As famílias encontram-se, celebram reuniões, tal como acontece na Terra.

Nenhuma partícula de amor se perde — pelo contrário, intensifica-se. Tudo aqui é intensificado até um grau que não consegues imaginar. O prazer e as diversões da Terra não podem ser comparados com aqueles que temos o privilégio de experimentar."

"E quanto ao movimento religioso entre o vosso povo?", perguntei.

"Nas esferas mais baixas — ou seja, nas esferas ligadas à Terra — as disputas sectárias e os movimentos religiosos continuam tão intensos como eram antes dessas pessoas deixarem o corpo físico. Esse estado de transição pouco se diferencia da existência física, pois embora muitos ali saibam que deixaram o corpo, outros têm uma compreensão tão imperfeita da mudança, ou viveram vidas tão imorais, que nem sequer estão conscientes desse facto.

Nesses planos, os dogmas da ortodoxia ainda dominam, os antigos ensinamentos religiosos continuam a ser difundidos, e o sacerdócio ainda exerce influência. Seria de esperar que, ao passar pela porta chamada morte e não encontrar aquilo em que sempre acreditaram, as pessoas abandonassem essas ideias e procurassem compreender a economia da Lei Natural, sob a qual agora vivem. Mas, por mais estranho que pareça, muitos continuam apegados às velhas crenças, como se o simples ato de duvidar fosse um sacrilégio, encontrando várias formas de justificar o facto de não terem encontrado aquilo que esperavam.

Frequentam as vossas igrejas, misturam-se com os vivos, formando uma vasta multidão invisível, ouvem os mesmos sermões, repetem os mesmos credos, e mantêm-se no mesmo estado mental, até que uma condição qualquer os leve para o caminho do conhecimento. Com o tempo, um a um, vão quebrando as correntes mentais que os aprisionam, e através do progresso e do esforço individual, tornam-se finalmente habitantes da primeira esfera espiritual.

Os assuntos do dia-a-dia não são diferentes entre os nossos e os vossos mundos. Não se progride nem se adquire conhecimento enquanto não se rompe com as crenças e credos antigos — nem aí, nem aqui. Como vês, existe apenas uma lei para vós e uma lei para nós. Todas as leis da Natureza são universais.

As nossas leis são aplicadas segundo uma escala de justiça exata. As leis da Natureza são infalíveis, e delas não há apelo possível. As punições são apenas as consequências naturais da violação da lei e estão sempre em proporção com a ofensa cometida. Elas têm em vista tanto a reformação do infrator como a prevenção de futuras faltas."

"Quais são os maiores benefícios que a humanidade pode obter através da comunicação com o vosso povo?", perguntei a um habitante da vida após a morte. Ele respondeu:

"Chamar-te-ei a atenção para alguns dos resultados mais marcantes e benéficos da intercomunicação espiritual:

– Ela resolverá a questão fundamental: *'Se um homem morrer, viverá novamente?'*

– Reduzirá a doutrina da imortalidade do espírito humano a uma certeza, de modo que o conhecimento do mundo sobre o assunto deixará de depender de uma fé cega e passará a ser uma filosofia positiva.

– Revelará a relação existente entre mente e matéria.

– Tornará o homem um ser pensante e racional.

– Estabelecerá uma comunhão sagrada e profundamente prazerosa entre os habitantes do mundo terrestre e os espíritos amigos que partiram.

– Expandirá e liberalizará a mente para lá de tudo o que hoje conseguem conceber.

– Confraternizará e unirá todos os membros da família humana num laço eterno de união espiritual e irmandade harmoniosa.

– Estabelecerá o verdadeiro princípio de amor a Deus e ao próximo.

– Fará desaparecer o sectarismo e o fanatismo religioso.

– Mostrará que muitas das doutrinas chamadas religiosas não passam de imposições sobre a credulidade da humanidade."

"Tenho sempre interesse em saber mais sobre vós — as vossas alegrias, os vossos relacionamentos, o vosso convívio — mas para nós, que só conhecemos a matéria no seu estado físico, é muito difícil compreender a vida noutro estado," confessei.

"Retiramos imenso prazer," foi a resposta, "do exercício dos nossos talentos em música vocal e instrumental, que supera em muito os mais nobres esforços dos génios musicais da Terra. Quando nos reunimos para adorar Deus nos nossos templos — cujos salões e colunas brilham com luz própria — as nossas vozes fundem-se em cânticos de louvor e adoração ao Todo-Poderoso, autor da nossa existência.

Somos criaturas morais, intelectuais e sensíveis. Em vez de sermos, como muitos de vós imaginam, meras entidades sombrias e insubstanciais, possuímos formas definidas, tangíveis e de uma simetria requintada, com membros bem proporcionados e graciosos, e, no entanto, tão leves e elásticos que conseguimos deslizar pelo ar com uma velocidade quase elétrica. Os relâmpagos podem rasgar os céus, os trovões ecoar em reverberações assustadoras, e a chuva cair em torrentes, mas podemos permanecer ao vosso lado sem qualquer dano.

Além disso, somos dotados de toda a beleza, vivacidade e encanto da juventude, e vestimo-nos com trajes fluídos de natureza resplandecente, adequados ao grau particular de refinamento dos nossos corpos. As nossas vestes, sendo compostas de princípios fosforescentes, permitem-nos atrair, absorver ou refletir os raios luminosos, consoante o nosso estado de desenvolvimento. É isso que explica o

facto de os videntes espirituais nos verem com diferentes graus de brilho, desde um tom esbatido até uma luz de intensidade quase ofuscante."

CAPÍTULO XVII

FACTOS QUE É BOM CONHECER

Perguntam-me muitas vezes: "Alguma vez os que estão na vida após a morte lhe disseram algo que não soubesse antes?" Sim, já me disseram muitas coisas que desconhecia, embora os acontecimentos futuros nunca me tenham sido revelados, simplesmente porque o futuro não é mais conhecido por eles do que por nós. Fui informado de muitas coisas que não sabia, e algumas delas ainda hoje estão para além da minha compreensão.

Certa vez, alguém falou sobre o coração humano e disse: "É o órgão principal do corpo. Bomba sangue a cada segundo para as extremidades, tanto para os pés como para o cérebro. Cada pensamento consome tecidos, cada movimento gera desgaste. Se parar por um momento, ocorre a dissolução. Está a enviar vida para todas as partes do corpo."

Respondi: "Sabemos todos que é necessário energia para manter algo em movimento, e que sempre que há movimento há desgaste. O que então fornece a energia que mantém o coração em movimento?"

Foi então que Michael Faraday apareceu e disse:

"Já lhe foi dito que, através da decomposição da água, se obtém eletricidade. Este é um facto que pode ser demonstrado. O oxigénio é uma forma de eletricidade; o hidrogénio é outra forma, conhecida como eletricidade negativa; o magnetismo é, na verdade, eletricidade negativa.

O imenso poder nos compostos da Natureza, conhecido como afinidade química, deve-se à união — ou tentativa de união — da eletricidade positiva e negativa concentradas nos átomos que compõem os diferentes elementos do composto. A afinidade química é a afinidade entre eletricidade e magnetismo. A eletricidade e o magnetismo são ambas matéria no seu estado mais simples, mas também no mais elevado grau de atividade atómica. Para além do eletromagnetismo existe ainda um grau mais elevado de atividade atómica refinada e eliminada — esse é o domínio do espírito.

O eletromagnetismo em verdadeiro equilíbrio é etérico, a morada do espírito e a ligação entre o espírito e os compostos materiais em vários estados de atividade atómica. A eletricidade e o magnetismo são os elementos masculino e feminino do universo.

Do oxigénio do ar, pelo processo pulmonar, o sangue obtém eletricidade. Do hidrogénio da água, pelo processo digestivo, o sangue obtém magnetismo. O oxigénio da água é absorvido pelo ferro do sangue. Através do azoto do ar —

parcialmente misturado com o sangue nos pulmões, e parcialmente vindo do alimento ingerido — forma-se o composto da carne.

Hidrogénio e carbono formam compostos gordurosos. Um conjunto de glóbulos sanguíneos é elétrico, o outro magnético. Os discos elétricos têm afinidade pelos magnéticos quando estão em desequilíbrio. Mas nos pulmões encontram-se em equilíbrio e, portanto, repelem-se mutuamente para o átrio esquerdo e depois para o ventrículo esquerdo, sendo o refluxo impedido pelas válvulas. Esta repulsão mútua deve levar toda a massa carmesim para a frente, mantendo o equilíbrio até aos capilares.

O equilíbrio eletromagnético entre os dois conjuntos de discos perde-se nos capilares e vai diminuindo até ao átrio direito. O conjunto de discos mais próximo do coração, devido ao desequilíbrio, atrai o que está atrás, desde os capilares até ao átrio direito onde, através da ação elétrica do cérebro que move o coração à contração, o equilíbrio é parcialmente restabelecido.

Agora os dois conjuntos de discos repelem-se novamente até aos pulmões e, através dos capilares pulmonares, o equilíbrio é mais aperfeiçoado, de modo que essa repulsão leva o sangue ao átrio esquerdo; daí, por ação muscular, ao ventrículo esquerdo e, com mais ação muscular, à aorta. O coração, estando em equilíbrio com o sangue arterial e sendo positivo em relação ao venoso, atrai."

Os cientistas ainda não descobriram que a eletricidade e o magnetismo são os elementos masculino e feminino do Universo.

Sabendo, como sei, que tudo no Universo é composto por matéria que varia apenas na sua vibração, e que o corpo espiritual é composto de éter, eletricidade e magnetismo, uma noite perguntei a alguém no plano além do físico, alguém versado no funcionamento da eletricidade, como era possível que a eletricidade pudesse, pela sua ação, destruir a vida. Lembro-me distintamente da sua resposta.

"Está ciente", disse ele, "da voltagem usada em várias prisões quando se executa um criminoso. Também sabe que, por vezes, uma corrente com voltagem muito superior à usada na cadeira elétrica atravessa um corpo sem causar dano grave. Pode surpreendê-lo saber que qualquer pessoa que tenha sido eletrocutada, atingida por um raio ou que tenha recebido acidentalmente uma carga elétrica que aparentemente causou a morte, poderia ser ressuscitada com o tratamento adequado. A carga elétrica, tal como é aplicada nas prisões, paralisa a ação do coração e todas as funções corporais, e a pessoa parece morta.

Mas provavelmente já reparou que sempre que alguém é executado judicialmente, segue-se uma autópsia. A morte é provocada pela autópsia e não pela descarga elétrica. No início, os cirurgiões tinham grande interesse em observar os efeitos da força e realizavam autópsias muito cuidadosas. Ficaria chocado, como nós estamos, ao saber que as autópsias já pouco interessam e muitas vezes resumem-se a espetar uma faca no corpo aparentemente morto antes de o enviarem para o enterro.

Quando alguém recebe uma carga elétrica excessiva, seja por acidente ou intencionalmente, e as funções corporais ficam temporariamente paralisadas, se o corpo fosse imediatamente despido, colocado sobre terra húmida e borrifado com água, a eletricidade seria drenada e passaria para o solo. Se, em seguida, fossem feitos movimentos artificiais dos braços e administrados estimulantes, o coração voltaria a funcionar, e uma pessoa aparentemente morta poderia levantar-se e andar.

As pessoas morrem de choque elétrico porque não são tratadas adequadamente. Quando as funções corporais estão paralisadas e a eletricidade não é drenada de imediato, e o coração não é estimulado artificialmente, a morte acabará por ocorrer. Mas se o tratamento descrito for administrado a tempo, não há razão para que uma descarga elétrica leve à morte.

A eletricidade é vida, e a vida não destrói a vida. Neste tempo em que a eletricidade é de uso tão comum, inúmeras vidas poderiam ser salvas se os factos que agora lhe transmito fossem conhecidos e o tratamento aplicado."

Recebi esta informação há alguns anos e, a partir daí, combinei com um dos guardas de uma prisão em Nova Jérsia a tentativa de ressuscitar um condenado à morte por eletrocussão. No entanto, o plano chegou ao conhecimento das autoridades e foi proibido, alegando-se que interferia com a devida execução da lei.

A sociedade deve, naturalmente, proteger-se contra os atos dos perversos, e as leis são legitimamente criadas para prender os que não podem ser controlados. Mas os representantes do povo reunidos nas várias assembleias legislativas não têm o direito de decretar a pena de morte. Há um limite para a sua soberania. Que direito temos nós, enquanto povo, de eletrocutar alguém que cometeu um homicídio?

A vida de cada indivíduo vem de Deus e, mesmo que tenha desviado muito do caminho da retidão, o povo não tem mais direito de tirar essa vida do que o assassino teve ao tirar a vida da sua vítima. Que direito temos nós, enquanto povo, de eletrocutar um criminoso depravado e, com isso, libertá-lo para outra esfera onde possa continuar a fazer o mal? Se o público compreendesse o que a dissolução acarreta, ficaria horrorizado só com a sugestão da eletrocussão.

Mais uma vez me perguntam: "Recebes ensinamentos do mundo invisível que valham a pena?" Permite-me responder dando apenas alguns, entre os milhares que recebi:

"A imortalidade é a primeira promessa de que o homem tem consciência; mas, à medida que adquire o que considera ser conhecimento mundano, tenta livrar-se dessa promessa. No entanto, ela permanece com ele e, por mais vezes que negue esse facto, a sua vida quotidiana lembra-lhe constantemente as exigências da imortalidade. Os campos, o lar, o amor e a companhia dos seus semelhantes — tudo sugere a Imortalidade.

O simples pensamento de que a morte é o fim de tudo faz com que estremeça. A vida seria, de facto, uma zombaria vazia se a vida terrena, com as suas alegrias e tristezas, luzes e sombras, fosse o fim. Cada batida do coração é um protesto

contra tal ideia. A Natureza não só promete a vida eterna, como cumpre essa promessa — caso contrário, não estaríamos aqui esta noite a incentivar-te a esforçares-te mais."

"Foram precisas eras para desenvolver o ser humano até ao ponto em que conseguisse discutir, em vez de lutar, sobre os assuntos em que diverge, e resolvê-los no fórum, em vez de no campo de batalha."

"Se viveres uma boa vida, o dia da tua morte será um grande dia — será um dia de libertação; mas, se não viveres como deverias, o dia da morte encontrar-te-á em cativeiro, preso por grilhões que tu próprio criaste. As algemas da Terra não são nem de perto tão apertadas como essas serão. Segue onde a luz da orientação espiritual te chamar e realiza as tarefas que encontrares pelo caminho. Muitas dessas tarefas serão desagradáveis e contra a tua vontade, mas serão precisamente as que precisarás de realizar."

"Sinto que é meu dever ajudar aqueles que tentam ajudar-se a si próprios. Existem muitos, do lado espiritual da vida, tão densamente ignorantes que não têm qualquer ambição de se tornarem melhores. Continuam no mesmo trilho em que se encontravam quando estavam na Terra. Esses espíritos não são de utilidade para os que estão na Terra, pois não podem trazer conhecimento útil. Se pudesses ver e compreender as condições dos espíritos nas esferas inferiores e as comparasses com as das esferas superiores, perceberias quão importante é que as pessoas sejam esclarecidas sobre este tema enquanto ainda estão na Terra."

"Amigos, há um só Deus — o Deus da Natureza, ou melhor dizendo, o Deus que é a própria Natureza. Este Deus permeia tudo e detém domínio absoluto sobre tudo o que existe. Todos vós sois filhos deste único Deus, sob cujo domínio aqui estais; e aqui estais porque não podíeis evitá-lo. Nada pudeste decidir sobre esta parte do teu destino; e também deixarás a vida terrena sob esse mesmo domínio — o da Natureza — e não podes mudar o destino que ela traçou para ti. O modo de reforma da Natureza é o desenvolvimento."

"Para que servem imagens a quem não pode ver, ou descrições para aqueles que não conseguem compreender? A descrição das esferas espirituais superiores, mesmo se dada por um dos mais elevados espíritos, seria ininteligível para a mente mortal."

"É-me fonte de prazer e alegria indescritível saber que continuo a ser um homem e que posso revelar, à minha maneira imperfeita, a alguns na Terra o grande facto de que a vida continua — e que meras teorias não podem resistir a um facto eterno. Eu era ignorante e fraco quando entrei neste país desconhecido e não estava preparado para evoluir, até aprender aqui aquilo que deveria já ter sabido."

"O que ganhaste e o que precisas estará ao teu alcance nas esferas espirituais. Existe um amor profundo e uma rápida simpatia entre o plano terrestre e o mundo espiritual, mas não conseguimos fazer-vos compreender verdadeiramente como é a nossa vida, sem nos tornarmos réplicas exatas uns dos outros. Cada um encontrará uma casa diferente, adequada à sua essência e ao seu trabalho. A tua esfera está

agora no plano terrestre e é tua a responsabilidade de cumprir os deveres que te foram atribuídos.

"Talvez não consigas dar educação ao ignorante ou alimento ao faminto, mas podes inspirar-lhes o espírito para atos mais nobres e melhores, enquanto outro, que tenha os meios, providencia alimento e abrigo. Fá-los sentir que têm o teu amor e simpatia, e deixa-os ver que, mesmo que as nuvens da adversidade se acumulem, a tua alma é capaz de ascender a esferas mais elevadas. É bom saber que não percorres sozinho o caminho pedregoso da vida; sentir que, por mais áspero ou escuro que seja o percurso, podes, se quiseres, estender a mão e sentir um aperto em resposta — um aperto que te dá coragem ao coração. O Criador parece tão distante para muitos que, se não tiverem o amor e ajuda uns dos outros, sentem-se abandonados.

"Será sempre impossível ao finito compreender o infinito. Milhares caminham seguros na consciência de 'apoiar-se no braço forte do Senhor', quando, na realidade, são guiados e animados por algum amigo invisível. É este espírito que lhes dá o sentimento de simpatia e força que tanto os ajuda na vida. Os habitantes do mundo espiritual não estão presos a dogmas nem a credos — isto, claro, os que já cá estão há tempo suficiente para se libertarem das ideias terrenas — e vão fazer o bem onde quer que encontrem oportunidade. O mais importante é seres honesto contigo próprio e justo com os outros. As tuas ideias de bem hoje podem não ser as mesmas amanhã. Por isso, não tentes impor regras aos teus amigos. Que cada um seja lei para si mesmo, pois cada qual responderá pelos seus próprios atos e não pelos dos outros."

"Não é o que o homem faz que o torna grande, mas o que ele é. A ação é apenas o pensamento vestido com roupa visível. O ser precede sempre o fazer."

Desta forma, respondo às duas perguntas que tantas vezes me colocam.

CAPÍTULO XVIII

DO SONO DA MORTE

— Com que direito presumes obrigar-me a estar nesta casa? — A divisão estava na mais completa escuridão; a voz de alguém que o mundo chama de "morto" rompeu o silêncio da noite, trémula de raiva.

— Compreendes a situação em que te encontras? — perguntei.

— Não compreendo, e não permitirei que homem algum me dite ordens — respondeu ele.

— Não tens medo? — perguntei.

— Medo? Não tenho medo nem de Deus nem do homem, e não ficarei aqui.

— Talvez te fosse vantajoso permanecer um pouco — respondi. — Não te forcei a vir. És tão estranho para mim quanto eu sou para ti.

— Quem me obrigou a vir? — perguntou. — Não sei… diz-me.

— Pelo que me parece agora — respondeu — uma força irresistível pareceu impelir-me de um estado semelhante a um sonho. Subitamente despertei, na tua presença, e concluí imediatamente que, de alguma forma, controlavas a minha conduta. Isso não posso permitir.

— Estás enganado, mas não te ocorre que algo de muito bom pode advir deste encontro? — inquiri.

— Não consigo compreender de modo algum a tua sugestão — disse o estranho — nem vejo como possa resultar algum bem de uma conversa imposta. Se não foste tu que me trouxeste, quem foi? Não tive qualquer desejo de vir, nem quero ficar. Esta casa e os seus arredores são-me completamente estranhos. Com tua permissão, retirar-me-ei.

— Antes de ires — disse eu — gostaria que soubesses algo sobre o trabalho que fazemos, o que talvez explique a tua vinda.

— Pois bem, senhor — respondeu ele — encontrando-me nesta situação tão estranha, não serei desprovido de cortesia.

— Há muitos anos — respondi — tenho-me dedicado à investigação psíquica com este médium que está sentado à minha frente, tentando obter uma solução prática para essa grande mudança física a que chamamos morte.

— O que tem isso a ver comigo? Eu não estou morto, nem me interessa o assunto — respondeu ele.

— Espera um momento, por favor. Vais interessar-te quando te disser que descobri algo sobre a vida quotidiana e o ambiente do indivíduo depois de deixar de ser habitante do plano terrestre.

— Estás completamente enganado nas tuas afirmações; não há sobrevivência — não há continuidade da vida. A morte é o fim.

— Tens a certeza?

— Absoluta — respondeu ele.

— "Suponha," respondi, "que eu lhe pudesse provar, aqui e agora, que a morte, assim chamada, não passa de uma mudança física — a separação da força vital do corpo de carne, essa substância com que se veste durante a sua jornada neste plano. Suponha que eu lhe demonstrasse, aqui e agora, que o indivíduo tem um corpo espiritual composto de matéria, com forma, feições e expressão durante toda a sua vida terrena, e que, na dissolução, se torna simplesmente um habitante do próximo plano de consciência com o mesmo corpo espiritual, ou seja, o mesmo homem, idêntico."

— "Não existe tal coisa como vida após a morte," disse ele.

— "Vou tentar explicar o que é a vida, antes de lhe dar a prova absoluta do que afirmo. Acompanhe-me. No momento da conceção, um átomo da Força Universal, chamada 'Bem', é revestido por substância que vibra mais lentamente do que a força vital que a envolve. O indivíduo é, nesse instante, tão perfeito como o carvalho gigante que dorme no interior da bolota. Não conseguimos ver o indivíduo nem a árvore antes ou depois do nascimento e crescimento. A força vital vibra de forma tão rápida que não é visível ao olho físico, mas acabamos por ver a cobertura exterior — a substância que torna ambos possíveis. Esta vestimenta exterior do indivíduo é composta, em grande parte, por água. O nosso corpo físico renova-se completamente, pelo menos a cada sete anos, mas apesar disso mantemos a individualidade, a forma e as feições. Como se consegue isso?" — perguntei.

— "Não sei, nem me interessa," respondeu ele.

— "Acompanhe-me mais um pouco. Esta entidade, esta força vital, esta individualidade, esta alma, este 'nós', se quiser, é composta de matéria, diferindo da carne apenas pela sua condição vibratória. É isso que justifica a sua permanência de forma, mas nenhum olho físico alguma vez viu — nem verá — esse eu, essa forma espiritual, essa alma assim chamada, a não ser que possua visão psíquica, dom que, de um modo geral, poucos possuem. Sem esse dom, um indivíduo nunca poderá ver a forma espiritual de outro enquanto habitar este mundo. Estamos conscientes apenas da expressão física e do som.

No momento da dissolução — seja por acidente ou fraqueza física — o corpo visível já não é apto para ser habitado; então dá-se a separação, a dissolução — a chamada morte. O indivíduo, por um processo natural, liberta-se da vestimenta de carne e surge como o mesmo homem ou mulher que era antes, embora invisível aos habitantes da Terra. Estes apenas veem o velho corpo de carne que alojava o

espírito. Não conseguiam ver o verdadeiro eu antes, nem o conseguem ver depois da dissolução, devido à intensidade, à rapidez da vibração do corpo etérico — pois os nossos olhos têm limites quanto ao movimento e à distância."

— "Tudo isso é muito bonito, mas o que tem isso a ver comigo? Eu não estou morto," respondeu ele.

— "Se tiver paciência, levá-lo-ei à aplicação pessoal disso tudo. Após essa mudança chamada morte, podem ocorrer duas condições: ou não se perde a consciência nem por um instante — e então é como dizer 'boa noite' ao antigo e 'bom dia' ao novo ambiente — ou segue-se um período de inconsciência. A primeira situação ocorre normalmente após uma vida respeitável. O homem permanece o mesmo, sem que nada se some ou subtraia à sua personalidade.

"No espelho da Natureza vê-se com os mesmos contornos, a mesma expressão, os mesmos pensamentos, os mesmos afetos. O corpo continua material, dissociado da carne, mas é o mesmo corpo espiritual que o acompanhou durante a sua vida na Terra. Agora, reconhece que o seu corpo é mais leve e transparente do que a carne que conhecia, e que não resiste ao esforço muscular como antes. Se não fosse pelo apoio de amigos e familiares que ajudam nessa transição — tal como no nascimento terreno — e explicam à consciência que desperta, muitos ficariam assustados.

"Há, porém, uma grande diferença entre os dois nascimentos: quando esse átomo de força vital se torna um indivíduo e entra na vida terrena, possui instinto mas não inteligência; vai-se desenvolvendo, sem qualquer lembrança de existência anterior — o que é natural, pois vem da massa das forças vitais universais. A próxima grande mudança é semelhante, exceto pelo facto de o indivíduo reter todo o desenvolvimento anterior. Contudo, sabe pouco sobre as leis que regem esse novo plano ou sobre os meios para evoluir — tanto quanto um recém-nascido terrestre.

"Por outro lado, aqueles que viveram vidas impuras, que foram egoístas, imorais ou cometeram crimes contra o homem e a Natureza, podem demorar a despertar. Quando despertam, encontram-se em escuridão mental, numa prisão criada por si mesmos, e ali permanecem até que um desejo interior por algo melhor surja. Então, espíritos dedicados a esse trabalho de caridade mostrar-lhes-ão o caminho.

"Logo no início, cada espírito que desperta é informado de que cada ato errado cometido na vida terrena terá de ser revivido, e que ao trabalhar encontrará circunstâncias semelhantes às que levaram ao erro, devendo agora corrigir o que fez de errado para poder avançar. Lembro-me de um espírito que uma vez disse: 'A justiça que encontra a alma nua no limiar da vida após a morte é terrível na sua completude.'

— "Não posso aceitar uma palavra do que diz sobre a vida após a morte. Não existe outra vida — não pode existir. Um homem morre como um cão," disse o visitante.

— "Isso é verdade, num certo sentido," respondi, "pois tanto a força vital como a individualidade continuam. Admitirá que não se pode destruir um átomo de matéria; assim, se a força vital for matéria, então não pode ser destruída."

— "Tudo isto é conversa estranha, mas por que motivo me fala disso? Eu não estou morto. Se estivesse, e se houvesse vida para além da morte, não estaria aqui a falar consigo."

— "Já falei, exatamente como agora, com muitos que passaram por essa mudança," disse eu.

— "Quer dizer que falou com pessoas mortas?"

— "Não disse isso; disse que falei com aqueles que fizeram a mudança chamada morte. Na realidade, não existe morte. Não há mortos."

— "Fale com sentido," retrucou ele. "Todos já vimos pessoas mortas, vimos os seus corpos enterrados, e diz-me que não há mortos?"

Voltei a dizer:
— "Não compreende o que lhe estou a dizer. Enterramos os corpos físicos, mas não os corpos espirituais. Um é tão material quanto o outro."

— "Não o compreendo, e não quero continuar esta discussão. Acho que vou-me despedir."

— "Aguarde só um momento, e demonstrar-lhe-ei o facto. Não lhe disse há pouco que falei com muitos dos chamados mortos?"

— "Sim," respondeu ele, "mas não levei a sério o que disse; já tenho opinião formada sobre esse assunto há muito tempo."

— "Então comecemos a prova — sabe onde se encontra neste momento? Diga-me, se sabe."

— "Não sei ao certo. Isto não é a minha casa; o quarto é estranho para mim; você também me é estranho. Tudo isto parece irreal. Pode explicar a situação em que me encontro?"

— "Ouça-me. Esta frágil senhora, com mais de oitenta anos, que está sentada à minha frente, é a médium mais dotada do mundo. Há mais de vinte anos se descobriu que, sob condições psíquicas favoráveis como as que temos hoje, era possível comunicar com pessoas do mundo espiritual."

— "Não pode ser possível," disse ele.

— "A sugestão," respondi, "está tão além da experiência humana que não me surpreende a tua dificuldade em compreender o que te estou a dizer. Espera! Tendo este meio de comunicação, não só aprendemos muito sobre o estado futuro, como, em cooperação com um grupo de pessoas na próxima vida, conseguimos

trazer muitos a um estado de consciência, após a mudança da morte, em condições quase materiais, quase espirituais — como as que prevalecem aqui esta noite. E quando fazemos este tipo de trabalho, muitos, fora do corpo, são trazidos pelos seus amigos para que possam compreender a sua situação — tal como tu foste."

— "Mas eu não sou um desses. A sugestão é absurda, digo-te. Estou tão vivo como tu, e o meu corpo é tão substancial quanto o teu," respondeu ele.

— "Levanta a tua mão como eu levanto a minha, e vê se há alguma diferença entre as duas."

— "Sim," respondeu ele, "há uma diferença, acabo de perceber. A tua é opaca, mas a minha é transparente. Consigo ver através dela. Será isto uma sugestão hipnótica?"

— "Não," disse eu. "Estás apenas a enfrentar novas condições esta noite. Sabes que estamos sentados em completa escuridão e que não te conseguimos ver, embora ouçamos perfeitamente a tua voz?"

— "Sei que não está escuro, pois vejo-te claramente, e se eu te vejo, tu deves ver-me. Mas deixa isso… O que se passa com o meu corpo? Acho que estive muito doente, e a gente fica sempre com este aspeto depois de uma longa enfermidade," disse ele.

— "Falando em doença, o que te recordas da tua última enfermidade?"

— "A minha memória está um pouco enevoada, mas está a voltar. Lembro-me de estar deitado numa cama, o médico à espera, a minha esposa e os meus filhos a chorar. O médico disse: 'ele está a partir agora'. Isso assustou-me. Havia quem desejasse ver-me morto — mas enganei-os — pois não morri. Se tivesse morrido, como poderia estar aqui?"

— "O que sabes sobre a morte?" perguntei.

— "Não sei nada, nem quero saber."

— "Mas quando esse momento te chegar, serás obrigado a saber, queiras ou não," respondi.

— "Pois bem, estou disposto a esperar, e não quero falar sobre isso. Nunca quis."

— "E se eu te disser que já passaste por essa mudança?"

— "Seria tolice dizer-me tal coisa quando estou aqui a falar contigo."

— "E se agora te provar isso? Aqueles que vivem na vida espiritual cooperam comigo neste trabalho e muitas vezes conseguem trazer ao espírito recém-chegado pessoas que ele conheceu na vida terrena — e, cara a cara, voz com voz, a verdade prova-se por si mesma."

— "Já te disse," disse ele, "não há mortos. E mesmo que houvesse, não quero vê-los."

— "Tens medo?"

— "Não," respondeu ele, "mas não quero vê-los. Já tenho problemas suficientes com os vivos, quanto mais com os mortos."

— "Não há ninguém na próxima vida com quem gostarias de falar, se pudesses? Lembra-te de que a tua doença pode ter terminado em dissolução; o teu corpo está diferente, e estás numa cidade estranha."

— "As coisas mudaram, sim, mas não quero ver nem falar com mortos."

— "A vida parece-te tão material, tão semelhante à vida terrena, que creio que só a experiência direta te convencerá de que já deixaste o estado mortal. E essa lição terás de a aprender. Estiveste tão concentrado na nossa conversa, que creio que ainda não olhaste em volta — olha agora. O que vês?"

— "Meu Deus! Pessoas, pessoas, pessoas! Todas estranhas, e todas a olhar para mim, todas com corpos iguais ao meu! Que alucinação estranha é esta? Onde estou? O que sou eu?"

— "Já não és um habitante deste mundo. Estás a viver realmente na vida após a morte. Não reconheces ninguém entre os que vês — alguém que, até onde sabes, já foi dado como morto?"

— "Ninguém… espera… vem ali o John — o meu antigo sócio. Por que razão ele, de todos os homens? Ele está morto. Eu ajudei a enterrá-lo. Fui o seu testamenteiro. Tirem-no daqui, e àquela mulher, e ao rapaz também. Não os quero ver, digo-te. Estão mortos, todos mortos. Estão a vir prender-me. Como podem, se estão mortos? Diz-me, diz-me, diz-me depressa!"

— "Que mal lhes fizeste?" perguntei.

E outro espírito respondeu:

— "Não, não foste fiel. Roubaste o dinheiro que te foi confiado para a minha esposa e o meu filho, e deixaste-os sofrer. Nunca houve — nem jamais poderá haver — um segredo no mundo. Quando retiveste dos meus entes queridos aquilo que eu lhes deixei para o seu sustento, e os deixaste morrer na miséria, eu vi. E todos os teus amigos na vida espiritual viram o teu ato e os teus pensamentos."

— "Não há segredos no mundo? O meu crime conhecido? Os mortos vivos? Também eu deixei o meu corpo físico para encontrar a vida, quando pensei encontrar o nada? Terei de encontrar todos aqueles a quem fiz mal? Não posso enfrentar o futuro! A escuridão aproxima-se! Estou a cair! Deus me ajude!"

A voz vacilou, lutou por mais palavras, e silenciou. A matéria densa que revestia os seus órgãos de respiração desintegrou-se, e ele não falou mais.

Tínhamos participado de uma das experiências mais extraordinárias a que o homem pode assistir: falámos com alguém que deixara o corpo físico e testemunhámos o seu despertar.

CAPÍTULO XIX

A IMAGINAÇÃO

Envolto pela vastidão da floresta canadiana, intransponível e silenciosa, atravessei a fronteira americana, como sempre faço quando os dias se tornam longos. Estou longe das trilhas humanas, num lugar onde se sente bater o coração do Universo. No esplendor do silêncio, sou capaz de pensar com profundidade e clareza.

A casa de troncos, rodeada por amplas varandas, está construída numa pequena península que avança sobre o lago; em redor da cabana, pinheiros e bétulas oferecem sombra refrescante quando o sol está alto. À esquerda, ilhas cobertas de abetos e cipós entrelaçados; a sul, do outro lado do istmo da baía profunda, a costa rochosa do continente; a noroeste, florestas e rochas agrestes, lagos e rios e, além disso, pradarias como a Natureza as deixou antes de o homem sair da selvajaria.

Os ventos, enriquecidos entre as árvores com propriedades que dão saúde, varrem o ponto onde se ergue a cabana a caminho do grande vale do São Lourenço. Respirar profundamente esse ar puro enche o sangue de oxigénio, purificando-o até ganhar cor viva, e o fluido nervoso deixa de se agitar.

Há vozes nestes lugares silenciosos. Pode não se entendê-las, mas, sabendo que a vida, onde quer que exista, tem inteligência, a existência da linguagem é um facto inegável. As criaturas furtivas não são mais mudas que os surdos-mudos; quem pode afirmar que, mesmo sem fala, não comunicam por movimento com tanta liberdade como os nossos próprios surdos-mudos?

A capacidade de comunicar não lhes é negada — nem aos insetos, nem aos seres tímidos da floresta. As flores silvestres à beira do rio, os juncos nos pântanos, as árvores jovens — filhas do pinheiro-mãe — o carvalho e o bordo que erguem as suas copas ao céu, devem possuir uma linguagem, ou um meio de comunicação entre si; caso contrário, o plano do Universo seria um fracasso.

Por que razão a vida seria criada, permitida a desenvolver-se e a progredir, e depois privada da palavra? Não consigo conceber vida, sob qualquer forma, sem linguagem. E com a minha conceção da força vital, este ambiente é verdadeiramente maravilhoso.

Na quietude da noite, a floresta desperta.

— "A sugestão," repliquei, "está tão além da experiência humana que não me surpreende que tenhas dificuldade em compreender o facto. Espera! Com este meio de comunicação, não só aprendemos muito sobre o estado futuro, como, em cooperação com um grupo de pessoas na próxima vida, conseguimos trazer muitos

a um estado de consciência — após a mudança da morte — em condições quase materiais e quase espirituais, como as que prevalecem aqui esta noite. E quando fazemos esse tipo de trabalho, muitos, fora do corpo, são trazidos pelos seus amigos para que compreendam a sua situação — tal como tu foste."

— "Mas eu não sou um desses," respondeu. "A sugestão é absurda, digo-te. Estou tão vivo como tu e o meu corpo é tão substancial como o teu."

— "Levanta a tua mão como eu levanto a minha e vê se notas alguma diferença."

— "Sim," disse ele, "há uma diferença. Descubro agora que a tua é opaca, mas a minha é transparente — consigo ver através dela. Isto é hipnose?"

— "Não," respondi, "estás apenas a confrontar-te com novas condições esta noite. Sabes que estamos sentados na escuridão total e não te conseguimos ver, embora ouçamos claramente a tua voz?"

— "Mas eu vejo-te," disse ele, "e se eu te vejo, tu devias ver-me também. Mas deixa isso. O que se passa com o meu corpo? Acho que estive muito doente… e depois de uma longa doença, a gente fica com este aspeto."

— "Lembras-te da tua última doença?"

— "A memória está turva, mas está a voltar. Lembro-me de estar deitado numa cama, com o médico à minha beira, a minha esposa e os meus filhos a chorar. O médico disse: 'Ele está a partir agora'. Isso assustou-me… havia quem desejasse ver-me morto — mas enganei-os, porque não morri. Se tivesse morrido, como poderia estar aqui?"

— "O que sabes da morte?"

— "Nada. E nem quero saber."

— "Mas quando chegar o momento, terás de saber, quer queiras, quer não."

— "Pois bem, estou disposto a esperar. Mas não quero falar disso."

— "E se eu te disser que essa mudança já aconteceu?"

— "Seria tolice dizer-me isso, estando eu aqui a falar contigo."

— "E se eu te provar? Aqueles que vivem no plano espiritual cooperam comigo neste trabalho e muitas vezes trazem, aos que chegam, pessoas que conheceram na vida terrena. Cara a cara, voz com voz, a verdade prova-se por si mesma."

— "Já disse: não há mortos — e mesmo que houvesse, não quero vê-los."

— "Não tens medo?"

— "Não… mas não quero vê-los. Já me bastam os vivos."

— "Não há ninguém na próxima vida com quem gostarias de falar? Repara: o teu corpo está diferente, estás numa cidade estranha, talvez a tua doença tenha terminado em dissolução."

— "As coisas mudaram, sim… mas não quero ver nem falar com mortos."

— "A vida parece-te tão material, tão igual à da Terra, que talvez só a experiência direta te convença de que deixaste o estado mortal. Mas essa lição terás de a aprender. Estiveste tão concentrado na conversa que não olhaste em volta — olha agora. O que vês?"

— "Meu Deus! Pessoas! Todas estranhas… com corpos iguais ao meu! Que alucinação é esta? Onde estou? O que sou eu?"

— "Já não és habitante deste mundo. Estás na vida após a morte. Não reconheces ninguém entre eles, alguém que saibas que já morreu?"

— "Espera… ali vem o John — o meu antigo sócio. Ele está morto! Eu ajudei a enterrá-lo! Fui o seu testamenteiro. Tira-o daqui! E aquela mulher… e aquele rapaz! Não os quero ver! Estão mortos! Estão a vir prender-me… Como podem, se estão mortos? Diz-me, por favor, diz-me depressa!"

— "Que mal lhes fizeste?"

— Um outro espírito respondeu:
"Não, não foste fiel. Roubaste o dinheiro que me foi confiado para minha esposa e meu filho, e deixaste-os sofrer. Nunca houve, nem haverá, segredo no mundo. Quando privaste os meus entes queridos do que lhes deixei para o sustento e os deixaste morrer na miséria, eu vi… e todos os teus amigos no plano espiritual também."

— "Não há segredos no mundo? O meu crime conhecido? Os mortos vivos? Também eu deixei o meu corpo físico para encontrar a vida, quando esperava encontrar o nada? Terei de reencontrar todos os que prejudiquei? Não consigo enfrentar o futuro! A escuridão está a tomar conta de mim! Estou a cair! Deus, ajuda-me!"

A sua voz vacilou, lutou por mais palavras… e silenciou. A matéria densa que revestia os seus órgãos respiratórios desfez-se… e ele falou nunca mais.

Tínhamos vivido uma das experiências mais extraordinárias ao alcance do ser humano: falámos com alguém que abandonara o corpo físico… e testemunhámos o seu despertar.

Envolto pela vastidão inquebrantável da floresta canadiana, atravessara a fronteira americana como sempre faço quando os dias se alongam. Longe das estradas do homem, num lugar onde se sente bater o coração do Universo. No silêncio esplêndido, penso com clareza e profundidade.

A casa de troncos, com amplas varandas, ergue-se numa ponta de terra que avança sobre o lago. Pinheiros e bétulas prateadas sombreiam-na ao meio-dia. À esquerda, ilhas cobertas de abetos e vinhas entrelaçadas; a sul, a costa rochosa do continente; a noroeste, bosques, rochas, lagos e rios — e além, pradarias intactas, como a Natureza as deixou.

O vento, enriquecido pelas árvores com propriedades que curam, passa sobre o ponto onde a cabana repousa, a caminho do vale do São Lourenço. Respirar esse ar puro enche o sangue de oxigénio e acalma os nervos.

Há vozes nestes lugares silenciosos. Não as entendo — nem entenderia os caldeus antigos — mas saberia que estavam a falar. À medida que o vento se move pelas árvores e vinhas, os sons que produz são tão variados quanto a fala humana.

Quão belo é o amanhecer perto do coração da Natureza! Cada brisa, cada folha brilha com orvalho ao sol. As águas estão calmas, espelhando rochas e árvores. O mergulhão dá um grito e mergulha, deixando círculos na água — dizem que nunca cessam.

Fui de canoa com o meu guia explorar lagos distantes. Cruzámos a divisória, pescámos em águas raramente tocadas por homem. Ao deslizar pela margem recortada, vi veados saltarem da água; um raposo observava-nos dos arbustos; um robalo negro saltou; e vi o almiscareiro nadar tranquilamente.

Almoçámos na margem, entre pinheiros robustos, com fogo a estalar, bacon perfumado e café aromático. No regresso, ao pôr-do-sol, mergulhei no lago e sentei-me na varanda a descansar. Chegou o crepúsculo púrpura, o silêncio — uma bênção entre o esforço e o sono — e depois, a hora psíquica, quando os pensamentos voam para além.

Cansado, recordava as experiências maravilhosas que tive, os amigos que fiz no além. Tudo era harmonia: o olhar e o cérebro alinhados, as cores da terra e do céu suavizadas. Olhei para a água, para as ilhas, e ouvi… música. Tão distante que mal se percebia — será música? Parecia vir de um vale. Uma orquestra de cordas e sopros tocada por mestres, misturada com o vento entre as árvores e os sons da Natureza, criando uma sinfonia total.

E vi: a lua cheia fazia um caminho prateado sobre o lago — e nesse caminho surgiu uma ponte de luz, vinda da margem oposta até ao ponto onde estava a cabana. Perfeita em forma, mas translúcida, feita de matéria radiante. Sobre ela vinham duas figuras: uma mulher e um rapazinho.

Assustado, despertei. Toquei na cadeira, vi as estrelas. E ainda lá estavam: a ponte, e os que se aproximavam. Fechei os olhos, e tudo desapareceu — tudo menos a ponte e as figuras.

Sozinho na floresta. Tive medo? Sim, ao princípio. Mas depois soube que não via com os olhos físicos — estava a ver com os sentidos. E lembrei-me: os mortos são meus amigos. Não havia nada a temer. Esperei.

A mulher usava vestes brancas, como as gregas da época de Péricles. O rosto… era o da minha mãe! O cabelo caía como dantes, mas sem marcas de idade. O rapaz… o meu filho, que partira em bebé, agora com cerca de cinco anos. A emoção tomou-me — amor, saudade. Levantei-me, corri ao seu encontro com os braços estendidos… mas ao tocá-los, dissolveram-se.

Fiquei sozinho à beira do lago. A água ainda brilhava… mas a ponte e os dois tinham desaparecido. Não dormira um momento sequer. E aquela experiência? Nunca se apagará da minha memória.

Meses se passaram desde essa noite. Mas aquele momento é hoje mais nítido do que qualquer outro da minha vida.

Mais tarde, quando tive oportunidade, perguntei a um membro do nosso grupo espiritual o que fora aquilo. E ele respondeu…

— "Estou familiarizado com o que aconteceu, porque estive presente," disse o membro do grupo espiritual. "Foi uma lição com um propósito. Queríamos que visses algo das condições reais que prevalecem na vida após a morte, como tu lhe chamas, para que pudesses descrevê-las com mais clareza, e através de ti, outros pudessem ter uma pequena noção do que os espera para além do físico.

Antes de responder à tua pergunta em detalhe, quero repetir — e isto não pode ser dito vezes demais — que o corpo que vês e tocas é apenas uma morada, uma veste, usada por outro corpo: o corpo etérico ou espiritual, que é tão substancial como a carne, mas tão refinado, tão intenso e com uma vibração tão elevada que o olho físico não o pode ver, nem a mão senti-lo.

Na morte, assim chamada, o corpo etérico deixa a morada física, cessa de viver no plano físico e torna-se habitante deste plano onde tudo é etérico — ou seja, matéria simplesmente a vibrar mais rapidamente do que aquela que é normalmente visível ao ser humano. Repetimos-te esta ideia, e tu deves repeti-la a outros sempre que tenhas oportunidade, pois é algo inteiramente novo na física e tão além do que o mundo ensina que, mesmo com repetição constante, será difícil de compreender.

Foi com esse objetivo em mente que tanto esforço foi feito para te dar a demonstração que te foi concedida."

O espírito continuou:

— "E agora, respondendo à tua pergunta diretamente: deves saber que não existe tal coisa como 'imaginação', tal como o termo é geralmente usado.

Os dicionários definem-na como 'a capacidade da mente de criar imagens; de formar ou reproduzir idealmente algo previamente percebido; de evocar imagens mentais'. Ora, deve existir o sol antes de existir a sombra, o real antes da imitação, o original antes da cópia, o sujeito antes da fotografia. Ninguém pode imaginar algo que não exista na Natureza. A imaginação precisa sempre de uma base real.

As linhas mentais ou ondas do pensamento etérico normalmente movem-se à vontade através da terra desconhecida e, por via do cérebro subconsciente, captam impressões e sugestões — geralmente indefinidas e intangíveis.

Por não se compreender esta errância da mente no plano mental, criou-se uma conceção inteiramente errada dessa operação psíquica. Mas tudo no Universo é real, é material — e a exploração do pensamento no plano mental é chamada 'imaginação', palavra que vem de 'imagem', 'reflexo', ou 'semelhança de outra coisa'.

Tudo isto conduz à tua experiência pessoal. Aquilo que viste existia de facto. A ponte era real. A tua mãe e o teu filho realmente a atravessaram e vieram até ti, como relatas.

Contudo, não os viste com o olho físico. Estavas sozinho na grande floresta, e à tua volta tudo era natural. Havia harmonia perfeita entre ti e o ambiente; o teu pensamento estava passivo, e nós, ao aproximarmo-nos do teu cérebro, tocámos e despertámos — ou melhor, sensibilizámos — o teu sentido psíquico, e por esse processo tu viste com mais clareza do que com os olhos físicos seria possível.

Apenas em raras ocasiões é permitido a alguém sem a visão psíquica totalmente desenvolvida ver para além do visível — e pode ser que tal visão nunca mais te seja concedida.

A ponte que viste era feita de substância etérica, real e tangível, construída por operação mental e não por mãos humanas. A mente só consegue moldar matéria densa com o uso das mãos, mas as formas etéricas podem ser moldadas e transformadas apenas com o pensamento. Aqueles que viste — a tua mãe e o teu filho — eram mesmo os teus, tinham corpos etéricos e estavam vestidos com vestes etéricas. Como sabes, não estão perdidos; vivem e progridem neste plano mental, à espera de que o teu tempo na Terra se cumpra. E então virá o reencontro, o abraço… e a vida eterna em conjunto."

Quando compreenderá a mente humana que todas as mudanças naturais planeadas pela Inteligência Suprema significam progresso?

Quando teremos nós, como povo, a capacidade de encarar essa última grande mudança com compreensão? Quando seremos suficientemente grandes para pensar na oportunidade concedida àquele que parte, em vez de pensar apenas na nossa perda temporária?

Se o mundo compreendesse que a morte significa viver num ambiente mais esplêndido, e que os que partiram continuam a viver num mundo não menos material do que este, o peso da tristeza e o terrível medo da chamada morte desapareceriam do coração humano.

A ignorância é mãe do medo. Que importa se alguém parte este ano ou no próximo? No além, o tempo não existe — e o progresso é eterno.

CAPÍTULO XX

O PODER DA SUGESTÃO

Os habitantes deste mundo invisível influenciam — e em certa medida controlam — o pensamento e a conduta de cada indivíduo. São mais progressivos do que nós e, não tendo o desejo de acumular riquezas, dedicam-se à aquisição do conhecimento.

Aprofundam-se nas forças da Natureza e, lidando com matéria em estado mais refinado, fazem descobertas — algumas das quais acabam por ser utilizadas no plano físico.

Faraday, que tornou prática a força conhecida como eletricidade, não cessou as suas investigações com a morte; tem sido um fator influente no seu desenvolvimento através de sugestões a quem se dedica ao uso dessa força. Rafael não deixou de pintar os seus quadros sublimes, nem Miguel Ângelo perdeu a sua capacidade de esculpir formas de beleza quando deixou o plano terreno.

Os anos que decorreram desde que partiram têm sido anos de oportunidade e progresso. Mozart, Beethoven e todos os outros músicos que nos deram grandes composições — terão eles descido à escuridão implacável e silenciosa, ou continuaram o seu trabalho, influenciando diariamente outros com novas melodias que enriquecem o mundo?

Milton, Dryden, Pope, Goldsmith, Moore, Wordsworth, Burns, Browning — e mais atrás, Sêneca, Plínio, Plutarco, Epicteto, Tácito, Cervantes — terão produzido os seus escritos e filosofias sem inspiração dos grandes mestres das esferas superiores?

Sei apenas isto: as pessoas do além estão tão próximas de nós, tão sintonizadas com os nossos pensamentos, que é difícil alguém afirmar que esta ou aquela criação é puramente produto do seu próprio intelecto. O progresso deve muito ao invisível.

Robert G. Ingersoll, bem conhecido de mim no além, disse sobre este tema:

"Deixem-me dar o exemplo mais notável da sugestão espiritual: o imortal Shakespeare. Nenhum dos seus pais sabia ler ou escrever. Cresceu numa pequena aldeia entre gente ignorante, junto ao Avon. Não havia nada na paisagem calma e pacífica que visse, nada nas colinas suaves, nos campos ondulantes, ou no rio preguiçoso que inspirasse imaginação. Nada na sua infância preparava terreno para os mais subtis e sublimes pensamentos.

Não há provas de que tenha tido mais que uma educação rudimentar. Foi para Londres jovem, e em poucos anos estava ligado ao teatro Blackfriars, como ator, dramaturgo e gestor. Nunca teve ocupação considerada respeitável à época. Socialmente, estava abaixo dos criados. A lei chamava-lhe 'vagabundo robusto'. Morreu aos 52 anos.

Como pôde tal homem produzir obras daquelas? Isso sempre foi um mistério. Alguns até afirmam que foi Bacon o verdadeiro autor das peças de Shakespeare.

Mas há um detalhe: nenhuma das peças de Shakespeare menciona os seus contemporâneos. Não há referência a reis, rainhas, poetas, autores, soldados, padres ou estadistas da sua época. Viveu num tempo de feitos grandiosos: guerras religiosas, a Armada, o Édito de Nantes, os massacres de São Bartolomeu, a vitória de Lepanto, o assassinato de Henrique III de França, a execução de Maria Stuart — e não mencionou nada disso.

— "O cérebro que concebeu *Timon de Atenas* foi o de um grego, nos dias de Péricles, familiarizado com as tragédias do seu país.

A mente que ditou *Júlio César* habitava a Cidade Eterna, quando César liderava as suas legiões. O autor de *Lear* era pagão; o de *Romeu e Julieta*, um italiano que conheceu os êxtases do amor.

Esse autor teria de ser médico, pois mostra profundo conhecimento de medicina e dos sintomas das doenças; músico, pois em *Os Dois Cavalheiros de Verona* usa todos os termos musicais conhecidos na sua época. Era advogado, porque dominava as expressões jurídicas; botânico, porque nomeia quase todas as plantas conhecidas. Era astrónomo e naturalista, pois escreveu com propriedade sobre as estrelas e as ciências naturais. Era também marinheiro — ou não teria escrito *A Tempestade*. Era homem do bosque, conhecia as profundezas silenciosas da floresta.

Conhecia todos os crimes, todos os arrependimentos, todas as virtudes e suas recompensas. Sabia os pensamentos não ditos, os desejos e os hábitos dos animais. Viveu todas as vidas. O seu cérebro era um oceano, onde as ondas tocavam todas as margens da experiência humana. Foi o espanto do seu tempo — e do nosso.

Poderia algum homem, com aquela educação e vivência, conceber tudo o que ele concebeu? As obras de Shakespeare foram, sem dúvida, escritas pela sua mão, mas as conceções, os dramas e as tragédias vieram de muitos cérebros — transmitidos por sugestão espiritual. Ele foi apenas o instrumento sensível através do qual um grupo de estudiosos distintos, habitantes de várias terras quando em vida, legou à posteridade as sublimes obras do Bardo de Avon."

As obras de Swedenborg foram produzidas da mesma forma. Sardeau escreveu sob sugestão espiritual. De facto, muitas das grandes obras dos chamados "grandes homens" foram, em parte, fruto da ação de mentes do além, que trabalham em conjunto com os vivos para elevar a humanidade.

Sabendo, como sei, da poderosa influência dos espíritos sobre o pensamento do mundo, e de como procuram constantemente esclarecer-nos sobre a mudança chamada morte, pergunto-me que espírito terá inspirado este poema, impresso na mente de um mortal:

"Enquanto a aurora se erguia, pálida e cinzenta,
Ele viu-a mover-se do passado em sua direção,
Os olhos como nos anos idos — cheios de amor,
Suaves com lágrimas contidas.
As mãos, estendidas como em espanto,
Aninharam-se nas dele e ali descansaram, serenas."

— "Querida esposa," murmurou ele, "que sonho feliz é este?
Sinto o teu toque — o beijo tão lembrado
Toca os meus lábios, como quando te aninhavas no meu coração.
Mas isto… não é sono. Será visão que fugirá com a noite?"
— "Não, querido," respondeu ela, "sou realmente eu."

— "Querida, és mesmo tu, sei que sim…
Mas não sabia que os mortos podiam voltar assim,
Com corpo como o nosso — vê, somos tão parecidos!"
— "Sim," disse ela, "na forma, no rosto e nas mãos."

Por um instante ficou calado, abraçando-a,
Como se temesse ir mais longe, pôr à prova…
Depois, apressado: — "Tens de ir embora?"
— "Marido," murmurou ela, "nem noite nem dia."

Então puxou-lhe a cabeça para junto de si,
Tremendo, ele disse: — "Não compreendo…
Julgava que o mundo dos espíritos era distante…"
— "Não," respondeu ela, "já não é, meu amor!"

— "Agarra a minha mão, depressa… assim…
Encosta-te a mim… falta só um passo!"

Os rostos pálidos ergueram-se junto à cama.
— "Fechem as janelas," suspiraram. "O nosso amigo morreu."

Este poema descreve com fidelidade o que realmente ocorre, hora após hora. No momento da transição, à medida que o indivíduo respira pela primeira vez na atmosfera etérica e sua visão se esclarece ao libertar-se da carne, vê os espíritos — "iguais em forma, rosto e mãos" — tão naturais, tão diferentes daquilo que nos ensinaram, que custa compreender.

Mas devemos lembrar: a mudança é natural. Todas as mudanças da Natureza são para o nosso bem, planeadas pela Inteligência Suprema para nos proporcionar maior desenvolvimento e crescimento em direção ao divino.

Sabendo disto, podemos encarar o nascer das novas condições com confiança e coragem.

O homem é parte da Natureza. A sua inteligência, mais ou menos refinada, é parte integrante dessa força que chamamos Deus. Não é necessário dobrar os joelhos diante de nenhum altar; basta saber que somos parte dessa força

inteligente que reina na Natureza — e por isso, é nosso dever não praticar nenhum ato indigno da nossa posição, viver onde crescem os bons pensamentos, esforçar-nos dia após dia por manter a nossa integridade e, por fim, dar o nosso melhor para aumentar essa força chamada Bem — ou Deus.

Em todas as eras o homem procurou a felicidade por caminhos e estradas incontáveis. Uns pensaram que ela residia no trono de um rei, outros que se escondia atrás dos muros dourados do luxo, outros ainda, desesperados, sonharam com um além onde ela seria completa.

Mas há apenas um caminho real para a felicidade: praticar a velha e incomparável máxima:

"Faz aos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti."

Essas palavras sagradas, proferidas sob formas diferentes seiscentos anos antes do nascimento de Cristo, caíram dos lábios do grande Confúcio — e encontram-se hoje em quase todos os livros sagrados do mundo.

CAPÍTULO XXI

JAMAIS UM SEGREDO NO MUNDO

Nunca houve, nem poderá haver, um segredo neste mundo.

Esta é uma ideia completamente nova que, se fosse verdadeiramente compreendida, evitaria muitos crimes e infelicidades e enriqueceria toda a humanidade.

Sempre se acreditou que muitas coisas podem ser feitas em segredo: que alguém pode mentir e ninguém saberá; que se pode roubar ou enganar sem ser apanhado; que um ladrão pode entrar numa casa sem ser visto; que a imoralidade pode existir sem que a sociedade perceba.

Esses males são praticados sob a crença de que podem ser escondidos — e, no plano físico, muitas vezes são. Mas o ser humano foi ensinado que Deus tudo vê e tudo sabe. No entanto, homens e mulheres não acreditam verdadeiramente nisso — caso contrário, os crimes não seriam cometidos nem o código moral violado.

A opinião pública e o medo do julgamento dos outros moldam a conduta mais do que se imagina.

Agora, suponhamos que o ladrão soubesse que, ao roubar, o seu ato seria exposto nos jornais pela manhã e que seria preso de imediato — com a condenação garantida. Cometeria ele o crime?

E se o homem de negócios, ou o banqueiro, soubesse que formar combinações ilegais para defraudar o público o levaria com certeza à prisão?

E se homens e mulheres soubessem que qualquer violação do código moral seria conhecida e censurada numa hora — será que o erro e o crime correriam livres pelo mundo?

Não. Eles fazem-no porque acreditam que são espertos o suficiente para encobrir os seus atos e que nunca serão descobertos. Mas poucos têm ideia de que todos os atos — vou mais longe — tudo é conhecido por aqueles que vivem na vida espiritual e que se interessam pelo nosso bem-estar.

Mas, dirás, eles estão longe.

Não. Estão ao nosso lado. Tocam-nos o ombro. Caminham connosco dia após dia.

É difícil compreender Deus como uma entidade que observa cada ato e conhece o pensamento de mais de quatrocentos milhões de pessoas. Mas é mais fácil entender que a vida após a morte é habitada por aqueles que viveram na Terra, e que eles evoluem ajudando os que ainda aqui vivem.

E, em silêncio, por sugestão através do subconsciente, procuram orientar-nos, mantêm-se ligados aos nossos pensamentos e são testemunhas silenciosas de todo o erro no mundo físico.

— "Não quero dizer que todos os habitantes do além conheçam cada ato errado. O que quero dizer é que cada homem, mulher ou criança tem entes queridos na vida espiritual que se interessam profundamente pelo seu bem-estar, seja qual for a sua posição social.

Os laços de sangue, os vínculos do amor, o interesse dos amigos não se rompem com a dissolução física. O pai, a mãe, o irmão, a irmã, o cônjuge ou o filho — que já conheceram, por experiência, os efeitos terríveis dos erros cometidos — podem aproximar-se de nós, observar a nossa conduta, captar as nossas vibrações mentais e, assim, ler os nossos pensamentos.

Não é natural que tentem travar os nossos atos errados?
Se a humanidade compreendesse esta verdade — que nada é feito realmente em segredo — será que o mal continuaria a ser praticado?

Homens e mulheres são muitas vezes contidos pelo orgulho; só se desviam do caminho da retidão quando julgam que ninguém os vê. Ensina-se esta verdade, e ela ajudará a tornar o lar mais sagrado, esvaziará as prisões, e contribuirá mais do que qualquer outra coisa para a felicidade humana.

As igrejas, por sua vez, ensinam que, mesmo que os pecados sejam escarlates, podem tornar-se brancos como a neve — que há perdão para tudo. Uma seita chega ao ponto de dizer que a igreja detém esse poder de perdão.
Mas o efeito prático desse ensino tem sido, e continua a ser, uma licença para o erro e o crime.

As pessoas cometem erros acreditando que, de alguma forma, escaparão às consequências justas dos seus atos. Já o disse e repito: o mundo não é um caos —

é regido por leis. Para cada efeito, há uma causa. E essa causa obedece a princípios.

Cada ato gera um resultado. Cada pensamento, sendo matéria, cria uma condição à nossa volta, e fica retido numa das mais de dezasseis milhões de células do cérebro. Quando alguém sai desta vida e entra no plano etérico — onde tudo, o bom e o mau, é intensificado além da medida da mente — o armazém do cérebro é aberto, e a pessoa confronta-se com o seu próprio registo.

Nada é esquecido.
O bem recebe recompensa — senão, perderíamos a coragem.
Mas a punição pelos atos errados… é terrível além das palavras.

Cada um carrega o seu próprio fardo. Cada erro cometido será reencontrado e terá de ser reparado, por meios apropriados, até que a restituição seja completa. Isso é difícil. O caminho é longo.

Aquele que acredita que a vida humana é o início ou o fim de tudo não compreende mais do que a toupeira que segue o túnel escavado sob a relva sabe do mundo físico.

Recebi dois ensinamentos centrais dos que me honraram com a sua sabedoria:

Nunca houve, nem pode haver, segredo no mundo. O homem não tem salvador senão a si próprio — e todo o mal que faz, terá de desfazê-lo.

Tudo o que ele deve, terá de pagar.

Outro ensinamento que me marcou profundamente foi este: "Não te preocupes. Prepara-te, isso sim, para enfrentar cada situação no seu momento."

Os obstáculos que encontramos são de nossa própria criação. As dificuldades que enfrentamos são construídas por nós mesmos.

Se possuíssemos toda a sabedoria, seríamos deuses e não cometeríamos erros. Mas ninguém é perfeito neste mundo, e até lá, todos continuarão a errar por falta de sabedoria e discernimento. Esses erros criam os próprios obstáculos sobre os quais tropeçamos.

Mas isso não é uma desgraça.
Os erros são necessários. É apenas ao criá-los e superá-los que ganhamos sabedoria, e aprendemos a evitar as mesmas condições.

São degraus para as alturas do entendimento — e fazem-nos bem.
Encaremo-los com ânimo, e valorizemos a lição de cada um.

Os erros comuns não deviam causar-nos angústia, pois só através deles avançamos. Compreender isso, de forma justa e profunda, tiraria da mente o peso inútil da preocupação.

A calamidade é o estímulo da Natureza.
As provações são necessárias — e disciplinares.
A adversidade é uma oportunidade.

Outras lições preciosas que recebi desta fonte extraordinária:

Não temos o direito de sobrecarregar os outros com as nossas mágoas. Toda a Natureza é otimista, e tudo tende para o Bem. Como o homem pensa, assim ele é.

Há pessoas tão pessimistas que, mesmo diante de dois males, insistem em escolher os dois. Veem mal em tudo, vivem a antecipar desgraças.

A mente é uma força maravilhosa, com uma influência muito além do que imaginamos. Uma pessoa pode fazer muito para tornar o mundo mais feliz.

Mas, também, pode fazer muito para o tornar mais infeliz — espalhando, sem pensar, o seu estado mental para os outros.

E muitos fazem isso por hábito — sem consciência das consequências.

Lembro-me de uma manhã recente, na primavera.
O sol brilhava, o ar era suave.
Os dentes-de-leão abriam os seus corações dourados ao céu.
As túlipas e narcisos bordavam os canteiros.
Os relvados estavam cobertos de verde.
Os pássaros tinham regressado do sul e cantavam, construindo ninhos.

Era uma manhã em que qualquer espírito que não se comovesse com o ambiente… era pobre, realmente.

Saí para a avenida, a caminho do meu escritório, e vi um cidadão conhecido a aproximar-se. Tinha a cabeça baixa, os olhos fixos no chão, a boca cerrada.
A insatisfação e o desassossego estavam estampados no rosto.

O impacto da sua energia ao tocar a minha foi… esmagador. Eu conhecia bem aquele homem. Instintivamente, ao cruzarmo-nos, disse-lhe:

— "Não leves isso contigo para a cidade hoje."

— "Levar o quê?", perguntou, intrigado.

— "Esse semblante que estás a usar esta manhã."

Olhou para mim, espantado, e perguntou:

— "O que tem ele?"

Respondi com gentileza:

— "Está cheio de descontentamento, inquietação e preocupação. Pareces em guerra com o mundo inteiro. Vais deixar infeliz cada pessoa que te vir com essa expressão."

— "Causo essa impressão?", perguntou.

— "Sim," respondi.

— "Não gostaria de provocar isso," disse ele. "Nunca pensei que a minha atitude mental pudesse afetar os outros. É uma ideia nova para mim."

Perguntei-lhe:

— "Já reparaste na manhã de hoje?"

— "Não," respondeu, "tenho estado tão absorto nos meus pensamentos que nem reparei no dia."

Disse-lhe então:

— "Quero que deixes essas preocupações. Olha para cima e vê como o mundo está belo. Sente o privilégio que é fazer parte dele. Ouve o canto dos melros, observa os pássaros azuis, responde às flores. Entra em harmonia com tudo isso. E, ao encontrares os teus amigos, cumprimenta-os com cordialidade. Observa o efeito que isso terá neles — e em ti mesmo."

Ele caminhou em silêncio por um tempo.

A sugestão estava a agir. A mandíbula relaxou, o cenho desanuviou-se, os olhos brilharam, os lábios sorriram.

A sua expressão transformou-se por completo.

Andava agora como um homem diferente, e ao cumprimentar conhecidos com um alegre "bom dia", a sua alegria irradiava.

Outros captaram o encanto da sua presença — o mundo tornou-se mais feliz… e ele também.

CAPÍTULO XXII

A ACTIVIDADE MENTAL

Os pensamentos são coisas. Se não o forem, então são nadas — o que equivale a dizer que o pensamento não existe. Se conceberes uma casa, o desenho que fazes é uma imagem da "casa-mental" que já estava na tua mente antes de traçares o esboço. Vês um recipiente usado para guardar água, e chamas-lhe balde. A imagem desse balde está na tua mente, e ao ouvires a palavra "balde", a tua mente reconhece o objeto porque já o viste ou te foi descrito.

Se disseres "balde" diante de mil pessoas que o conhecem, cada uma delas formará mentalmente a mesma imagem — o balde gravado no seu éter psíquico. A palavra não é a imagem do objeto, mas refere a mente do ouvinte para a imagem já impressa.

Desenhos são coisas. Imagens são coisas. Símbolos são coisas. A partir deles, a mente constrói o objeto no éter psíquico. A casa, o balde ou qualquer outra coisa começa como pensamento — e quando moldado em forma física, é o reflexo material do pensamento espiritual.

É absolutamente impossível que a mente esteja inativa, mesmo por um momento, seja no sono ou em vigília. A matéria que a compõe está sempre em movimento, com uma vibração tão intensa que não pode estar parada nem por um segundo. O cérebro, onde as ideias são geradas, é uma máquina perfeita e em constante funcionamento.

Mas os produtos que emanam dessa máquina só se tornam visíveis quando ganham forma física — e apenas uma ínfima parte das criações mentais chega a ser expressa no nosso mundo.

As emanações mentais de cérebros altamente desenvolvidos aparecem, para os habitantes do além, como linhas de força que se estendem e ondulam a partir do centro da alma. Quanto mais longas essas linhas, mais intensa é a sua vibração — e mais clara a sua aparência.

A luz elétrica ou a gás é, afinal, matéria em combustão com elevado grau de atividade. Assim também as emanações mentais: as que vêm de almas generosas irradiam luz; as de almas egoístas e cruéis são lentas, pesadas — escuras. Como comparar a luz fraca de uma vela de sebo à de uma lâmpada incandescente.

Há mentes tão pouco desenvolvidas que suas linhas de força mal emitem luz — antes lançam sombras na atmosfera etérica.

Há milhões dessas linhas de força fluindo de cada mente continuamente. Elas formam o que chamamos aura. Mas muito do que se diz sobre a aura tem sido quase inútil, porque não se compreende que o pensamento é matéria e que os pensamentos têm forma e substância.

Aceitando esta hipótese, compreendemos que cada pessoa está rodeada por emanações mentais, tal como a rosa exala perfume. Esse perfume pode ser doce e embriagador — ou enjoativo e ofensivo. Quase todos os estados em que o ser humano se encontra têm paralelos no reino vegetal. As linhas de força são claramente visíveis aos habitantes da vida espiritual, que, por observação direta, conhecem o pensamento e o caráter de cada um.

No mundo físico, os nossos olhos não estão desenvolvidos para captar essas vibrações, por serem de alta intensidade. Se estivéssemos, essa perceção mudaria a conduta do mundo.

Mas sentimos os seus efeitos. Instintivamente, captamos a personalidade alheia. As emanações dos outros — tanto encarnados quanto desencarnados — impressionam o nosso cérebro subconsciente. Juntam-se às nossas próprias sugestões, entram na "máquina mental", são avaliadas, aceites ou rejeitadas — e expressas. É um processo tão natural como o bater do coração — e igualmente pouco compreendido.

Poucos sabem explicar como chegam às suas conclusões. Mas, na verdade, linhas mentais de força tocam a nossa mente, entram em contacto com as nossas próprias emanações, e assim, mesmo inconscientemente, recebemos impressões e formamos julgamentos sobre a personalidade de outrem.

A primeira impressão, aquela que sentimos no íntimo sem saber porquê, é quase sempre a mais fiável. Essas linhas mentais têm cor, que depende do seu comprimento. Como não há estagnação na Natureza, estão sempre a mudar: progredindo para a luz ou tornando-se mais escuras.

À medida que o ser atinge um estado espiritual elevado, com bons pensamentos e aspirações, as linhas de força tornam-se longas e graciosas, iluminando a sua presença. Sentimos então que estamos diante de uma boa pessoa.

Os ignorantes, egoístas, dominados por paixões e mau carácter, vivem em escuridão, e o seu ambiente reflete o seu estado mental. Cada um ocupa exatamente o lugar na sociedade para o qual está preparado. Se não fosse assim, a lei de causa e efeito falharia.

Assim, na vida diária, criamos à nossa volta uma condição física e espiritual. Vivemos dentro de uma realidade física e de um campo mental que moldamos todos os dias. E é para dentro desse campo espiritual que passamos quando deixamos o corpo. Sem a veste de carne, continuamos exatamente no estado mental que criámos — e dele não escapamos até mudarmos, com esforço pessoal, o nosso pensamento, e criarmos um ambiente mais elevado.

Há pessoas que levam paz e alegria a um lar. E há os pessimistas, cuja presença lança uma sombra. Na presença deles, até as crianças param de rir. Outros são tão mentalmente tóxicos que evitamo-los. A aparência física, os gestos, o porte — tudo isso reflete o verdadeiro caráter.

Na vida espiritual, sem o corpo físico, o carácter é visível a todos.
Na verdade, ele sempre foi visível para os habitantes do além, que vivem num plano material etérico, onde tudo o que é mental é visível, sempre que entramos na sua zona de ação.

É natural que o ser humano deseje enriquecer-se. Mas ainda temos de aprender o que são as verdadeiras riquezas. O dinheiro é necessário nesta curta jornada terrena — sim — mas a verdadeira riqueza é a felicidade. E essa encontra-se em viver com honestidade, justiça, pureza; em fazer o bem ao próximo e ser fiel a si mesmo.

Quem vive assim torna-se realmente rico — e essa riqueza é já sentida nesta vida.

Por outro lado, o magnata das finanças que enriqueceu com mãos implacáveis, tirando aos outros o que conquistaram com esforço, entra no outro mundo como um verdadeiro pobre, pois o seu "eu" superior não foi desenvolvido. As linhas de força que emanaram da sua mente são curtas e escuras.

Aqueles que viveram vidas razoavelmente boas, passam para um estado luminoso — por eles mesmos criado. Raramente perdem a consciência. Entram num ambiente onde, dentro da sua capacidade, tudo é compreendido. Sem perder tempo, continuam a trabalhar, a aprender a economia das leis da Natureza, a compreender melhor os seus deveres e responsabilidades.

Continuam a fazer parte da força ativa do Universo. Aqueles que viveram de forma egoísta e limitada encontram exatamente o que prepararam: um mundo denso e material. Se construíres uma casa sem janelas, como esperas que entre luz?

Essa é a posição daqueles que chegam às esferas espirituais em trevas. Não é um estado desejável.

Se o mundo soubesse que a verdadeira riqueza e felicidade estão em fazer sempre o melhor que podemos, que a riqueza bem adquirida é aproveitada aqui e levada para o além, o desejo e a ambição da humanidade mudariam num instante.

A má educação é uma tragédia. Principalmente quando se ensina que o dinheiro compra felicidade — ou que o dinheiro é o único objetivo digno de se perseguir.

— Um espírito, ao falar sobre este tema, disse:

"Todos vós emitis uma aura, e se soubésseis as condições que emanam de certas pessoas, muito rapidamente as expulsariam de vossa casa.

Naqueles cuja vida não é estritamente correta, vemos uma aura muito má — turva, confusa, misturada.

As emanações de pessoas com boa saúde variam do branco ao rosa pálido e ao rosa vivo. Quando a aura se aproxima de tons escuros — castanhos, cinzentos, pretos — sabemos que há algo errado.

A aura é influenciada por paixões como o ódio, a inveja, a malícia, a maledicência, a raiva. E quando alguém tenta causar dano a outro, deixa-me garantir-te que se fere muito mais a si próprio do que àquele que pretende ferir.

O poder do pensamento, para o bem ou para o mal, manifesta-se de várias formas. Se várias pessoas concentram um pensamento maléfico contra alguém, o efeito é desastroso. Mas, ao contrário, quando um grupo concentra-se num doente, envia-lhe força vital, energia e poder — e o resultado é a recuperação. É este o princípio por detrás das curas no tratamento da Ciência Cristã: a concentração das linhas de força num ponto específico. O resultado depende do caráter da força projetada.

Um pensamento puro e elevado vai para o éter como um facho de luz, irradiando do centro e espalhando-se no espaço. A mente é matéria. Os pensamentos são coisas. E o processo é tão maravilhosamente ativo que estamos constantemente a formar criações mentais em substância refinada."

Com todo o nosso progresso, ainda só conseguimos ouvir uma fração dos sons que vibram na atmosfera. E só conseguimos ver movimentos lentos e revestidos de matéria física.

Sobre isto, disse outro espírito:

"Podemos ler os pensamentos de outrem — se as condições forem favoráveis — com a mesma clareza com que ledes símbolos de uma língua que estudais. Pensamentos, sendo movimentos da mente, assumem formas específicas e definidas. E quando bem delineados na mente, podem ser claramente percebidos e compreendidos por qualquer espírito em sintonia com quem os gerou."

CAPÍTULO XXIII

O FUTURO DE UMA CRIANÇA

As doutrinas ortodoxas nada nos dizem sobre o que acontece às crianças que deixam o plano terreno na infância.

Quantos milhões de mães já viram os seus bebés — demasiado pequenos para falar — desaparecer num sono sem sonho, depois de um último beijo de amor?

Quantas vezes, com as mãos trémulas que baixam o caixão, ouve-se o eco da ignorância: "do pó vieste, ao pó voltarás", e os corações sem esperança regressam a casas silenciosas — com os brinquedos, a cama vazia, a cadeira sem dono, o vazio no peito, e as lágrimas silenciosas de mil lares a perguntar-se, noite após noite, onde está o bebé… se é que ainda vive.

"O que acontece às crianças que partem tão cedo?",

"Desenvolvem-se em mente e corpo?",

"Voltaremos a vê-las?",

"Reconhecê-las-emos? E elas a nós?",

"Haverá alguém que cuide, ensine, ame? Sentirão falta do amor da mãe?"

Estas perguntas foram feitas ao longo das eras — e continuam a ser feitas todos os dias, em cada casa onde o silêncio de um berço ecoa mais alto que mil vozes. Deixa-me partilhar o que aprendi ao longo de muitos anos de comunicação com o plano espiritual: Reafirmo — e voltarei a fazê-lo, pois é a chave da compreensão — que o bebé, no momento da conceção, já possui um corpo etérico, que é logo revestido por um corpo físico. Esse corpo etérico é feito de matéria — e como matéria não pode ser destruída, o corpo etérico da criança jamais pode ser aniquilado.

Na morte física, o corpo etérico abandona a veste carnal que assumiu na conceção e no nascimento, e torna-se habitante do plano seguinte de consciência, onde tudo é etérico, onde nada do físico pode penetrar. Esta mudança é semelhante a um nascimento. E quando ocorre, há milhares de mulheres no além — que não foram mães na Terra — prontas para acolher o recém-chegado com todo o amor que nunca puderam expressar. Elas — e outras almas de parentes e amigos — acolhem a criança e cuidam dela com infinita ternura.

Deixa-me contar-te um caso que pude investigar pessoalmente. É sabido que crianças até cerca dos três anos conseguem ver espíritos — muitas têm até companheiros espirituais de brincadeira.

Um menino de apenas uma semana de vida faleceu. A sua irmã, com quase três anos, descrevia-o noite após noite: dizia vê-lo no quarto, com duas enfermeiras espirituais ao lado, e também uma mulher — que, descobrimos depois, era a avó falecida.

Ela continuava a ver o bebé mesmo longe de casa. E eu, em várias ocasiões, confirmei com os espíritos o que a menina dizia — e os detalhes batiam certo, palavra por palavra. Com o tempo, antes dos seus quatro anos de idade, ouvi o pequeno irmão falar comigo. Foi uma experiência de imenso valor. As crianças no além são cuidadas como aqui — e até melhor.

Há quem viva para "ser mãe" no mundo espiritual, ensinando as primeiras palavras, cuidando, educando. Sob esse amor desinteressado, as crianças desenvolvem-se em mente e corpo, como se estivessem na Terra. O processo de desenvolvimento etérico é notável.

As crianças necessitam de amor materno também na vida espiritual, e enquanto a mãe dorme, os cuidadores espirituais colocam o bebé etérico junto ao seu coração, onde repousa, absorvendo o amor que lhe é vital.

Quão perto está o além de nós — e como ignoramos isso! Quão frequentemente os seus habitantes nos tocam, nos influenciam, sentem as nossas emoções, recebem as nossas vibrações mentais. E à medida que os filhos crescem no plano espiritual, mantêm-se em contacto connosco — dia após dia. E quando partirmos, reconhecer-nos-ão e virão ao nosso encontro, para nos receber no mundo onde não há noite.

No além existem jardins de infância, escolas, universidades — tal como aqui.

Mas lá, ninguém deixa de aprender por causa da idade. Há grandes auditórios onde os mais evoluídos ensinam as leis supremas da Natureza, e todos são bem-vindos. Os segredos do Universo são revelados — e compreendidos.

E há apenas uma aristocracia nesse mundo: a do caráter desenvolvido, da alma refinada. Medindo por este padrão, quão pobres são os nossos "ricos" aqui. Os verdadeiros nobres da vida futura conquistaram o seu lugar ajudando os que estavam abaixo. Elevam-se… erguendo os outros. Só permanece de pé aquele que se curva para levantar o caído.

Um viajante no plano espiritual falou certa vez sobre as crianças no além:

"Muitas pessoas se interrogam sobre o estado e a condição das crianças no mundo espiritual, e é sobre esse tema que quero falar esta noite. Milhões de crianças de todas as idades passam para o mundo espiritual todos os anos. Algumas partem com poucos dias ou semanas de vida, outras já discernem entre o bem e o mal. É natural querer saber: *o que fazem elas na vida espiritual?*

Desde logo, é importante saber que existe uma lei divina no mundo dos espíritos: todo aquele que parte da Terra antes de atingir a maturidade, crescerá no espírito até atingir a estatura de um adulto. Sim, até o bebé que te foi tirado crescerá em mente e espírito do outro lado da vida.

Médiuns videntes e clarividentes relataram, repetidamente, aparições de crianças em espírito, reconhecidas pelos pais — mas anos depois, quando essas mesmas crianças são vistas novamente, parecem mais velhas, e isso surpreende muitas vezes os pais, que não compreendem porquê.

A explicação é simples: a forma como os espíritos se apresentam é adaptada para que possamos percebê-los com os sentidos físicos — e, portanto, vemos o seu crescimento como ele é de facto.

"Tenho medo de que muitos, no vosso plano terrestre, negligenciem as suas responsabilidades para com os filhos.

Se Deus vos deu uma flor preciosa como uma criança, cabe-vos a responsabilidade de a orientar espiritualmente, por exemplo e por ensinamento. Assim, um dia, ela estará convosco no Reino dos Céus e rejubilará com a lembrança de ter sido guiada com amor.

Mas muitos são descuidados. Esquecem que a criança observa muito mais o que fazemos do que o que dizemos. E asseguro-vos: se negligenciarem as vossas responsabilidades, pagarão o preço quando chegarem ao mundo espiritual."

Muito pouco se fala sobre o que acontece às crianças que partem cedo.
O mundo ainda sabe quase nada sobre isso.

Mas "não há bênção maior para os pais do que saber que os filhos que partiram — cujos corpos eram frágeis demais para suportar a vida terrestre — não se perderam.

No além, continuam o seu crescimento e desenvolvimento, sob o cuidado amoroso de homens e mulheres devotados ao bem, que ali encontram a sua maior alegria — e, com isso, enriquecem-se espiritualmente. E aqui, uma advertência comovente:

"Não cometas assassinato. Sabe que, no momento da conceção, um átomo etérico — uma forma minúscula mas perfeita — é individualizado a partir da massa universal do Bem. E independentemente de o nascimento ser natural ou prematuro, essa vida já começou a sua jornada de regresso a Deus. Nenhuma força do Universo pode alterar esse destino.

Fui informado de que milhões de crianças entram diariamente no mundo espiritual sem terem tido uma experiência física completa na Terra, porque mães sem coração — com a ajuda de médicos indignos — cometem inúmeros abortos. Esses atos são mais terríveis do que o homicídio de um homem adulto — porque o feto é indefeso, inocente, e interrompido antes mesmo de respirar. Se esta informação puder impedir uma única mãe de tirar a vida ao seu filho — sangue do seu sangue, osso do seu osso —, ou impedir um médico de cometer esse crime, muito sofrimento será evitado.

A poetisa Ella Wheeler Wilcox, talvez sem saber o quão fundo atingiu, descreveu essa realidade em *"A Balada dos Mortos que Não Nasceram"*:

"Eles andavam no vale dos mortos,
Banhados por uma luz estranha e pálida,
Não faziam som, nem diziam palavra,
E estavam lívidos de medo...

*Então ouviram um riso cruel —
Como um chicote de fogo nas trevas...
E viram, além, um lugar onde almas injustiçadas esperavam...
Ali estavam os espíritos chamados à Terra pelo amor,
E expulsos por ódio..."

Cada mulher via, então, o espírito do seu filho —
A alma que ela rejeitara,
Antes mesmo que respirasse no mundo materno.
E fugiam, aterradas, da presença dos seus filhos por nascer...

E o Anjo de Deus, que distribui as almas,
Ria — com o riso que amaldiçoa,
E disse:
"Nem o Inferno tem castigo que se compare a este escárnio."

Então, as crianças fantasmas perguntaram ao Anjo:
"Quem eram aquelas que desceram à Terra?
Têm algo a ver connosco?"

E o Anjo respondeu:
"Não, não têm parte convosco — foram apenas passantes."

"Mas podemos rezar por elas?", imploraram os pequeninos.

"Sim," disse o Anjo, "porque elas precisam, mais do que ninguém, das vossas preces."

"Quero contar-vos," disse um mestre do plano espiritual,
"a história de uma criança abandonada que nos chegou ainda bebé.

Nós a ensinámos, protegemos e educámos nas condições puras do nosso mundo até que ela se aproximasse da idade adulta. Mas… ela não tinha contrastes. Não podia compreender o valor da pureza ao seu redor, pois nunca conhecera o oposto. Então, fui instruído a trazê-la de volta à Terra — temporariamente — para que ela conhecesse os ambientes do mundo que não viveu.

No início, ela mal suportava ver as condições grosseiras da Terra. Não entendia como os humanos podiam viver em ambientes tão densos, tão escuros. Mas à medida que a guiei por situações que teria vivido se tivesse permanecido no corpo físico — fiz-lhe ver:

"Se tivesses vivido aqui, estarias como eles. Eles parecer-te-ão grosseiros agora, mas quando chegarem ao espírito, também irão melhorar, até alcançarem o estado de paz que hoje é o teu."

Encontrámos então alguém cuja experiência terrena lhe dera sabedoria, e a menina disse:

"Aquele parece diferente." E eu expliquei: "Sim, recebeu uma formação mais elevada."

Visitámos depois locais onde havia crianças pobres e ignorantes, assim como filhos dos ricos e instruídos. E ficámos tempo suficiente para que ela aprendesse as grandes diferenças entre os ambientes das crianças na Terra e os da vida espiritual.

Essa menina só conhecia a inocência e a luz. Foi preciso muito tempo até que pudesse reconhecer — mesmo minimamente — a realidade do mundo físico.

— E, tendo aprendido sobre os métodos de ensino nas instituições terrenas, prosseguimos a nossa investigação, até chegarmos a uma grande igreja ortodoxa. Lá, misturámo-nos com a congregação, invisíveis.

A jovem, agora quase mulher, observou:

"Este templo não se parece nada com os nossos. O que se ensina aqui?"

As cerimónias começaram. Eu disse-lhe para ouvir com atenção o sermão do ministro, pois ali teria uma visão fiel da experiência média da prática religiosa na Terra — e compreenderia como há ainda tanto por fazer, com mãos corajosas, do lado espiritual. Mas à medida que o pregador falava, de forma metódica, dizendo à assembleia o que considerava essencial para alcançar os "reinos superiores do espírito", a jovem não conseguia aceitar as suas palavras.

Criada no mundo espiritual, ela não aprendera nada que estivesse em sintonia com os métodos da igreja para preparar as almas para a realidade futura. As palavras do ministro pareciam-lhe grosseiras, erradas, desconectadas de tudo quanto ela sabia e vivera no mundo do espírito. Sentiu vontade de sair. Mas eu insisti para que permanecesse — a sua missão futura exigia conhecer melhor as condições da Terra, e a preparação (ou falta dela) que os humanos faziam para a vida do espírito.

Por fim, resolvemos visitar aqueles que, recentemente, haviam deixado o plano terrestre, após terem sido formados por esse tipo de ensino — para ver os resultados.

E assim, continuámos a nossa jornada.

CAPÍTULO XXIV

AS REALIDADES DA VIDA APÓS A MORTE

Depois do nascimento, a morte é o maior privilégio que se concede à humanidade. Sem a morte, haveria velhice eterna, debilidade sem fim, pobreza, dor, sofrimento permanente. Mas graças a ela, abre-se a vida esplêndida, que prossegue através dos séculos — com progresso, juventude eterna e vigor. Essa é a herança de todos os que já viveram ou viverão. É o dom trazido pela dissolução do corpo físico.

"Considerando fisicamente," disse um espírito, "no momento da separação final entre o corpo físico e o corpo espiritual, não há qualquer desconforto. Quando o corpo etérico se liberta através da morte, a dor cessa. Segue-se um breve período de inconsciência — como um sono. E então vem o despertar, o retorno da consciência.

"Esta é a verdadeira ressurreição.

E o início de uma vida perfeita, impossível de alcançar enquanto habitamos a Terra.” Tive novamente o privilégio de falar com um desses habitantes do além. A sala onde conduzia as minhas experiências era intensamente escura, e como sempre, estávamos apenas Mrs. French e eu. A tensão mental cedeu por um instante, tornando-se passiva, e então, daquele silêncio profundo, surgiu a voz grave de quem pronunciou estas palavras.

Disse-lhe:

“Disseram-me que a vida espiritual é extremamente real, e que aí tudo é tão tangível quanto era entre nós. Podes dizer-me algo sobre a matéria que compõe esse plano em que vives?”

Respondeu:

“O cientista mais erudito da Terra não compreende verdadeiramente as propriedades da matéria — seja ela visível ou invisível. Eu próprio, que me dedicava ao estudo, “nunca concebi que aquilo que chamamos de espaço fosse, na verdade, preenchido por matéria viva, inteligente, vibrando numa frequência mais elevada.”

“Assim, ao tornar-me habitante deste plano, eu não estava minimamente preparado para compreender o ambiente material em que me encontrava.”

Perguntei-lhe então:

“Como foi o teu despertar? Como percebeste o mundo ao recobrar a consciência?”

“Houve um reencontro com os meus — vieram dar-me as boas-vindas, tal como o fazem quando alguém regressa de uma longa viagem. Os corpos deles já não eram densos como quando estavam na Terra, mas iguais ao meu. Disseram-me que aquele corpo que agora habitava — tal como o deles — era o mesmo da vida terrena, apenas despido da carne.

Que essa mudança é necessária para se entrar na vida superior. E que o corpo espiritual, mesmo enquanto vivemos na Terra, tem continuidade — sendo a transição apenas uma libertação. No novo plano, tudo é etérico: matéria em vibração perfeita com o nosso espírito. E tudo me pareceu absolutamente natural — ao toque, à visão, ao sentir.”

“O corpo de carne,” explicou, “não é suficientemente sensível para sentir.

Apenas o corpo etérico possui verdadeira sensação.” Quis que compreendesse que não houve perda de consciência — nem mental nem sensorial. A aparência física era semelhante, mas mais leve, translúcida, com contornos definidos.

A mente estava clara. A idade desaparecera. Estava, como disse, pleno de si mesmo, sem nada a mais ou a menos.

"O que mais me impressionou," prosseguiu, "foi a realidade e tangibilidade de tudo e de todos. Cada ser com quem me cruzei tinha um corpo igual ao meu.

Reconheci amigos e conhecidos facilmente." E depois partilhou uma descoberta extraordinária:

"Matéria, quando extremamente refinada e vibrando em níveis mais altos, é capaz de pensar e agir com inteligência. Tenta absorver esta ideia — foi difícil para mim no início. Tudo no Universo é vida. Não há mais nada senão vida. Esse facto, que agora conhecemos bem, vai derrubar todas as teses da ciência atual." Durante dois milénios de ensino ortodoxo, não se deu uma única lei que explicasse como a vida individual poderia continuar após a morte. A teologia afirmou essa continuidade sem nunca explicar o "como" ou o "onde". E isso já não satisfaz o coração e a mente humana — o que justifica a inquietação crescente por todo o mundo.

Por isso, ele disse, os espíritos têm-se empenhado em explicar a continuidade da vida: De forma simples. Baseada em lei natural. Acessível a todos. chave para a compreensão é perceber:

"A Terra não contém toda a matéria do Universo. Aquilo que vês e tocas é apenas a substância que a vida usa para crescer. Quando se abandona a condição terrena — e se deixa o corpo físico — o ser deixa de ser mortal.

Dizemos que se torna imortal… "Consideras o telefone maravilhoso", disse ele, "a telegrafia sem fios ainda mais extraordinária, mas nós comunicamo-nos uns com os outros apenas por projeção de pensamento. Consideras o fonógrafo um instrumento prodigioso, mas ele é rudimentar em comparação com os instrumentos que usamos entre nós. Quando compreenderes a verdade de que vivemos num estado tão material quanto o vosso, entenderás que, com a nossa maior antiguidade e experiência, estamos muito mais avançados do que vós, e fabricamos e utilizamos aparelhos e instrumentos que dificilmente poderiam ser explicados à mente mortal. Noutra ocasião, poderei ter permissão para discutir este assunto de forma mais aprofundada."

Não existe no universo um único grande problema que o homem possa afirmar, com verdade, ter dominado por completo, que não reste nada por descobrir sobre ele. As leis que regem este mundo são universais e estão em vigor noutros planos e esferas, bem como neste; controlam todos os sistemas solares e mundos no espaço; por isso, uma compreensão completa dessas leis e da sua aplicação exige mais do que uma vida mortal. Se assim não fosse, a perfeição seria praticamente imediata e sem processo, e os homens tornar-se-iam deuses aqui e agora. Os homens mais brilhantes que alguma vez viveram sabiam muito pouco sobre as leis naturais e sobre a origem e o destino do ser humano. Até hoje, pouco se fez no sentido de os desvendar.

A Terra ainda é tão rudimentar, os nossos sentidos tão embotados e a nossa visão tão limitada, que falhamos em perceber as emanações e os movimentos da matéria subtil à nossa volta, ou o jogo incessante de forças que nos rodeia. De um simples raio de luz emanam milhões de eletrões e corpúsculos, os constituintes básicos da matéria, mais pequenos do que o átomo de hidrogénio; estes, golpeando

incessantemente, passam por nós e através de nós na sua eterna luta contra a escuridão, mas não os sentimos.

Não temos consciência da vibração e da flexão da crosta terrestre sob os nossos pés, causadas por mudanças de temperatura ou pela pressão das ondas atmosféricas, nem ouvimos as fermentações e oxidações do solo ao longo das estações. Ainda hoje, desconhecemos a natureza exata do éter, que um investigador recente considera omnipresente e omnipotente. Vemos a ação da gravidade, mas nada sabemos sobre o meio através do qual ela atua. Ouvimos o vento a sussurrar entre as árvores; mas não escutamos o rugido da seiva que sobe pelos troncos e ramos, a explosão dos botões florais ao romperem o ar, ou a linguagem das árvores, flores e ervas que crescem entre si; e, no entanto, a vida, onde quer que exista, tem linguagem própria.

As vibrações vindas do abismo do espaço chegariam aos nossos ouvidos se estes tivessem mais e maiores oitavas, ou se a nossa capacidade de captar som fosse imensuravelmente ampliada; não ouvimos o clangor dos planetas ao percorrerem as suas órbitas, as detonações explosivas do sol, a dança e o canto selvagem das nebulosas, a nota de aviso dos cometas, nem o turbilhão da matéria errante da qual nascem os mundos — tudo isto deve emitir impulsos e tremores através do éter até ao nosso planeta. Estamos, em todos os momentos, mergulhados num grande mar de forças intensamente ativas e potencialidades, regidas por uma lei que mal conseguimos conceber.

Ao nosso redor, embora invisíveis para a maioria, vive e move-se uma nação — ou melhor, muitas nações — de espíritos, "que vivem e existem", mais industriosos, mais ativos, mais intelectuais e mais enérgicos do que nós; tão intensa é a sua vibração que normalmente não sentimos o seu toque, não ouvimos as suas vozes, nem vemos as suas formas; mas é possível criar condições, e elas já foram criadas, que, apesar das nossas limitações, nos permitem comunicar com eles e saber ao menos algo sobre como e onde vivem, e o que fazem.

Há tanto na natureza que não compreendemos, será então de admirar que, mantendo os olhos tão presos ao chão, ainda não tenhamos descoberto este mundo espiritual? Criámos condições que tornaram possível saber um pouco sobre esses outros seres, e, mesmo que muitos ainda não tenham tido essa evidência, isso não invalida a verdade da descoberta, que deverá permanecer para sempre como mais um facto somado ao total do conhecimento humano.

A possibilidade de comunicação entre os mortais e os que habitam o mundo dos espíritos foi provada além de qualquer dúvida; e agora cabe aos homens de génio descobrir novos métodos, e trazer para este novo campo de investigação a mesma ação inteligente que se aplica às ciências ditas menores, aumentando assim o nosso conhecimento do espírito, tal como aconteceu com o mundo material.

Aqueles que, por ignorância ou preconceito, desprezam uma nova descoberta e impedem a sua consideração justa, são inimigos da civilização. Chegou o tempo do homem ser livre e pensar por si próprio. Nem os ensinamentos dos chamados mortos, nem as conclusões dos vivos, podem alterar os factos ou anular uma única lei natural. A verdade não tem juventude nem idade; é, e sempre foi, irmã da

razão; não precisa da ajuda da fama nem da ciência; nunca esteve nas mãos de uma classe particular de homens; é herança de todos os que vivem.

Que esta verdade penetre fundo no coração humano: o pensamento individual deve ser sempre mantido limpo e puro, pois esta nossa mente maravilhosa e sempre ativa está, dia após dia, a lançar a lançadeira através da teia da vida, tecendo incessantemente o tecido da condição que há de vestir a alma nua no limiar da vida futura — e aqueles que estão no além vigiam junto ao tear.

Desta grande fonte, aprendi e sei que a ponte da morte já não assenta nas nuvens da esperança, mas sobre grandes pilares de conhecimento, e o coração aplaude o cérebro quando este trabalha para aumentar a força do bem universal. A matéria é eterna, apenas a forma é nova, e aquele que ontem, cheio de saúde, enfrentava as tempestades da vida com esplêndida coragem, e cujo corpo hoje repousa no abraço da mãe Terra, não é exceção à regra.

Tudo o que era matéria, como usamos o termo — a veste exterior, tudo o que lhe dava expressão física — misturar-se-á com a substância da qual foi formado; mas o seu espírito é eterno, a sua progressão será contínua, e o seu horizonte alargar-se-á à medida que atinge a esfera seguinte. Sei que, até aos limites desse plano onde primeiro habita, a voz humana pode alcançar, o pensamento pode chegar.

Os chamados mortos vivem aqui ao nosso redor, conhecem as nossas tristezas e sofrem connosco. Partilham da nossa felicidade, conhecem as nossas esperanças e ambições, e, por sugestão, através do nosso cérebro subconsciente, influenciam a nossa conduta diária. Sei que toda esperança, ambição e desejo da Terra continuam para além desta vida, assim como o peso das faltas. Sei que somos agora tanto espírito quanto alguma vez seremos; que na morte, assim chamada, apenas deixamos e descartamos a matéria grosseira que nos dá expressão neste plano físico.

Em torno deste nosso mundo material, e dentro dele, existe, de facto, o universo psíquico ou espiritual, mais ativo e real do que este, povoado por todos os chamados incontáveis mortos, que nunca morreram, que, já não carregando um corpo físico, se movem à vontade dentro dos limites da sua esfera — e da nossa — naquele que nos parece espaço.

A vida deles é ativa. Todas as novas condições, todas as grandes leis pelas quais se regem, devem ser aprendidas, e apenas pelo esforço individual podem viver de forma inteligente e plena. Sei que um ato errado na vida terrena deve ser revivido na seguinte, e vivido corretamente, antes que seja possível o progresso; que o trabalho é muitas vezes longo, mas que famílias e amigos, com o tempo, se reencontram e retomam o fio onde ele foi quebrado.

Ouvi-os conversar entre si e comigo; muitos homens e mulheres eminentes, a meu convite, ouviram o mesmo que eu ouvi nas condições materiais que criámos. Sei algo sobre a democracia da morte, e que toda a humanidade começa a ouvir e a marchar ao som da música silenciosa da razão.

Sei também que o maior dever de cada um é contribuir com o que pode para o bem-estar de todos; um homem rico em bens materiais pode ser mentalmente pobre numa terra de oportunidades, e esta nossa vida individual, quer tenha nascido no palácio ou na choupana, não importa como se curva, serpenteia e desce entre os montes no seu curso desde o alto da montanha até às terras do vale, jazer por vezes em poças estagnadas de ignorância e vício, apodrecendo ao sol, deve um dia alcançar o grande oceano da vida eterna, de onde veio, limpa e pura. Devemos sempre procurar com olhos atentos as gemas da verdade, e aquilo que encontrarmos, devemos ter a coragem de expressar.

Algumas vidas mortais são vividas de tal forma que se destacam como árvores em chamas à beira de margens verdejantes e arborizadas onde as águas batem com ondas incessantes; outras, como o matagal no interior da floresta sem fim, permanecem desconhecidas, mas todas devem, conforme as leis imutáveis da progressão, alcançar um dia o pleno desenvolvimento, que é herança de todos: esta é a lei da vida.

Sei que no reino da mente não pode haver imposição pessoal; que não há outro Deus senão o bem universal; nenhum Salvador senão o próprio ser; nenhuma trindade senão a matéria, a força e a mente.

Vejo o bem em cada ato de bondade, em todas as palavras de sabedoria que caem dos lábios humanos, e para mim, todo o bem que existe no mundo é Deus.

No dia 24 de junho de 1912, na sua casa em Rochester, Nova Iorque, Emily S. French, a mais perfeita médium dos tempos modernos, deixou este nosso mundo. Tinha já passado o marco dos oitenta anos na estrada da vida e, cansada do peso das boas ações e de muitos anos vividos, atravessou a ponte dourada da vida para a vida.

Naquele dia de junho, enquanto eu assistia à despedida do que restava de mortal da minha amiga, a memória levou-me de volta a um outro tempo. Vi de novo a sepultura aberta da minha mãe, senti novamente o vento cortante e o frio de outra morte — uma sensação nascida da ignorância — e recordei a minha resolução, tomada muito cedo, de resolver o enigma da dissolução. Mais uma vez me vi ali, rodeado de colinas e vales coroados e cobertos de verde, caminhos sinuosos, lagos e ribeiros, árvores, arbustos e flores; e quando o caixão foi baixado, os raios do sol, ricos e quentes, caíram sobre ele, e os pássaros cantavam alegremente nas árvores.

Com alegria no coração, nós, entre os muitos que ali estavam para desejar à Sra. French boa viagem, regressámos a casa, pois esta boa mulher — uma entre milhões — partira para a próxima vida com conhecimento absoluto das condições que a aguardavam. Ela sabia que a morte não era o fim, mas sim a porta aberta.

"Alegre por ela ter partido?", pergunta alguém. Sim, pois é o mais glorioso privilégio do ser humano, após uma longa e preenchida carreira, quando as sombras se alongam, passar para uma vida mais intensa e abrangente.

Mrs. French nasceu dotada daquilo a que Crookes chamou "força psíquica"; desde a infância que tinha capacidades invulgares. Não se lembrava de alguma vez não ter visto pessoas e ouvido vozes que outros não viam nem ouviam; por isso, em criança, era considerada estranha. Houve um período na sua juventude em que, com um lápis em cada mão, escrevia simultaneamente sobre assuntos diferentes, mantendo ao mesmo tempo uma conversa com facilidade. A escrita automática não era então conhecida nem compreendida, e a sugestão de que o além era habitado por pessoas, tal como este mundo, ainda não tinha despertado na nossa mentalidade.

Mais tarde, na sua presença e sob certas condições, surgiram vozes independentes — ou seja, descobriu-se uma forma de tornar os órgãos vocais dos chamados mortos audíveis, revestindo-os de forma que pudessem falar no nosso ambiente físico —, e assim se fez a descoberta de um outro plano habitado por todos os incontáveis mortos, onde a individualidade é efetivamente preservada — um mundo tão real e tangível quanto este.

Tive a sorte de conhecer a Sra. French cedo, e o pacto então formado foi fielmente cumprido até ao fim. Ela era tão ansiosa quanto eu por compreender o jogo das forças que se manifestavam na sua presença, e, sem nunca aceitar qualquer pagamento, oferecia livremente o seu tempo e energia para que, através dela, o bem pudesse chegar não só aos vivos, mas também àqueles que já habitavam o além. A ideia de receber dinheiro por esse serviço era-lhe repugnante, e ela dedicou a sua vida à libertação da mente, para quebrar os grilhões da superstição e tornar a humanidade melhor através de uma vida mais consciente.

O seu trabalho deu ao mundo uma nova descoberta, e o seu esforço abriu a porta à Terra Desconhecida. O seu amor estendia-se aos que sofriam — aos desafortunados, ricos, pobres e ignorantes —, e apesar do seu imenso poder, era como uma criança: sincera, franca e cheia de esperança como a primavera, sempre a emprestar o sol de amanhã para alegrar o presente. Via para além do véu, onde os modos de movimento eram demasiado rápidos para a visão física; conhecia as necessidades dos outros e a sua caridade abrangia-os, e com o passar dos anos, à medida que os resultados se tornavam mais evidentes, a censura deste pequeno mundo já não feria.

A sua passagem pela vida terrena foi muito longa. Durante muitos anos, os seus ouvidos físicos deixaram de captar sons; o seu corpo tornou-se mais delicado e refinado à medida que a força vital se esvaía. Alguns anos antes da sua morte, ficou cega, e toda a beleza do mundo físico foi-lhe vedada — mas o nosso trabalho maravilhoso continuou. Perto do fim, cansou-se de fazer o bem, e enfrentou a mudança com confiança e coragem.

Mrs. French partiu para o outro mundo com alegria, pois a sua visão psíquica já tinha contemplado as glórias do seu novo lar; tinha mais amigos lá do que aqui, e ouvira frequentemente as vozes do marido, que deu a vida pela união do país, e do filho que partiu quando a juventude atingia o seu auge. Não entrou como estranha numa terra desconhecida, mas como alguém familiarizado com o caminho, pois do outro lado da fronteira esperavam-na, com mãos estendidas e palavras de boas-vindas, milhares que haviam sido ajudados pelos seus esforços.

A memória de Emily S. French é como uma bênção. Sobre cada berço, a Natureza inclina-se e sorri, e neste segundo nascimento, fá-lo da mesma forma. Tornou-me seu amigo pela sua honestidade; tornei-me seu amigo pela minha justiça, e assim trabalhámos, durante mais de vinte anos, para aprender a expulsar o medo da morte do coração humano. Envelheceu segundo os padrões do tempo, tornou-se frágil e cega; contudo, a sua coragem e devoção nunca enfraqueceram, e no fim, sorriu e enfrentou o amanhecer da vida eterna.

Ela foi um instrumento através do qual trabalhou um grande grupo. Na sua presença, com as condições necessárias, as pessoas do plano seguinte falavam — e nunca mais se poderá dizer: "Os mortos nada sabem."

Não posso divulgar o conhecimento obtido através da instrumentalidade de Mrs. French sem antes lhe prestar esta homenagem. Foi a mulher mais nobre que conheci; era honesta e corajosa; enriqueceu-se ajudando os outros. Ajudou a estancar lágrimas que escorriam de rostos sulcados e olhou a ignorância e a superstição com compaixão. Compreendeu que toda a miséria e toda a pompa perdem importância na democracia da morte, e que apenas o carácter sobrevive. A ela, no grande além onde agora habita, envio o meu amor. — Voltaremos a encontrar-nos.

FIM